

Esta edição é dedicada às inutilidades que agradam o viver.

iátrico

Agosto a Dezembro - 2007 | nº 21

Ora, direis, inutilidades!!!

Índice

- 4** **TRILHA SONORA**
Padrão de referência: grandes estilistas
- 12** **QUESTIONÁRIO**
O melhor da música
- 15** **TEMPESTADE DE RITMOS**
O passado que fica
- 18** **GOSTO DE OUVIR**
O rastro do melhor na música erudita
- 22** **INUTILIDADES QUE AGRACIAM**
Do inútil ao útil
- 23** **BRILHO NA MEIA-IDADE**
A transformação do prazer
- 36** **GALERIA**
A vez dos impressionistas
- 42** **SEM CULPA E SEM VERGONHA**
A etiqueta violada
- 45** **ORTOTANÁSIA**
A ética em desenvolvimento

REPTO

Diletos leitores, ajudem-nos. O Conselho Editorial do *Iátrico* sabe pouco acerca do que pensam sobre a revista. Comunicuem-se.

Esta edição é dedicada às
inutilidades que agraciam o viver.

A CAPA

Este é um Iátrico colorido. Colorido por flores, árvores, passarinhos, por jardins. Colorido por música e poesia. Ora, direis, quantas inutilidades. Ocorre que somos salvos pelas inutilidades. O trabalho é apenas um meio, útil claro. Necessário, essencial. Sem o trabalho o mundo não progride, não sentimos a realização de um planeta que necessita urgentes aperfeiçoamentos. O trabalho é o meio para essa realização. Jardins, música, poesia, são um fim em si mesmo. São desfrute, graça. Enchem o espírito do que temos de melhor, o ócio criativo. Do qual saem não apenas fruição, mas idéias, reflexões, enfim, o compromisso com o outro. O *homo faber/sapiens* é também o *ludens*. O homem completo. Completo de paixão pela vida. As araucárias também são suas, dileto observador de belezas, naturais ou científicas. É capa de médico para doutores da natureza humana.

O Editor

ENSAIO FOTOGRÁFICO

O ensaio do Iátrico é coisa de médico. De médico premiado e sensível. Arguto observador da natureza. Que nos premia com belezas paranaenses.

Carlos Ravazzani.

EDIÇÕES ANTERIORES

Confira as edições do Iátrico no site do CRM-PR: www.crmpr.org.br

iátrico

PUBLICAÇÃO CIENTÍFICO-CULTURAL DO CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ.

Edição nº 21 - Agosto a Dezembro de 2007

CRM-PR - Rua Victorio Viezzer, 84 | Vista Alegre | Curitiba-PR | CEP 80810-340 | Fone: 41 3240-4026 | E-mail: iatrico@crmpr.org.br Conselho Editorial: João Manuel Cardoso Martins, Gerson Zafalon Martins (presidente do CRM-PR), Luiz Sallim Emed, Donizetti Dimer Giamberardino Filho, Hécio Bertolozzi Soares, Ehrenfried O. Wittig e Hernani Vieira. Editor-Coordenador: João Manuel Cardoso Martins (Prof. da PUCPR e membro da Academia Paranaense de Medicina) Projeto Gráfico e Diagramação: Upper Comunicação (41 3024-0674) | Impressão: Serzgraf (41 3026-9460) | Tiragem: 20.000 exemplares

Iátrica ao leitor: sobre trabalho e inutilidades



Fazer o Iátrico dá trabalho? Claro que sim.

O trabalho é sempre um meio para se alcançar uma utilidade exterior. Ao fazê-lo com esforço e seriedade, queremos uma recompensa: que sirva de prazer ou reflexão aos nossos leitores. Como vedes, um valor externo. Claro que o trabalho é um dos mais importantes *meios* para a sociedade e um dos mais poderosos para a formação do indivíduo. Sem os esforços do trabalho a humanidade não teria evoluído em exigências morais ou conhecimento técnico. Mas que fique claro, não é um fim em si, não é um valor moral, aquilo que vale por si só, que se esgota em si, como o amor, a justiça ou a liberdade.

O trabalho também não é um prazer. A maioria dos trabalhos são duros, difíceis, cansativos e, portanto, não prazerosos. O trabalho tende ao descanso, ao lazer, esse sim, digamos como uma brincadeira, ou um jogo, podem se bastar a si próprios, ser auto-suficientes. Então, o trabalho não é um valor e não é um prazer. É um simples meio. Que, como todos os médicos sabem, já que a maioria trabalha

duro mais de 12 horas por dia, pode ser um massacre físico e mental. E a única coisa que tem de útil, já que é um meio, é o seu valor mercantil. É o quanto vale. É um meio para se alcançar a subsistência, o viver com decência, a possibilidade de continuar evoluindo no conhecimento humano e científico.

Esse o trabalho que liberta, o que cria possibilidades para quem o pratica e para quem é seu beneficiário, o paciente.

Então, enquanto salário, proventos, honorários, é um meio para o descanso. Para as inutilidades que se bastam a si próprias. A linguagem, da simples conversação, do papo fora, a um conto, romance ou poesia. A música, com a riqueza de sua variedade de ritmos e arranjos. Ou o simples “dolce far niente”, criativo ou não, reflexivo ou não.

Portanto, nem a idolatria do trabalho nem a apologia da preguiça, como tão bem escreveu André Comte-Sponville em *A Natureza Humana*, com desenhos de Sylvie Thybert, onde deita reflexões sobre as diferentes idades da vida. O capítulo sobre o trabalho é belíssimo, e dá ensejo a esta Iátrica ao leitor.

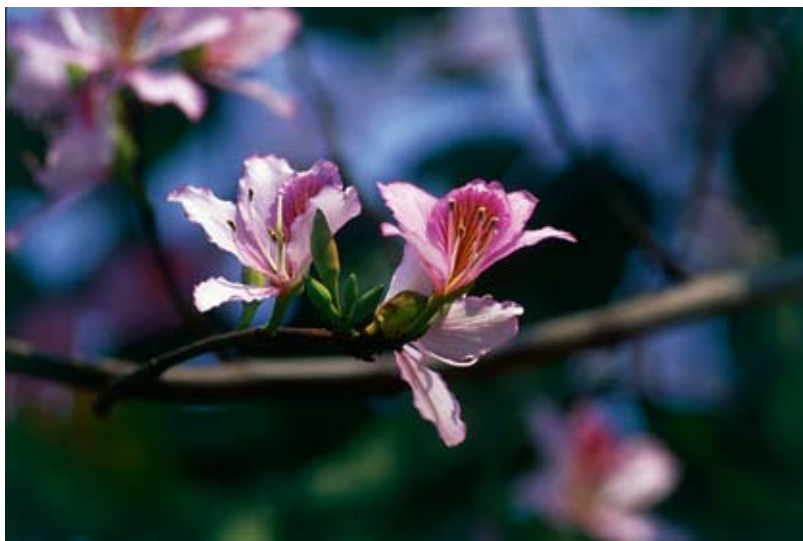
O que pretendemos? Precisamos trabalhar como meio para descansar. Mas somos salvos pelas inutilidades do descanso. Pelo ócio criativo.

Esta edição do Iátrico pretende mostrar formas, ao dileto leitor, de enriquecer seu tempo não produtivo, não conseqüente. Seu descanso prazeroso. E sem culpas. Como diria Picasso, não procure, encontre. O despertar é seu. ●

Trilha sonora

Cada um tem a sua. Pessoal e

intransferível. Tão arbitrária quanto imprevisível é a vida. E médicos não fogem à regra. Um flerte, um amor, uma passagem difícil, tudo tem fundo musical. Pouco conta a qualidade; os dados da vivência, jogados ao acaso, determinam as melodias. Que perduram. Varia a quantidade, jamais o esquecimento. Não raro pessoas podem traçar os momentos marcantes de sua biografia por meio da



música. Às vezes, voltam ao passado comprando discos impossíveis de se ter quando da primeira audição. Colecionam cantores, ocasionalmente compositores. Aprimoram o gosto, refinam os ritmos, elaboram melhor as letras. Numa palavra, evoluem. Buscam estilistas vocais, aqueles capazes de impregnar sua marca mesmo numa canção menor. Isto é, de torná-la um clássico. De render o gosto popular permeando classes sociais.

A música é assim mesmo; supera conflitos. Outrossim, também pode marcar grandes desilusões. Amores impossíveis, términos imprevistos, ou a simples constatação do ser. Amores e ódios de intensidade polar, ou a mornidão sentimental da maioria silenciosa. Basta atentar para os compositores populares que tornam palpáveis nossos sentimentos como Caetano Veloso em *Ela e eu*. "Sinto a força rara desta dor/ clara como a luz do sol que a tudo anima/ Como a própria perfeição da rima". Ou Noel Rosa em *Fita amarela*: "Quando eu morrer/ Não quero choro nem vela/ Quero uma fita amarela/ Gravada com o nome dela".

Ou ainda Sinhô, antecipando o poder da genética, em *Fala meu louro*: "Quem é bom já nasce feito".

Se destacamos a força da composição na língua portuguesa é porque o látrico oferece aos leitores, e agora também ouvintes, uma trilha sonora internacional. É sua vocação para vencer barreiras, ser cosmopolita, universal, sem perder as raízes da boa música. Esperamos ter acertado. Se não tivermos conseguido, registramos nosso pesar nos versos de Chico em *Pois é*:

*"Nosso mais-que-perfeito está desfeito
E o que me parecia tão direito
Caiu desse jeito sem perdão".*

É o ser humano tateando o caminho da perfectibilidade. Pelo menos na música. Com direito ao desfeito. ●

"A MÚSICA É ASSIM MESMO; SUPERA CONFLITOS. OUTROSSIM, TAMBÉM PODE MARCAR GRANDES DESILUSÕES. AMORES IMPOSSÍVEIS, TÉRMINOS IMPREVISTOS, OU A SIMPLES CONSTATAÇÃO DO SER. AMORES E ÓDIOS DE INTENSIDADE POLAR, OU A MORNIDÃO SENTIMENTAL DA MAIORIA SILENCIOSA."

Trilha sonora: látrico internacional



1. Evergreen, Bobby Short. No álbum *Moments Like This*. A música de Barbra Streisand e Paul Williams foi cantada por Barbra no remake, Nasce uma estrela, do diretor americano William Wellman. Short dá uma dignidade única à balada.

Evergreen

Love soft as an easy chair/ Love fresh as the morning air/
One love that is shared by two/ I have found with you/ Like
a rose under the April snow/ Love ageless and evergreen/
Seldom seen by two/ So, you and I will make each night a
first/ Every day a beginning/ Spirits rise and their dance is
unrehearsed/ They warm and excite us 'cause we have the
brightest love/ Two lights, two lights that shine as one/
Morning glory and midnight sun/ Time we're learned to sail
above/ Time won't change the meaning of one love/ Ageless
and ever, evergreen.

2. Send in the Clowns, Bing Crosby. No álbum *That's What Life Is all About*. Melodia e letra de Stephen Sondheim para o musical *A little Night Music*. Barbra Streisand a gravou para o excelente *The Broadway Album*. A letra está transcrita abaixo. Bing inventou a canção moderna, isto é, como a conhecemos. Deu origem a Sinatra e outros menos votados.

Send in the Clowns

Isn't it rich, are we a pair/ Me here at last on the ground/
You in mid-air/ Send in the clowns/ Isn't it bliss, don't you
approve/ One who keeps tearing around/ One he can't move/
Where are the clowns/ Send in the clowns/ Just when I'd
stopped opening doors/ Finally knowing the one that I
wanted/ Was yours/ Making my entrance again with my/
usual flair/ Sure of my lines/ No one is there/ Don't you love
farce,/ my fault I fear,/ I thought that you'd want what I
want,/ Sorry my dear/ But where are the clowns/ There ought
to be clowns/ Quick send in the clowns/ What a surprise!/
Who could foresee/ I'd come to feel about you/ What you
felt about me?/ Why only now when I see/ That you've drifted
away?/ What a surprise.../ What a cliché.../ Isn't rich, isn't
it queer/ Losing my timing this late/ in my career/ And where
are the clowns/ Quick send in the clowns/ Don't bother,
they're here./

3. Stardust, Matt Monro. No álbum *From Russia with Love*. A música de Hoagy Carmichael composta em 1929 é uma obra-prima. Foi a mais gravada da primeira metade do século XX, e tem mais de 1300 versões até 1988. Carmichael era o de *Georgia on my mind* cantada pelo Ray Charles. Monro era o Sinatra inglês.



Stardust

And now the purple dusk of twilight time/
Steals across the meadows of my heart/
High up in the sky the little stars climb/
Always reminding me that we're apart/
You wander down the lane and far away/
Leaving me a song that will not die/
Love is now the stardust of yesterday/
The music of the years gone by/
Sometimes I wonder why I spend/
The lonely night dreaming of a song/
The melody haunt's my reverie/
And I am once again with you/
When our love was new/
And each kiss an inspiration/
But that was long ago/
Now my consolation/
Is in the stardust of a song/
Beside a garden wall/
When stars are bright/
You are in my arms/
The nightingale tells his fairy tale/
A paradise where roses bloom/
Though I dream in vain/
In my heart it will remain/
My stardust melody/
The memory of love's refrain/

4. You Are So Beautiful, Arthur Prysock. No álbum *Today's Love Songs, Tomorrow's Blues*. É impressionante como Prysock foi desconhecido no Brasil. E como

dava dignidade às baladas mais edulcorados este baixo barítono. Esta gravação não tem para ninguém. Até o Joe Cocker, que a gravou, a vive escutando mais extasiado do que quando consumia drogas. É isso aí. A música pode dar barato sem você correr riscos nem acabar com a saúde.

5. I Beg your Pardon, Tom Waits. Na trilha sonora *One from the heart* (Do fundo do coração, em português), filme do Coppola que foi um fracasso. Consta que o mesmo trancou Waits durante um mês num quarto de hotel até saírem todas as composições. Waits é alcoólatra. O resultado foi maravilhoso. Se *As Time Goes By* (Casablanca) foi a música de uma geração, *I beg your pardon* tem o mesmo valor para a década de oitenta. Repare o duelo de sax e trompete ao final. Waits parece ser um morto-vivo. Ressuscita de vez em quando. A companhia no CD é de Crystal Gayle. O efeito das duas vozes é intrigante.

6. Cry me a River, Julie London. No álbum *Julie London*, EMI, 1988. Ouça o que um simples acompanhamento ao violão e contrabaixo provoca. E a voz de Julie tem mil insinuações. Mas não era só a voz, o corpo também provocou suspiros nos setentas. As capas de seus discos faziam imaginar coisas incríveis. O cantor e compositor Bobby Troup, seu marido, produziu discos incríveis para Julie, e foi o grande responsável por sua carreira. Quando morreu, Julie também morreu, fisicamente um ano e meio depois, aos 74 anos, em 2000. Ah, aquela cena no cinema num faroeste com Gary Cooper, o bandido com o revólver na cabeça dele e exigindo que ela se desnudasse... Todos quiseram salvar Julie. Está salva em discos memoráveis. *Cry me a river* é de A. Hamilton.

7. The End (At The Rainbow), Earl Grant, de Jimmy Krondes/ Sid Jacobson, em vários LPs.

8. What a Wonderful World, Louis Armstrong,

de G.D. Weiss/ G. Douglas, em vários LPs. Estas duas são “hors concours” de tão manjadas e amadas. São a concessão de minha alma brega e altiva. Adoro-as.

What a Wonderful Word

A see trees of green, red roses too/ I see them bloom for me and you/ And I think to myself/ What a wonderful world/ I see skies of blue and clouds of white/ the bright blessed day, the dark sacred night/ And I think to my self/ What a wonderful world/ The colors of the rainbow so pretty in the sky/ Are also on the faces of people going by/ I see friends shaking hands, saying, “How do you do”/ They’re really saying “I love you”/ I hear babies crying, I watch them grow/ They’ll learn much more than I’ll ever know/ And I think to my self/ What a wonderful world.

9. Ne Me Quitte Pas, Nina Simone, de Jacques Brel. Pode até ter se tornado o hino internacional dos gays depois da linda versão para o inglês de Rod McKuen, *If You Go Away*. Mas na voz de Nina é o sofrimento humano sem quaisquer barreiras, dando “inprint” de solidão e abandono. Muito gravada, esta não é superada.

10. Somewhere, Lena Horne. No álbum *Lena in Hollywood*. Música de Stephen Sondheim e Leonard Bernstein para a trilha do filme *West Side Story*. Esta negra linda de morrer, sempre foi dona-de-seu-nariz; mulher inquebrável, levou a dignidade negra aonde pode e à altura máxima. Este álbum, gravado em 1965 é um tesouro. Agora, quer algo inusitado? Ouça *Somewhere* com Tom Waits, em seu álbum *Anthology*.

Somewhere

Someday, somewhere/ We’ll find a new way of forgiving/ Somewhere/ There’s a place for us/ Somewhere a place for us/ Peace and quiet and open air/ Wait for us/ Somewhere/ There’s a time for us/ Some day a time for us/ Time together

with time to spare/ Time to learn/ Time to care/ Someday, somewhere/ We’ll find a new way of living/ We’ll find there’s a way of forgiving/ Somewhere/ There’s a place for us/ A time and a place for us/ Hold my hand and we’re half/ Way there/ Hold my hand/ And I’ll take you there/ Somehow/ Someday, somewhere.

11. Let it Be, Aretha Franklin. De Lennon e McCartney. Mas poderia ser *I Say a Little Prayer* de Bacharach e David ou *Bridge Over Troubled Water* de Paul Simon. Em todas, Aretha, consegue deixar sua marca registrada. Consegue dar às canções uma força insuspeita.

Let it be

When I find myself in times of trouble/ mother Mary comes to me/ speaking words of wisdom, let it be/ And in my hours of darkness/ she standing right in front of me/ speaking words of wisdom, let it be/ Let it be/ Let it be/ Whispers words of wisdom, let it be/ And when the broken hearted people/ living in the word agree/ there will be an answer, let it be/ For though they may be parted there is/ still





a chance that they will see/ there will be an answer, let it be/
 Let it be, let it be/ Yeah there will be an answer, let it be/ Let
 it be, let it be/ Whispers words of wisdom, let it be/ And when
 the night is cloudy/ there is still a light that shines on me/
 shine until tomorrow, let it be/ I wake up to the sound of
 music, mother Mary comes to me/ speaking words of wisdom,
 let it be/ Let it be, let it be/ There will be an answer, let it be/
 Let it be, let it be/ whisper words of wisdom, let it be.

12. Something, Tony Bennett. De George Harrison. É, este não fazia só figuração! E Tony tem prestígio entre os colegas. Quer algo melhor? A excelência sempre foi seu objetivo. Quer comprovar? Quantas gravações há de Something? Acho que até o Guinness perdeu a conta. Mas a sua talvez só seja rivalizada pela de Sinatra. Que a considerava uma das melhores músicas de amor dos últimos 50 anos. A única dos Beatles que Sinatra cantou ao vivo.

Something

Something in the way she moves, / attracts me like no other lover. / Something in the way she woos me, / I don't want to leave her now, / you know I believe and how. / Somewhere in her smile she knows/ that I don't need no other lover/ something in her style that shows me, / I don't want to leave her now, / you know I believe and how. / You're asking me will my love grow/ I don't know, I don't know. / You stick around now it may show/ I don't know, I don't know. / Something in the way she knows/ and all I have to do is thing of her. / Something in the thing she shows me, / I don't want to leave her now/ you know I believe and how.

13. All By Myself, Frank Sinatra. No CD *The Jerusalém Concert*, gravado em novembro de 1975 em Jerusalém. Sinatra voltava ao mundo musical, depois de retiro voluntário, em novembro de 73 com o premiado *Ol' Blue Eyes Is Back* que iniciou *The Concert Years*. Em 74 iniciara a tournée americana. Ano seguinte, Europa. Esta gravação tem o mérito de ser a única vez que gravou *All By Myself* de Eric Carmen e Serge Rachmaninoff, e ao vivo. Tinha voltado à velha forma e carregou a melodia com a força de seu dizer poético. Sinatra nos deleitou com a trilha sonora do século XX.

14. The Long And Winding Road, Sarah Vaughan. Sarah Vaughan em *Songs of the Beatles*. Sem comentários. É deixar-se embalar pela sua riqueza vocal e pela variedade temática das canções. Na faixa destacada notar o solo de harmônica de Jean "Toots" Thielemans.

The long and winding road

I've seen that road before/ It always leads me here, lead me to your door. / The wild and windy night that the rain washed way, / has left a pool of tears crying for the day. / Why leave me standing here, let me know the way. / Many times I've been alone and many times I've cried, / anyway you'll never know/

the many ways I've tried, / but still they lead me back to the long and winding road, / you left me standing here a long, long time ago. / Don't leave me waiting here, lead me to your door, / still they lead me back to the long and winding road, / you left me standing here a long, long time ago. / Don't keep me waiting here, lead me to your door. The long and winding road that leads to your door, / will never disappear,

15. Unforgettable, Johnny Hartman. Em *Hartman For Lovers*, Verve, 2004. Se você quiser conhecer o Sinatra negro compare sua gravação de 1963 com Coltrane. Ou a trilha sonora de *Remembering Madison County* (As Pontes de Madison) do Clint Eastwood. Este é fã de boa música, cria trilhas maravilhosas para seus filmes, à maneira de Woody Allen, e vidrado em Hartman, já falecido. *Unforgettable* é de Irving Gordon.

Unforgettable

I tried beautiful places/ And one night stand faces/ So hard to leave all behind/ But nothing compares to the love we once shared - No/ It will never leave my mind/ Unforgettable that's what you are/ Unforgettable though near or far/ Like a song of love that clings to me/ How the thought of you does things to me/ never before/ Has someone been more/ Unforgettable in every way/ And forever more/ That's how you'll stay/ That's why darling/ It's incredible/ That someone so unforgettable/ Thinks that I am/ Unforgettable too/ That's why darling you're unforgettable/ Unforgettable in every way/ And forever more/ That's how you'll stay/ That's why darling/ It's incredible/ That someone so unforgettable/ Thinks that I am unforgettable too/ Think that you are just incredible/ And you are so unforgettable/ In every way.

16. Yesterday, Ray Charles. De Lennon e McCartney a canção fez sucesso estrondoso com os próprios

Beatles e, mais, com Matt Monro. Uma das mais gravadas da história musical com mais de 2500 covers, segundo o Guinness Book of Records. Há gravações extraordinárias, mas nenhuma com o "feeling" de Ray. Exemplo: Se você a escutou à náusea em todas as vozes e tinha dificuldade de escolher a melhor, ao ouvi-la por meio de Ray lhe parecerá inteiramente nova, fresca, e insuperável.

Yesterday

Yesterday, all my troubles seemed so far away/ Now it looks as though they're here to stay/ I believe in yesterday/ Suddenly, I'm not half the man I used to be/ There's a shadow hanging over me/ Yesterday came suddenly/ Why is she had to go I don't know she wouldn't say/ I said something wrong, now I long for yesterday/ Yesterday, love was such an easy game to play/ Now I need a place to hide away.

A canção é um lamento de Paul pela perda da mãe. Tinha apenas 14 anos e foi seu tributo à memória da mesma. Foi uma maneira de elaborar a perda. A mãe morreu de neoplasia. É uma canção de amor filial, mas de sofrimento irreversível. As cicatrizes invisíveis estão impregnadas na letra.





17. Summertime, Ella Fitzgerald e Louis

Armstrong. De *Porgy and Bess*, o standard de George Gershwin, seu irmão Ira Gershwin e DuBose Heyward, conseguiu algo incrível: junta vozes que pareciam teoricamente mais uma mistura do que combinação. Mas como em alguns bons vinhos o corte foi perfeito. Mostrou a fertilidade das diferenças. Ella não tinha só uma voz maviosa, tinha sentissência. Ao contrário do que muitos disseram, ser alexitímica, não conseguir expressar sentimentos, não foi o que mostrou nas canções. O que mostra que vida pessoal e arte podem ser muito diferentes.

18. Blue Moon, Billie Holiday. Esta canção de Richard Rodgers e Lorenz Hart também tem dado um trabalho danado ao Guinness. Mas cessa tudo que a musa canta para ouvir a única *Blue Moon* que embalaria seu romance, digamos, com a Angelina Jolie sem o Brad Pitt por perto, e muito menos aquelas crianças todas. Gravada no LP *Solitude* de 1952, só tem cobras no acompanhamento.

Imperdível. Pena que a Billie tenha se perdido tomando e injetando todas. Quando não tinha mais veias “foi obrigada” a injetar nas veias vaginais. Ao perdê-la, perdemos todos. Mas sobrevive sua música.

Blue Moon

Blue Moon/ You saw me standing alone/ Without a dream in my heart/ Without a love of my own/ Blue Moon/ You knew just what I was there for/ You heard me saying a prayer for/ Someone I really could care for/ And then there suddenly appeared before me/ The only one my arms will ever hold/ A heard somebody whisper, “Please adore me”/ And when I looked/ The moon had turned to gold/ Blue moon/ Now I’m no longer alone/ Without a dream in my heart/ Without a love on my own/ And then there.../ Blue moon/ Now I’m no longer alone.../ Now I’ve got a girl of my own.

19. Don’t Know Much, Linda Ronstadt e Aaron

Neville. Duetos há muitos na música popular. Às vezes, epidêmicos. Mas um dueto onde sobressaia a harmonia de vozes aliada à competência vocal é coisa rara. No álbum de 1989, *Cry like a rainstorm, Howl like the wind*, onde predominam composições de Karla Bonoff e do gênio Jimmy Webb, Linda recebe a colaboração de Aaron numa linda canção de Cynthia Weil e de seu marido Barry Mann, associados a Tom Snow. *Don’t Know Much* alia melodia e letra com a mesma harmonia das vozes, e dá direito a que piano e guitarra elétrica pontuem pequenos solos que enriquecem a melodia. Entram em nossa trilha como homenagem ao trabalho em parceria.

Esta trilha sonora está colocada no sítio do látrico (www.crmpr.org.br). Ouça-a se estiver apaixonado (a). Mas cuidado: algumas destas, como a do sugestivo título *Cry Me A River*, já separaram também muitos corações. Mas, mais do que tudo, siga o poeta: “Amar é transgredir-se”. Boa audição. ●

O Melhor da Música Popular



Embora seja contra listas, por serem reducionistas,

o editor do *Iátrico* aceitou o desafio de preencher um questionário dos melhores. Arbitrárias e personalistas, suas respostas devem escandalizar os jovens médicos de hoje.

Mesmo que o dileto leitor pense ser o editor um velho fora de

moda, e o é, se se estiver iniciando na arte do mergulho musical, talvez valha a pena pôr o escafandro e apreciar o talento de muitos que foram ou são mestres na composição, execução ou encantamento do fundo musical de nossas vidas.

Sim, vidas. Cada fase de nossa

vida tem sua trilha sonora própria. Costuma iniciar-se simplinha e se sofisticar ao longo do amadurecimento. Como, aliás, qualquer história natural, de Bobby Darin aos Beatles. Quem viu Darin em “Quando Setembro Vier”, um daqueles filmes “calientes” e bobinhos de sol, praia e mulheres bonitas, em que no fim só se salvam as moçoilas, nunca diria que o

roqueiro de “Spish Splash” se transformaria no lendário cantor de “Mack the Knife”. Quem duvida ouça o CD “The Legendary Bobby Darin” da Capitol Records, 2004, coletânea de sua arte madura, e certamente sentirá sua perda precoce devido a cardiopatia reumática e auto-exigências. Se você quiser um bom começo para saber quem foi Bobby Darin (1936–1973), veja o filme “Uma vida sem limites”, com Kevin Spacey interpretando o cantor. O mesmo exemplo, já no campo da

composição, poder-se-ia aplicar aos Beatles. De algumas bobices do início passaram a composições antológicas.

Depois deste preâmbulo passemos ao questionário dos melhores, pois topete não falta ao editor, embora lhe escasseiem os cabelos. Se você, leitor, vier a apreciar estas lendas, qualquer crítico musical dirá que é um homem refinado, de bom gosto, mas não necessariamente criativo, pois poderá colocar futuramente em sua lápide: “Aqui jaz um homem que sabia o que era jazz”. Ou seja, nunca precisará fazer aquela impertinente pergunta que a lady fez a Louis Armstrong. Aliás, saberá quem foi “Satchmo”, o simpático boca de sapo. E se você adora “What a Wonderful World” saberá que só a cantou, e tantas outras, porque precisava temporariamente dar um tempo a seus lábios rachados por precária embocadura no seu trompete – e logo um dos maiores do mundo!-, graças ao autodidatismo e a falha nunca corrigida. É isso. Saberá que gênio não se corrige, se imita.

Ah, o que levaria para escutar numa ilha deserta? Um contêiner. O que mostra a incapacidade do editor para escolhas. Ou, na melhor das hipóteses, sua multifariedade. ●

“CADA FASE DE NOSSA VIDA TEM SUA TRILHA SONORA PRÓPRIA. COSTUMA INICIAR-SE SIMPLINHA E SE SOFISTICAR AO LONGO DO AMADURECIMENTO. COMO, ALIÁS, QUALQUER HISTÓRIA NATURAL, DE BOBBY DARIN AOS BEATLES.”

Questionário: o melhor da música

Melhor trilha sonora do cinema? *West Side Story*. No Brasil, *Amor Sublime Amor*.

Melhor Maestro? Leonard Bernstein

Vozes de inveja? Frank Sinatra e Ella Fitzgerald. No Brasil: Elis Regina e Milton Nascimento.

Sinatra britânico? Matt Monro.

Sinatra Negro? Johnny Hartman.

Quem é afinado? João Gilberto. Pudera, com aquele TOC!

Música de uma geração? Chega saudade aqui, *As Time Goes By*, lá. Da minha: *Something*.

Hino musical brasileiro? *Aquarela do Brasil* do Ary Barroso.

O que os estrangeiros adoram? *Garota de Ipanema*.

Letra clássica brasileira? *Chão de Estrelas* do Orestes Barbosa, *aquarela do "Tu pisavas os astros distraída"*.

Clássico estrangeiro? *How Deep is the Ocean* do Irving Berlin.

Qual a melhor harmonia de melodia e letra da música popular brasileira recente? *Catavento* e *Girassol*, de Guinga e Aldir Blanc, na voz de Leila Pinheiro.

Maior compositor brasileiro morto? Tom Jobim. Vivo? Chico Buarque.

Maiores compositores de música popular de todos os tempos? George Gershwin e Cole Porter. Em atividade e desconhecido?

Stephen Sondheim.

Melhor instrumentista de sopro de todos os tempos? Miles Davis. Saiu de novo *Kind of Blue*.

A melhor banda de todos os tempos? A de Count Basie. Vide as gravações com Sinatra, Prysock etc.

Maiores compositores vascaínos? Paulinho da Viola e Aldir Blanc.

Maiores letristas brasileiros? Noel Rosa e Vinícius de Moraes.

Maior baterista de todos os tempos? Gene Krupa. Atual? Billy Kilson.

Não parar de ouvir? *The Burt Bacharach Collection*, com uma fauna de miúdos e graúdos.

Roqueiro que virou jazzista? Bobby Darin. Também dançava, interpretava e era descontado do coração.

Insuperáveis na percussão? Naná Vasconcelos e Paulinho da Costa, brasileiríssimos.

Um clássico pop brasileiro? Detalhes do Roberto e Erasmo, 1971.

O CD/DVD recente mais elegante? O de Chris Botti, *Live, with Orchestra and Special Guests*.

As duas grandes surpresas internacionais emergentes? Michael Bublé e Madeleine Peyroux.

Voz e piano? Diana Krall.

O mais completo de todos os tempos? Ray Charles.

O grande show de rock? Woodstock. Ah, o Joe Cocker de *With a Little Help From My Friends*. Pena que as drogas tenham detonado sua voz e energia. Esse o verdadeiro branco com voz negra.

Melhor álbum gravado ao vivo? Sinatra, *The Main Event, Live from Madison Square Garden*, 1974. *Angel Eyes* é de arrepiar.

Melhores capas? *The London Symphony Orchestra plays the music of Jethro Tull*. *Sgt. Pepper's Lonely hearts Club Band*, Beatles. E a de Sinatra: *Sings for only the lonely*.

Melhor parceria brasileira? Tom e Chico. Atual? Guinga e Aldir.

Melhor banda de todos os tempos? Earth, Wind and Fire. De rock? Beatles.

Maior guitarrista de todos os tempos? Jimi Hendrix.

Maior violonista brasileiro? Baden Powell.

A voz internacional do momento? Steve Tyrrel.

O grande rock da pesada? *Born to Be Wild*, Stepenwolff, que dá fundo aos créditos iniciais do filme *Sem Destino (Easy Rider)*.

Pianistas? Herbie Hancock e Oscar Peterson. Não estamos falando de música clássica.

O músico mais versátil do Brasil? Hermeto Pascoal.

Melhor hino de clube? Do Vasco, claro! Lamartine Babo estava em todos. Isso é que é posse!

Encanto instantâneo brasileiro? Asa Branca. Estrangeiro? *Yesterday*.

A mais bela e melancólica de todos os tempos? *Send in the clowns*, do Stephen Sondheim.

Melhor banda brasileira? Roupa Nova. Não esperavam, eh-eh!

Melhores versões? Paul Anka, do francês para o inglês. Pudera, casado com francesa é mole!

Grande show ao vivo de cantor das antigas? Engelbert Humperdinck, no Fórum de Los Angeles. Em 2004 lançou o ótimo CD "*Let There Be Love*". Compre.

Parceria inesquecível? Lennon e McCartney

Luto pessoal? Separação dos Beatles.

Melhor conjunto de ocasião? O de Diana Krall para o *Live in Paris*.

Melhor compositor para o cinema? Ennio Morricone.

A cantora a que mais resisti? Billie Holiday. E o cantor? Bobby Short. Depois foi entrega plena.

Coisa mais cult que já ouvi? *Somewhere* com o Tom Waits.

Roqueiro que conseguiu dominar standards? Rod Stewart.

Melhor entrada? A de Frank Sinatra em *Misty*, música de 1954 do grande pianista Errol Garner e do letrista Johnny Burke. O "*look at me*" inicial é absolutamente surpreendente e genial.

Música que poucos ousaram? *Mack the Knife*.

Rocks que viraram música adulta? *Rock Swings* de Paul Anka.

Quem passou por "*You've Lost That Lovin' feelin'*" do casal Barry Mann e Cynthia Weil? Poucos. Bill Medley e Dionne Warwick são alguns. Mas quem habitou suas águas profundas foi Elvis Presley.

Melhor show via satélite? *Elvis, From Hawaii*.

Quer fazer um pós-graduação musical? Ouça, discuta e escreva sobre os melodistas, letristas, instrumentistas e cantores aqui apresentados e você terá receptores em sua circuitaria cerebral para referenciar boa música.

Sono ou deleite?

Instado pelo editor a uma audição

da trilha do Látrico 21, fiquei me perguntando qual a razão. Não sou músico, não entendo tecnicamente de música, sou apenas um sessentão que já ouviu muita música. Vai ver é a idade. Deveria querer alguém que tivesse receptores para coisas calmas, andamentos lentos, nuances vocais, para o diferente sem deixar de ser comum. É isso. Como não entendemos as escolhas dos críticos musicais, sempre ranhetas e optando por coisas estranhas, deveria querer um ser comum. Mas talvez não tanto. O comum, hoje, é o jovem

médico de vinte anos e alguma coisa, satisfeito com três ou quatro acordes básicos do rock, rap (rythm-and-poetry; óquei, tenho tentado mas não tenho conseguido encontrar a poesia), ou patranhas que se passam por música.

Comecei a ouvir, e como já sabem que sou velho, conhecia todas. Da gostosíssima Julie London (da voz ao todo era de suspirar!) à voz cavernosa do Tom Waits. Entendi o espírito da coisa. Melodias e letras comuns (algumas não tanto; uma letra de Stephen Sondheim é sempre uma iguaria finérrima), contagiosas, cantadas por grandes estilistas, de modo que a única crítica a ser aposta fosse a de trilha conservadora. E para evitar esse rótulo pegajoso misturar algo desconhecido como o Tom Waits de I beg your pardon com aquele fantástico duelo de trompete e sax ao final. Ou um popezinho da Cynthia Weil ao gosto da garotada, para ficar de bem com todos e indicar um dueto perfeito.

Não sei quantos minutos durou; suficiente para deixar qualquer jovem médico – hoje são todos jovens – nos braços



do deus *hipnos* ou, no mínimo, bocejando de tédio. Agora, cá entre nós, adorei.

Cheguei à conclusão que devo ser um velho nostálgico. Mas peraí, nem tanto. Sabe aquele Paul Anka de Rock Swings? Também adoro, percebe?

Dr. Emanuel Sá (PR).

PALAVRAS DE MESTRE

“Passei realmente grande parte da minha vida trabalhando na desconstrução de minhas próprias ilusões e na das da humanidade”

Sigmund Freud
(1856 – 1939)

Por isso aprendi com o grande mestre da cultura a duvidar dos outros e, principalmente, de mim mesmo.

Tempestade de Ritmos



Biógrafo de lendas tão diferentes quanto Nelson Rodrigues, Garrincha ou Carmem Miranda, aprendeu a selecionar o que de mais importante apresenta a personalidade de seus biografados, das esquisitices ao talento. E recheia tudo com informações precisas, ironia e referências culturais da época. Quais suas principais fontes? Outros biógrafos ou entrevistados. No

Sou apenas um ano mais velho e temos

gostos musicais assemelhados. O resto é diferente e a favor de Ruy Castro. Enquanto eu ouvia música no rádio de válvulas, em ondas curtas e com aquela estática toda, ele ouvia em casa. Variada e da melhor qualidade. Esse berço musical propiciou-lhe uma dedicatória memorável no seu livro "Saudades do Século 20", Cia. das Letras: "À memória de meu pai, pelos primeiros mil discos, mil filmes e mil livros". Que inveja! Outra grande diferença: começou a escrever sobre o que gostava no Correio da Manhã do Rio, aos 19 anos, e no meio de muitas feras do jornalismo de então. Como se dizia, teve escola. O resultado é que sabe escrever como poucos. E ainda por cima, nesses tempos, era comum que saísse da redação com grandes nomes da música popular para botequins de artistas e jornalistas. Essas raças se gostam. E com uma vantagem: falava pouco e ouvia muito, aliás, como se aconselha a qualquer médico

caso de "Tempestade de Ritmos", Cia. das Letras, outros biógrafos.

A consequência é um livro delicioso de ser lido que delinea o que foi a música popular e o jazz no século XX. Se você tem mais de sessenta anos, então, lê de uma sentada, apesar de suas 396 páginas.

E não pense que só escreva sobre talentos acima de qualquer suspeita. A saga do biquíni de bolinha amarelinha (*"Itsy bitsy teenie weenie yellow polka dot bikini"*) uma notória besteira que se inicia no próprio título, deixa a nu a condição humana. O fim é patético e, apesar disso, rimos muito.

Também não pense que só tem americano no livro. Tem também brasileiros, e da gema. Inclusive Chico Buarque, o que tem falado por todos nós em suas músicas.

Óquei, com um comercial destes, o dileto leitor não vai ficar aí mosqueando sem lê-lo, certo? ■

Ouvindo música “com inteligência”

» Quando você assiste a um concerto você

identifica os instrumentos da orquestra?

» E quando você ouve um canto você sabe se a voz é de soprano ou de mezzo soprano?

» Você tem segurança no momento do aplauso, em um concerto, uma ópera ou um balé?

» Você sabe a diferença entre orquestra sinfônica e filarmônica?

» Você sabe qual é, realmente, o papel de um regente de orquestra?

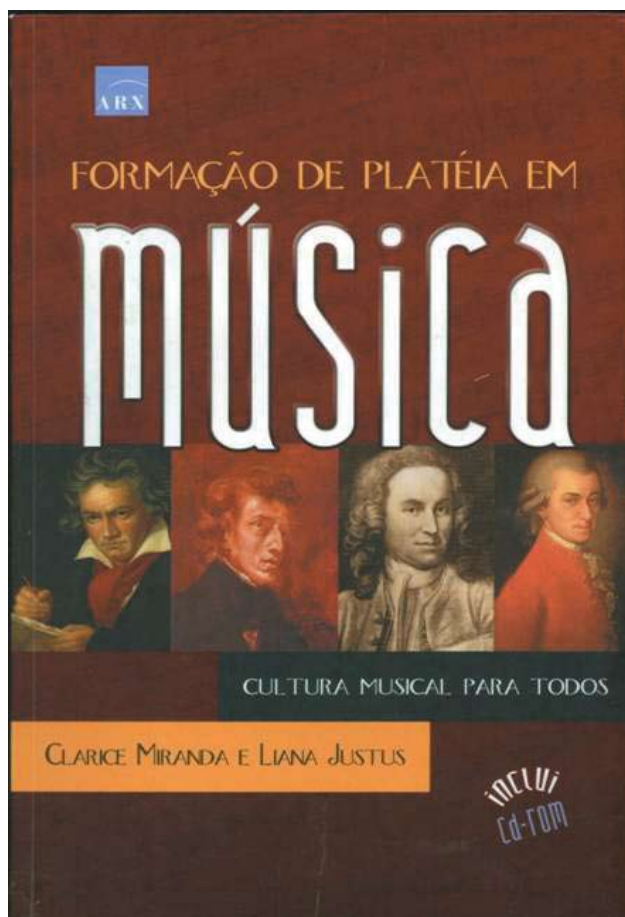
No mundo da música erudita, tão importante quanto formar bons profissionais é preparar o público para assistir aos espetáculos. Muitos deixam de ir a concertos por absoluto desconhecimento. Como se comportar ou entender o que acontece no palco são conhecimentos primordiais para se alcançar um real prazer ao se desfrutar uma música apresentada em um concerto.

Saber sobre música confere às pessoas habilidades que estimulam a sensibilidade e levam a desenvolver o senso crítico, cada vez mais.

A sensibilidade, aliada ao conhecimento, nos leva a “ouvir com inteligência” e conscientemente. Este “ouvir com inteligência” nos levará ao encontro da qualidade da música, seja ela clássica ou popular.

Gostar ou não de uma obra de arte não é apenas questão de opinião, mas de informação.

Saber sobre História da Música, demarcando períodos, estilos, principais compositores, intérpretes famosos, a estrutura de sinfonias ou óperas pode fazer toda a diferença na hora de apreciar um programa.



Vivemos numa época em que ouvir uma orquestra sinfônica é um dos grandes privilégios do homem moderno, um prazer imensurável ao alcance de todos, pois, a música colabora de forma efetiva com o refinamento das habilidades humanas. Ajuda a ter consciência de sensações e sentimentos, desenvolvendo no ouvinte três qualidades essenciais:

- » Paciência
- » Disciplina
- » Concentração

A música equilibra, também, as 4 funções básicas do ser humano:

- » Pensar

- » Sentir
- » Perceber
- » Intuir

Para alcançar esses objetivos, existem três estádios para ouvir a música:

- » Ouvir com o corpo – ênfase à percepção rítmica.
- » Ouvir emocionalmente – ênfase no campo dos sentimentos.
- » Ouvir intelectualmente – ênfase à observação estética.

Esta última é adquirida com o conhecimento. Ela nos leva a assistir a um concerto situando o lirismo das cordas, distinguindo os sons intimistas das madeiras, o brilho dos metais, a contagiante pulsação rítmica da percussão, destacando auditivamente o desenho sonoro.

“SABER SOBRE MÚSICA CONFERE ÀS PESSOAS HABILIDADES QUE ESTIMULAM A SENSIBILIDADE E LEVAM A DESENVOLVER O SENSO CRÍTICO, CADA VEZ MAIS.”

O conhecimento estimula a atenção, e a audição atenta proporciona a capacidade do envolvimento emocional e racional. Desse modo, é possível ouvir uma música nos três estádios simultaneamente.

Poder desfrutar da beleza e dos benefícios da música está ao alcance de todos pois ela é do homem, e o mundo maravilhoso da música clássica é um patrimônio cultural da humanidade, e aí está à nossa espera.

Nossa paixão pela música e o desejo de ensiná-la, aliada à visão da carência de informações básicas do público em geral com relação à música, fez surgir o curso Formação de Platéia em Música, em 1993, com uma proposta inovadora: conquistar pessoas para o mundo maravilhoso da música clássica com uma didática especialmente criada, atuando em todo o Brasil desde sua criação.

“Assim como o coração produz o primeiro ritmo de vida, a música nos devolve o pulsar da vida”.

Clarice Miranda e Liana Justus (PR).

A N T O L O G I A

Nacional:

Grito de Alerta

“Primeiro você me azucrina/me entorta a cabeça/e me bota na boca/um gosto amargo de fel/ depois vem chorando desculpas/assim meio pedindo/querendo ganhar um bocado de mel”.

Álbum: Mel, 1979

Cantora: Maria Bethânia

Compositor: Luiz Gonzaga Junior (Gonzaguinha).

Internacional:

Love Is a Many Splendored Thing

“Love is a many splendored thing/ It’s the April rose that only grows in the early spring/ Love is nature’s way of giving a reason to be living/ A golden crown that makes a man king/ Once on a high and windy hill/ And the world stood still/ then your finger toucher my silent heart”.

Ano: 1955. Título do filme em português: *Suplício de Uma Saudade*. Par romântico: William Holden e Jennifer Jones. Respectivamente, um correspondente norte-americano e uma médica. Médica. Motivo da nota e das letras. Médicos também amam. Às vezes em lugares estranhos. Aqui, Hong Kong. Os compositores da música ganharam o Oscar de melhor Canção do ano; Sammy Fain, melodista; Paul Francis Webster, letrista. A antológica letra de Webster trata o amor como o verdadeiro sentido da vida. Muitos a gravaram, virou standard da música popular americana. Mas quem lhe conferiu maior refinamento com sua voz aveludada foi “Nat “King” Cole. Aí vai a tradução possível: “O amor é algo esplendoroso/É a rosa de abril que cresce somente próximo da primavera/O amor é a forma que a natureza arranhou de dar um sentido para a vida/É a coroa de ouro que faz do homem um rei/ Uma vez em uma alta montanha com fortes ventos/ Em uma manhã enevoadada dois amantes se beijaram/ E o mundo parou/ Então seu dedo tocou meu coração silencioso”. E o silêncio pareceu eterno.

A música que eu gosto de ouvir

Músicas são como pessoas: por

mais que se tenha inclinação pela misantropia, é impossível viver sem elas. Algumas se tornam indispensáveis em nossas vidas, de tal maneira que parece ser absolutamente impossível ser quem somos sem as suas existências. Outras parecem não ter tanta importância assim, mas de alguma maneira se tornam referência para um olhar, sentimento, pensamento etc. Há as que nos causam tanta estranheza e

permanecem assim para sempre, e por isso mesmo inesquecíveis, mesmo que incompreensíveis. E há outras que dizem tanto sem nada dizer ou fazer que, em algum momento não percebido, se tornam referências de nós para nós mesmos. Não podemos esquecer daquelas que são um ruído de fundo chato e irritante e que, por esse motivo, são impossíveis de passar despercebidas.

Quando me perguntam "o que você gosta de ouvir?", geralmente se abre uma porta para um espaço tão amplo, que é praticamente impossível descrever o conteúdo que ali se encontra. Então, na maioria das vezes, prefiro não falar desse mundo tão vasto. Às vezes, porém, adentro por recordações e pego caminhos, aleatoriamente, para falar de coisas tão sutis que são muito difíceis de ser descritas em palavras, visto que as palavras, no meu entender, não traduzem a abstração e a sutileza que a música expressa, a não ser em casos especiais onde elas também se tornam "música"...

Nesses "caminhos" vou recolhendo algumas pérolas, dentre o tesouro que ali guardo: Antonio Vivaldi tem uma



enorme capacidade de fazer o sol nascer, mesmo no dia mais nublado e chuvoso. Você não precisa ficar sentado ouvindo e pensando. Sua música naturalmente o faz subir pelo menos uns cinquenta centímetros acima do chão e você pode continuar fazendo suas atividades normalmente, porém em outro estado de espírito. Bach, o grande Johann Sebastian, é sem dúvida o gênio entre os gênios. Amo tudo que ele compôs. É uma música que me centra e concentra. É muito bom tocar Bach - especialmente

sozinha. Ao vivo já é outra coisa... Estudar os Prelúdios e Fugas é sempre uma lição completa do que se pode fazer com as mãos e a mente. Ouvi-los é poder estar face a face com uma simetria que causa inevitavelmente uma grande harmonia. Tem também a Paixão Segundo São Mateus, que

"BEETHOVEN É INEXPLICÁVEL. PRECISA SER OUVIDO, TOCADO E APRECIADO MUITAS, INÚMERAS VEZES, AO LONGO DE TODA UMA VIDA, PARA SE PODER DE FATO MERGULHAR UM POUCO NAS PROFUNDEZAS INESCRUTÁVEIS DE SUA GENIALIDADE."

é de uma reverência e solidez absolutas.

Beethoven é inexplicável. Precisa ser ouvido, tocado e apreciado muitas, inúmeras vezes, ao longo de toda uma vida, para se poder de fato mergulhar um pouco nas pro-

fundezas inescrutáveis de sua genialidade. Eu especialmente gosto das Sinfonias, dos Quartetos, dos Concertos para Piano e Orquestra e amo muito as Sonatas para piano. As

interpretações do pianista Wilhelm Kempff são sublimes. Na minha concepção, esse foi o maior de todos os intérpretes de Beethoven, além de um dos maiores pianistas de todos os tempos. É emocionante!

E agora, uma pérola de rara beleza: Schubert. Franz Schubert. Magnífico. Sua obra para piano e canto e piano é indispensável. Schubert é o poeta da música por excelência. Tudo dele emociona e cativa de cara. Não dá para não se apaixonar. Não se pode deixar de ouvir a Sonata para Piano em Si bemol Maior milhares de vezes. O segundo movimento é de uma honestidade, dignidade e pureza de sentimentos sem comparação e expressa um Schubert consciente da morte que ocorreria semanas após sua composição. Cito outros dois grandes intérpretes: Swjatoslaw Richter - soberbo! - e uma dama do piano chamada Clara Haskil. Essa obra, juntamente com a Fantasia para piano em Dó Maior Opus 17 de Schumann, são tesouros especiais guardados no meu coração.

Mas como vou me esquecer de Brahms? Não posso! Os Intermezzos e os Concertos para piano e Orquestra, as Sinfonias... Não se pode continuar ouvindo a vida sem Brahms. Mahler, Sexta Sinfonia, triunfante e determinista... Stravinsky e a sua Sagração da Primavera... Como não vou

falar de Haydn, o *gentleman* da música, ou de Scriabin um russo de sonoridade única e emocionante?

Encontro também Gabriel Fauré, chamado de o Schumann francês, que é muito pouco reverenciado nos dias de hoje, mas que possui uma sonoridade tão especial e perfumada... A sua Fantasia para piano e orquestra é uma das obras mais lindas que existe para o piano.

Chopin, com sua Sonata em si bemol menor opus 35, Noturnos e as Mazurkas (peças para ouvidos maduros e pessoas dispostas a mergulhar em oceanos profundos contidos numa pequena xícara). Liszt e os Funerais, São Francisco de Paula andando sobre as Ondas, Sonata em Si menor...

Mozart, é claro, transparente e livre. Dá uma sensação de que a vida é fácil, e que obstáculos são poeira no transcorrer de nossas existências. As óperas, todas, são para serem muito ouvidas. Tem a música de câmara, toda a obra para piano...

John Cage e as Sonatas e Interlúdios para Piano Preparado, para quem quiser adentrar numa música chamada moderna mas que já existe há tanto tempo, assim como Schönberg, Boulez, Stockhausen e tantos outros do século XX, que provocam um estado de não emoção, autodomínio, clareza e profunda concentração para quem toca e um romper com os conceitos de quem ouve. Limpam os ouvidos!

Enfim, as jóias desses caminhos são tantas e tão diversas que não teria espaço neste artigo para descrevê-las. Só me resta dizer: ouçam música, de todo o tipo e o tempo todo, e criem um espaço - repleto de jóias, paisagens e perfumes - que se tornará um refúgio inexpugnável de sensibilidade e ética, por toda a vida.

Ah, não posso esquecer de falar de Astor Piazzola - mas aí já é um outro caminho.

Vera Di Domenico (PR).

A ópera em minhas vidas

“Meu amor pelo teatro lírico deve ter quase a minha idade.” Estas palavras são de Kurt Pahlen, apaixonado escritor e musicólogo vienense, o primeiro a me abrir as cortinas do grande palco. Guardo até hoje, com imenso carinho, essa constatação que também é minha, e os seus livros tão religiosamente lidos e relidos, puras relíquias gastas pelo tempo e pelo contínuo manuseio.

A música sempre me esteve presente desde a infância. Não lembro com precisão a data – deve ter sido pelo início dos anos cinqüentas – em que a pequena sala de jantar (não tínhamos sala de visitas) do sobrado onde nasci e onde vivi até aos doze anos ganhou uma imponente radiola, móvel de sólida imbuia, rádio e toca-discos para 78 rotações... E os discos começaram, nada mais natural, a surgir também, dentro de certas limitações, posto que os tempos se mostravam difíceis.

E a pequena sala vibrava ao som de tangos argentinos, canções napolitanas e eventualmente de certos trechos operísticos que eu mal sabia o que fossem. O tango me fascinou desde o princípio. Li em algum lugar que o tango é uma ópera em miniatura. Concordo. Há ali paixões descontraídas, sangue, lágrimas, ciúmes e vinganças, dores sem igual, cantadas brevemente e com uma força e uma densidade fantásticas. Dotado de um instinto e um faro poderoso para a fruição do drama, o menino introspectivo que eu era navegava heróico sobre aquele oceano de sensações. As primeiras virtudes, portanto, para o acesso ao mundo da lírica se estavam manifestando.

Foi quando o velho toca-discos da radiola de imbuia cedeu o seu posto a um novo, capaz de reproduzir LPs, que



a ópera entrou definitivamente no meu cenário. Recordo até hoje a chegada de dois álbuns de óperas completas! Coisa incrível, uma ópera completa, da primeira à última nota! Coisa óbvia, pois, o fato de eu ter arregalado os olhos, como quem descobre o umbral do paraíso. Mortinho de sono, de pijama e banho tomado, instalei-me na sala naquela noite memorável para ouvir as três faces de LP dos *Pagliacci* de Leoncavallo, que não acabavam nunca! Pouco nobre a minha estréia, sem fraque nem cartola. Foi, no entanto, a minha estréia. O outro álbum era o *Elisir d'Amore*. E devo ter bebido gulosamente todos os frascos do célebre elixir, para que o seu efeito permanecesse até hoje assim inalterado.

Estranho... Mas, quando repenso a vida, observo que a música, a ópera em especial, a inspirou, regeu e muitas vezes determinou soberanamente. Era por esse amor que

“MELHOR REBENTAR DE EXCESSO QUE DE CARÊNCIA. NÃO QUERO LIMITES NEM BARREIRAS PARA A MINHA FANTASIA. NÃO QUERO FRONTEIRAS NEM EMBARGOS NO MEU UNIVERSO DE FÁBULA. VIVER É EMOCIONAR-SE.”

eu estudava, revirando bibliotecas e arquivos, dormindo tarde, acordando cedo, o nariz enfiado nas páginas dos poetas e dos romancistas, procurando resgatar a história, o passado, as origens, a natureza dos sonhos. Foi por esse amor que fiz os primeiros esforços profissionais, visando a

“A EMOÇÃO DE OUVIR AS GRANDES VOZES TRADUZINDO A MAGIA DA GRANDE MÚSICA, ENERGIZANDO A TRAGÉDIA E A COMÉDIA, O DRAMA ETERNO DO UNIVERSO EM MOTO CONTÍNUO, É A MELHOR RESPOSTA À ÂNSIA MAIS QUE HUMANA DE EXPANSÃO E DE SEMPRE RENOVADAS EXPERIÊNCIAS.”

uma independência capaz de me trazer o tão necessário alimento para as desenfreadas perplexidades. A ponto de ir povoando cada vez mais o meu universo interior de personagens de teatro, humaníssimas e autênticas, mais que quaisquer outras, companheiras fiéis, desprendidas e sinceras, sonoramente luminosas. Perguntam-me às

vezes se não me sinto só. Sentir-me só? Com tanta dança ao meu redor, que me arrasta consigo em passos vertiginosos por tantos e tão imponderáveis caminhos?

Quando ouvi pela primeira vez uma ópera num teatro, foi um deslumbramento. Era o Municipal do Rio de Janeiro, em julho de 1964. Cantava-se *La Fanciulla del West*. Não sei se os aplausos que Magda Olivero recebeu ao final do segundo ato foram realmente tão intensos e prolongados quanto ainda ecoam na minha memória. Mas não me parecer ouvido nada igual depois... São as marcas imperecíveis das revelações, do novo, do sentimento desconhecido aflorado subitamente e subitamente impresso para sempre na alma ofertada e sedenta.

Árduos e encantados períodos aqueles. Os teatros, São Paulo e Rio de Janeiro, que por então ainda internacionalizavam e diversificavam os seus elencos, repertórios e produções, ficavam impossivelmente distantes. Os discos, numa fase política pseudo-revolucionária de reserva de mercado, eram raríssimos. O material que eu a duras penas conseguia obter era como que colocado para adoração em

altares, donde baixavam inúmeras vezes para soarem e ressoarem pelos meus espaços devotos. E assim fui praticamente decorando libretos inteiros. A partir dos anos setentas as coisas deram de melhorar, meu mundo foi ficando maior e mais conhecido, comecei a viajar, explorando-o e percebendo-o com olhos mais límpidos e mais sutis. E os meus companheiros de viagens, tanto físicas quanto mentais, chamavam-se Verdi, Wagner, Mozart, Puccini. E sucediam-se no meu cérebro incandescente encontros e tertúlias memoráveis desses mestres da música com os mestres da literatura, da história e da filosofia.

Fui assim convivendo com heróis, deuses e gigantes. E fui revisitando com inquietude científica importantes figuras históricas que a arte não cessava de apresentar-me através da sua lente enfeitiçada e aliciante. Fui também conquistando como amigos reais e leais uma plêiade admirável de criaturas de ficção, cuja presença ao meu redor é ainda hoje nada menos que tangível. E, enquanto professor de letras, toda essa gente imortal e maravilhosa, me inspirava e enriquecia, e o prazer e o significado da vida com certeza procediam disso.

Hoje, na era do DVD (e das novas tecnologias experimentais que ainda nos desafiam), os teatros do mundo nos penetram nas casas. Já conheço todos os mais importantes, embora só tenha posto os pés em meia dúzia deles. A sede martirizante de há trinta ou quarenta anos foi substituída por uma invasão tão caudalosa de fluidos que por vezes nos afogam e congestionam. Mas prefiro assim. Melhor rebentar de excesso que de carência. Não quero limites nem barreiras para a minha fantasia. Não quero fronteiras nem embargos no meu universo de fábula. Viver é emocionar-se. E a emoção de ouvir as grandes vozes traduzindo a magia da grande música, energizando a tragédia e a comédia, o drama eterno do universo em moto contínuo, é a melhor resposta à ânsia mais que humana de expansão e de sempre renovadas experiências.

Sérgio Monteiro Zan (PR).

As inutilidades que agraciam a vida

Uma visão “Shakesperiana”

O desejo pelo bem-estar é inato às espécies

vivas que pensam saudavelmente. Para o gênero humano, o bem-estar do corpo e da mente são indissociáveis. A atividade física e mental nos revigora, por fortalecer nossas intenções e nossos sentimentos. Quando trabalhamos, o desejo de nossas expectativas pelo sucesso nos imprime o anseio de alcançarmos nossos objetivos e nos garante a sensação de prazer quando o conquistamos. “O trabalho agradável é remédio da cansaça” (Shakespeare). Da mesma forma, a mente saudável e desperta também nos ampara o bem-estar, até mesmo quando dormimos.

A neurociência está se aprofundando no entendimento dessas questões e nas palavras de Stefan Klein, autor do livro “A Fórmula da Felicidade”, “existem seis bilhões de seres humanos e seis bilhões de caminhos que conduzem à felicidade”. Isso, de fato, também está implícito no pensamento de Shakespeare: “Nossos corpos são nossos jardins, cujos jardineiros são nossas vontades”.

O cérebro humano é um tipo de máquina que se “lubrifica” com música, poesia, teatro, cinema, literatura, artes etc. Utilidades não essenciais para alguns poucos (coitados), mas vitais para a esmagadora maioria. Não poderia ser diferente, pois são “esses elementos que depuram a vida dando-lhe algo da essência preciosa de si mesma” (Shakespeare).

O cérebro humano é um voraz consumidor de energia para a manutenção de nossas atividades físicas, exercício profissional, prazer... Mas afinal, perguntou Shakespeare: “Por que existe a música (a poesia, o teatro...)? Não é para aliviar o entendimento depois do estudo e do trabalho diário?”.

Dos “lubrificantes” essenciais para manter saudáveis as atividades funcionais de nossos cérebros, permito-me recomendar a música para uso diário. Ninguém necessita assistir a uma peça de teatro ou visitar galerias de artes todos os dias, pois, segundo Shakespeare, “nada se conserva

demasiadamente bom ou ruim, se até o amor e a fome, em demasia, morrem do próprio excesso”. Mas a boa música, essa parece dispor de elementos essenciais para dissipar as perturbações do coração e restabelecer as harmonias da alma. Talvez por isso Shakespeare considerasse a música como a “padroeira da celeste harmonia”.

Em contrapartida, o rancor, a mágoa, a cólera são exercícios que nos aproximam da auto-escravidão. Esses sim contemplam a lista das verdadeiras inutilidades para a vida. Eles geram estresses e uma vida sem estresses é como um peixe sem bicicleta. Nem o peixe necessita da bicicleta, nem a vida dos estresses. Definitivamente, querer bem é a melhor profilaxia contra a neurose. Nas palavras de Shakespeare:

“Possuo um coração tão impetuoso quanto o vosso. Contudo, tenho cérebro que sabe dirigir a estuosa cólera para vantagem própria”. Ou melhor: “Meu alimento é a cólera: ceio a mim mesmo; e assim morro de fome, de tanto me fartar”.

Por fim, há mais outra “inutilidade” que agracia a vida: o

silêncio. O silêncio, nas palavras de Shakespeare, “é o mais eloqüente arauto da alegria. Pequena seria a minha felicidade, se eu pudesse dizer quanto ela é grande”.

O silêncio é a pausa necessária para que nossos cérebros se recomponham e se ordenem para o fortalecimento de nossas intenções e nossos sentimentos.

Agora, nas palavras de Neruda, “peço silêncio. Agora me deixem tranquilo. Agora se acostumem sem mim. Agora, se quiserem, podem ir... Porém, porque peço silêncio, não creiam que vou morrer: passa comigo o contrário: sucede que vou viver”.

“O SILÊNCIO, NAS PALAVRAS DE SHAKESPEARE, É O MAIS ELOQUENTE ARAUTO DA ALEGRIA. PEQUENA SERIA A MINHA FELICIDADE, SE EU PUDESSE DIZER QUANTO ELA É GRANDE.”

Dr. Celso Luiz Prevedello (PR).

O brilho na meia-idade



É freqüente a queixa de falta de entusiasmo

quando as pessoas não gostam mais do seu trabalho, já não correm atrás nem do sexo oposto, já faliram ou enriqueceram, o costume da academia ou a cerveja com os amigos já deterioraram. Até mesmo aquela viagem, variante mais especial do circuito Elizabeth Arden, já não tem o mesmo gostinho.

Quem pensou sobre isso foi John Stuart Mill (1806-1873), membro do parlamento e pensador liberal inglês do "Utilitarianismo", uma teoria ética já colocada por seu avô e seu pai, e adaptada amplamente pelo romantismo germânico, de Hegel a Wagner. Nietzsche, idolatrado na segunda metade do século XX, leu Mill na juventude, e esticou a mente humana até romper o limite entre arte e loucura.

Juntando Mill ao sul do Brasil no século XXI, a conclusão parece ser que existe uma vantagem em escolher durante a vida atividades do bem, apropriadas para a inteligência de cada pessoa, em oposição aos passatempos que investem em futilidades e nas fogueiras de vaidades que se esgotam

com a maturidade. É melhor resolver frustrações em psicoterapia, e ser construtivo nas atividades extracurriculares. Melhor jogar para si próprio que para a torcida.

Os "utilitários" eram simples e contidos, talvez refletindo sua base clássica grega e a estabilidade e prosperidade inglesas. Um dos preceitos de Mill dizia que devemos agir na busca da maior felicidade para nós mesmos e para o maior número de pessoas;

outro afirmava que prazeres intelectuais davam mais "felicidade", enquanto que prazeres físicos trariam mais "contentamento". Ele costumava dizer que era melhor ser um Sócrates insatisfeito que um tolo satisfeito.

Mill escreveu que entre pessoas que haviam experimentado tanto a "felicidade" mais mental como o "contentamento" mais físico, a escolha era pelo intelecto. Quando confrontado com a opinião de seu avô Bentham de que jogos infantis davam mais prazer a mais pessoas, dizia que não era justo pedir a opinião de pessoas inexperientes, por exemplo a classe trabalhadora da época, sobre ópera. Mill era democrático e foi um advogado precoce dos direitos das mulheres. Era a educação, e não a natureza intrínseca das pessoas educadas, que Mill acreditava ser o berço de uma melhor opinião.

O princípio básico da liberdade dos "utilitários" era de que a felicidade de uma pessoa não poderia nunca ser mais valorizada que a de outro. A humanidade deveria progredir para atingir um modo superior de existência, sem censura

ou paternalismo. Assim existiriam as condições sociais para a maioria das pessoas atingirem o conhecimento e poder deliberativo. O que dá mais felicidade são hábitos intelectuais, que dão prazer, e fazem bem ao intelecto dos outros. Para um amante da sétima arte, deve ser muito legal, por exemplo, instalar um cinema viável num bairro popular.

E falar dos outros? Pesquisas recentes no âmbito da psicologia e da sociologia evolucionária indicam que a fofoca é um hábito humano ancestral: já ajudava as mulheres das cavernas a sobreviver enquanto os machos saíam para caçar e fazer outras coisas que não lhes contavam. O mesmo tipo de pesquisa mostra que hoje em dia homens fofocam mais que mulheres. O que Mill acharia disso? Será que fofocar

pode ser uma inutilidade útil? Afinal, é um ato intelectual por excelência. Mais intelectual impossível: é neocortical, do hemisfério cerebral esquerdo, a porção mais desenvolvida do cérebro humano. Fofocar dá prazer e faz bem ao outro, no caso, o interlocutor. Talvez não ajude a humanidade a progredir para um modo superior de existência, mas, pelo menos na minha maneira de praticar, também não envolve malefício, pois tudo é abobrinha. Resulta em algumas exclamações de surpresa, nenhuma providência é tomada, e tudo é prontamente esquecido. Será que assim, *"en petit comité"* e pura diversão, pode? Parece que anima bastante a vida!

Dr. Paulo Rogério M. de Bittencourt (PR).

Sobre a utilidade do conhecimento aparentemente inútil

Existem muitos conhecimentos

que nos são repassados que, à primeira vista, parecem totalmente inúteis. Num mundo como o nosso, o valor de um determinado conhecimento é julgado pelo grau de relacionamento com a sua aplicabilidade direta. No meio acadêmico, por exemplo, muito apelo tem sido feito no sentido de voltar o aprendizado para elementos práticos depurando-o das teorias explicativas e destacando-o dos demais componentes teóricos.

Nas escolas de medicina, a situação não é muito diferente. Vivenciamos uma época na qual existe um esforço



muito grande em motivar o aluno mostrando a utilidade do saber. Assim sendo, a prática é considerada superior à teoria enquanto a demonstração de determinadas verdades são

substituídas apenas pela sua constatação.

Embora muito desta maneira de pensar esteja plenamente justificada uma vez que o conhecimento na área médica é muito extenso e o tempo para estudo muito escasso, alguns pontos merecem a nossa ponderação.

O primeiro deles, sem dúvida, é sobre o julgamento de valor de um conhecimento. Aquilo que é extremamente útil numa situação pode ser completamente inútil em outra. Como nós professores poderemos saber em que contexto este tipo de saber repassado ao aluno irá se encaixar? Eles

próprios não conseguem prever as suas necessidades por estarmos num país extremamente heterogêneo em termos de prática de saúde e de campos de trabalho. A própria evolução do saber torna determinadas medidas práticas rapidamente obsoletas e o entender de determinadas situações permite o retorno de outras, consideradas superadas por um certo

período de tempo. A escolha, portanto, daquilo que pode ser considerado útil não é fácil e nem sempre atende à meta proposta.

O segundo ponto, ainda mais importante, trata da própria origem do conhecimento. Quantas descobertas de aparente total inutilidade deram origem ou serviram de fundamentos para outras muito importantes? A ciência básica está repleta de muitos desses exemplos. O conhecimento evolui pelos próprios pés e a sua aplicabilidade é, por vezes, apenas um fato paralelo à sua evolução. É possível

usar um conhecimento sem entender o seu fundamento; todavia é impossível gerá-lo sem participar intelectualmente de disciplinas do pensamento sobre as quais essas descobertas se apóiam. Em 1930, A. Flexner, que não concordava com a noção utilitária das universidades, conseguiu fundar um instituto dedicado “à utilidade do conhecimento inútil” - o *Instituto de Estudos Avançados de Princeton* -, ao qual pertenceram alguns dos mais importantes nomes do séc. XX, como, por exemplo, Albert Einstein.

Por terceiro, questiona-se a necessidade de um conhecimento ter valor, ou pelo menos, valor medido em termos capitalistas. Se a escola de medicina se propõe a formar seres humanos que pratiquem a medicina ao invés de simples médicos, ela deve primar pela formação completa do indivíduo que passa pelos seus bancos. E esta não se resume à formação de técnicos. É necessário que se permita ao aluno aprender a julgar o valor de algo pela sua própria medida, a meditar sobre a própria escala de valores e entender que refletir sobre emoções e sentimentos, embora não possam ser medidos diretamente em termos práticos, é algo fundamental na construção da sua própria personalidade.

Ainda, sob este mesmo ângulo, ou seja, o do valor do conhecimento por si próprio, pode-se lhe atribuir importância pelo prazer de obtê-lo, pela satisfação do entendimento, pelo encanto da simples apreensão de um conceito.

Talvez exista um espaço muito grande para o conhecimento inútil ou talvez a sua utilidade seja muito maior do que possa parecer à primeira vista. Talvez devamos dedicar um pouco mais de tempo às inutilidades e conseguir, com isso, nos tornar seres humanos melhores.

Dr^a. Thelma L Skare (PR).

“QUANTAS DESCOBERTAS DE APARENTE TOTAL INUTILIDADE DERAM ORIGEM OU SERVIRAM DE FUNDAMENTOS PARA OUTRAS MUITO IMPORTANTES? A CIÊNCIA BÁSICA ESTÁ REPLETA DE MUITOS DESSES EXEMPLOS. O CONHECIMENTO EVOLUI PELOS PRÓPRIOS PÉS E A SUA APLICABILIDADE É, POR VEZES, APENAS UM FATO PARALELO À SUA EVOLUÇÃO.”

O fascínio da comunicação e o apelo ao fútil

A história da humanidade forma uma espiral.

O vai-e-vem numa verdadeira gangorra de gerações que se reciclam extremando as prioridades e atitudes. Ora elevando a virtude do conhecimento, do respeito aos valores éticos e morais, do culto à qualidade de vida, do labutar e do perseverar. Ora impulsionando o lado oposto, onde se dependuram a ignorância, a futilidade, o desprezo às liberdades individuais e coletivas, o egoísmo e a sublimação do poder e do ter. A escorar este sobe-e-desce está o mistério da vida, que propaga crenças e temores. E é desse equilíbrio de forças, de embalos místicos, que aflora a arte e com ela todas as suas formas de expressão, de mensagens.

Individualmente, estamos a exibir de forma permanente o mesmo quadro de contrastes em todos os estádios de nossa vida, formando correntes comportamentais que se traduzem em circunstâncias ou, às vezes, escolhas. Há uma multiplicidade de interesses tão grandes quanto a sua volubilidade e fragilidade. É regra para todos. Sim, há exceções. Mas prevalece a concepção de que na evolução dessas etapas sempre haverá trocas lúcidas. Com a evolução etária, o que se segue então é a aposta em pressupostas utilidades. A grande maioria, contudo, será adornos do que consideramos necessidades vitais para a sobrevivência em tempos de ode ao consumo. Como agregar conhecimento prático e intelectual. Mas não é possível prescindir de ambientes, objetos, sons ou hábitos que exaltam prazer, alegria, conforto, bem-estar... Manias, todos temos. Por certo não é preciso exagerar, com coleções esdrúxulas, acumulando em casa bugigangas ou lixo mesmo.

No exercício de nossas profissões, sejam quais forem, haverá sempre cacoetes que podem não interferir no resultado final de cada tarefa, mas tendem a ser empregados como instrumento a fortalecer a autoconfiança. Ou a satisfazer privilégios ou interesses. Na Medicina, que não é

minha área, melhor passar ao longe e concentrar o esforço socioanalítico ao papel da massificação da notícia, em tempos de conjugação do ápice do conhecimento tecnológico com a possível decadência e mediocridade da qualidade da informação. Ao rememorarmos a tragédia grega (e a comédia?) ou poemas épicos que misturavam arte com a notícia, representada e refletida, alinhamos o médico Aristóteles e o "jornalista" Homero. Um encenar como remédio da alma ou de integração do homem com o mito e os mistérios da existência, propondo o ensinamento e não a emocionalidade. Muitas centenas de anos depois, trazidos à nossa realidade, seriam parte de um contexto de arte, restrito, seletivo. Semelhante? Talvez o prazer do espetáculo.

A mídia de hoje é movida por encantamento, pelo espetaculoso e por interesses de toda ordem, sobretudo o econômico. São outros os caminhos e os meios, talvez não os objetivos. Com a web então... Temos aí sites de todo tipo, correios eletrônicos, *blogs*, *orkuts* e outros tantos instrumentos eletrônicos a lançar o tempo todo no mundo virtual informações que, reunidas em questão de minutos, seriam ainda infinitamente maiores que o conhecimento acumulado ao longo de sua vida pelo cidadão comum de um século atrás, pelos meios que dispunha. Há mensagens de todo o tipo e gosto, mas é certo que o que mais se propaga são futilidades, ou "lixo" mesmo, para deleite de uma parte significativa da sociedade, originária de modelo formador ultrapassado e alienante, que criou submissão e reserva de idéias. A massificação das

"A MÍDIA DE HOJE É MOVIDA POR ENCANTAMENTO, PELO ESPETACULOSO E POR INTERESSES DE TODA ORDEM, SOBRETUDO O ECONÔMICO. SÃO OUTROS OS CAMINHOS E OS MEIOS, TALVEZ NÃO OS OBJETIVOS. COM A WEB ENTÃO..."

banalidades contribui para o culto a celebridades nada cerebrais e à devoção segmentada excessiva. São as paixões explosivas por religião, política, esportes, novelas televisivas... Sim, são as inutilidades de mídia que fabricam ídolos de *reality shows*, de confidentes blogueiros ou de culturas que nada têm a ver com a gente. Verdade! Uma produção de vilões e heróis da hora, com a conveniência apropriada. Já viu alguém de camisa com estampa do Tiradentes, do Machado de Assis, Castro Alves, do Drummond, do Sabin?

A informação inútil, a ridicularização de pessoas ou o semear de calúnias, difamações ou críticas injustas são o lado ruim dos meios eletrônicos, assim como o são os demais veículos convencionais sob a forte influência de grupos econômicos ou interesses políticos e que arranham seus conceitos de imparcialidade e ética. Que pena, até livros didáticos e históricos pregando ideologias, cultuando ou amaldiçoando personagens, fragmentando nossa cultura! E os médicos então? Em que pesem os bons exemplos que circulam na imprensa, sobretudo de melhor orientação à sociedade sobre qualidade de vida, não é fácil lidar com saúde. O linguajar é, na maioria das vezes, afeito ao desastroso.

Calma! O lado virtuoso é bem melhor. É fundamental para democracia que não se controle o livre trânsito de opiniões e idéias, mesmo quando elas possam estar comprometidas pelo apense a interesses e pela simpatia a causas. A "ordem" imperiosa é pela imparcialidade e pela ética como mecanismos capazes de educar e desenvolver o espírito crítico e independente, fortalecendo a sociedade contra aqueles que detêm o poder por meio da imposição, da corrupção ou da demagogia. Algo como começamos a vivenciar, felizmente. Não podemos ser neófobos, mas para os veículos que são parciais e só reinventam facciosidades, sejam eles sites, *blogs*, jornais ou revistas, temos o poder do boicote. É desplugar ou deletar. As inutilidades do cotidiano informativo? Serão sempre um bom e diversificado tempero para contemplar todos os paladares.

Hernani Vieira (PR).

CLÁSSICOS POÉTICOS

Memória

Amar o perdido
deixa confundido
este coração.

Nada pode o olvido
contra o sem sentido
apelo do não.

As coisas tangíveis
tornam-se insensíveis
à palma da mão.

Mas as coisas findas,
muito mais que lindas,
essas ficarão.

Autor: Carlos Drummond de Andrade

Livro: Antologia Poética

Editora: Abril Cultural, 1982

Páginas: 151/152.

Uma Doença

Há doenças que são mais que doenças,
que não apenas são à vida infensas
como oferecem algumas recompensas

que tornam mais urgente e mais difícil
o já por vezes inviável ofício
de habitar o íngreme edifício

do não-se-estar-conforme-se-devia
e administrar a frágil fantasia
de que se é o que ninguém seria

se não tivesse (insistentemente)
de convencer-se a si (e a toda gente)
que não se está (mesmo estando) doente.

Autor: Paulo Henriques Britto.

Livro: Tarde

Editora: Cia. Das Letras

Epígrafe: Há doenças piores que as
doenças; Fernando Pessoa.

Ribeirão do Chico Pedro

Resoluto, pôs os pés na estrada.

Tinha importante missão a cumprir: provar a si mesmo a inexistência dos mistérios da escuridão e da noite. Se não existiam, por que temê-los? Pretendia percorrer duas léguas de uma estrada tortuosa, que atravessava os mais variados e sombrios lugares: morros escarpados, campo aberto, bananeiras altas e mesmo mata fechada. Habitações à beira, nenhuma. Embora levasse na algibeira uma potente lanterna, ela só se destinava a examinar, com precisão,



o que de estranho aparecesse pela frente. Para ele, que conhecia bem o caminho, bastava a luz das estrelas. Gostava do andar ligeiro, mas agora caminhava lento para perscrutar tudo que visse ou ouvisse por perto. Olhando para trás, mesmo na escuridão, já que a lua cheia ainda não se mostrara, conseguiu ver os contornos da casa onde morava, no Ribeirão do Chico Pedro. Como a tarefa seria demorada, apalpou o facão e a garrucha que levava na cintura e, prendendo com firmeza o porrete seguro pela mão direita, enquanto tudo observava, passou a recordar sua história.

Numa casa modesta, rodeada de verduras e pomares, nasceu Leonardo. Não era a de seus pais, mas de seu avô materno, verdureiro e fruticultor. Ficava distante a casa paterna de Léo: duas montanhas teriam que ser subidas e descidas para chegar até lá. Como primeiro neto, vivia mais com os avós que com os pais; havia ali razoável conforto. E assim foi crescendo o infante.

Rodrigo e Filomena, pais de Leonardo, não obstante serem eles mesmos de cultura elementar e vivessem em plagas de visível atraso, sonhavam alto quanto ao futuro do filho. Que ele tivesse fortuna diferente daquela deles. Que se tornasse importante pela instrução. Quanta gente

agora importante tinha saído do nada? Logo, tudo fariam para que estudasse. Eram raras as escolas rurais e nenhuma por perto. Por isso, atingida a idade escolar, teve que residir em casas de parentes; com os pais só ficava durante as férias. Estar em lares alheios e contribuir com algum trabalho em retribuição à hospedagem em nada perturbava a evolução de seus estudos.

Talvez a perfeição seja apenas um ideal, pois nem sempre a trajetória que traçamos está livre de alguma intercorrência. Nessa vivenda onde Leonardo encontrou abrigo só havia adultos; de adultos também era a gentalha ignara que por ali perambulava. E, qual o mórbido prazer de todos estes? Contar histórias pavorosas de assombração, de fantasmas, de monstros, como se precursores fossem dos hodiernos filmes de terror. Pouco se lhes dava estar ali uma criança ouvindo, acreditando e tremendo. Embora tomassem como base as lendas do folclore, como mula-sem-cabeça, lobisomem, boitatá, caipora e outras do gênero, acrescentavam a existência de

“TALVEZ A PERFEIÇÃO SEJA APENAS UM IDEAL, POIS NEM SEMPRE A TRAJETÓRIA QUE TRAÇAMOS ESTÁ LIVRE DE ALGUMA INTERCORRÊNCIA.”

almas penadas que, à noite, apareciam em diferentes locais para assustar os viandantes.

A capacidade de exagerar dessa massa inculta era inacreditável: o gigantismo e a crueldade que atribuíam ao folclórico *caipora* eram tão descomuns que, se fossem comparados a ele, os Titãs da Teogonia de Hesíodo, ou os Ciclopes de Homero na Odisseia pareceriam pigmeus.

“A CAPACIDADE DE EXAGERAR DESSA MASSA INCULTA ERA INACREDITÁVEL: O GIGANTISMO E A CRUELDADE QUE ATRIBUÍAM AO FOLCLÓRICO CAIPORA ERAM TÃO DESCOMUNIS QUE, SE FOSSEM COMPARADOS A ELE, OS TITÃS DA TEOGONIA DE HESÍODO, OU OS CICLOPES DE HOMERO NA ODISSÉIA PARECERIAM PIGMEUS.”

Na hora do sermão, ao invés de falar do amor ou do evangelho de Cristo, o padre só falou das “delícias” do inferno e das “bondades” ali perpetradas por Satanás. Sem rumo, foi participar de um culto num templo protestante, não longe dali. E qual foi tema do sermão do pastor naquele dia? Com a Bíblia aberta no capítulo vinte e quatro de São Mateus, discorreu sobre o fim do mundo, a consumação dos séculos, a danação eterna dos maus... Para alívio e alegria de Leonardo, terminaram seus estudos possíveis na zona rural e ele voltou à casa de seus pais.

Tinha agora que fazer o curso ginásial. Por feliz coincidência, seus avós tinham permutado, havia pouco tempo, o sítio onde ele nasceu por outro, perto da cidade, no lugar denominado *Ribeirão do Chico Pedro*. Comportava uma casa de alvenaria que, embora velha, era grande e confortável. Vivía então com seus avós idosos, vendendo verduras pela manhã, indo para a escola à tarde. As assombrações só pareciam ter ficado adormecidas no subconsciente.

Travou amizade com rapazes e moças dos sítios vizinhos

A essa altura, o estado de Leonardo já não era de medo. Era de pavor, de pânico... Durante o dia, andava e agia normalmente. Porém, à noite, não deixava a casa nunca; tinha medo até da própria sombra projetada na parede pela lamparina. Certo dia convidaram-no a ir à missa. Foi.

e com eles trocava visitas e passeava pelo campo e pela cidade. Certo dia, uma sexta-feira, convidaram-no para caminharem até uma fazenda, distante três léguas dali. Com permissão da avó – era adolescente – aceitou e, no meio da tarde, partiram. Um senhor moreno, Braulino, levaria uma imagem da Santa àquela fazenda para veneração e guiaria os fiéis numa vigília religiosa, ou de sincretismo religioso. Claro que havia sempre uma festa concomitante. Braulino sempre era solicitado quando para isso se fizesse mister: a cavalo, num picuá, levava de um lado a Santa e, do outro, os panos e castiçais necessários à montagem do altar.

Acompanhado de José, Luís, Tereza e Maria, filhos do sitiante vizinho, seu Hipólito, Leonardo caminhava rumo à fazenda Campestre, alegre e descontraído. Assunto não faltava àquela juventude enturmada. Vencida a primeira légua, deram numa porteira e, dali para frente, a mesma distância teria que ser percorrida em densa floresta. Aberta a cancela que separava o campo da mata, José, na sua simplicidade ou credence, começou contar uma história de assombração. Numa certa noite, passada aquela porteira, seu conhecido Zé Moura cruzou com o vulto de um homem a cavalo, chapéu enterrado até os olhos, mas não se escutava o trotar da montaria; parecia que esta movia as patas no ar, acima do chão. Olhando para trás, o vulto não mais se mostrara, porém, escutou a porteira e a trameia baterem várias vezes. Durante a travessia do matagal, José ainda narrou outras lorotas do mesmo gênero. Mas, dia ainda, ninguém se impressionou nem se lembrou da volta à noite pelo mesmo caminho.

Finda aquela etapa sombria, a estrada serpenteava agora em campinas verdejantes cortando, de quando em vez, riachos cristalinos de corrente tranqüila e capões de mato ciliar. Pastagens, lavouras e frondes de coqueiros, sopradas pela brisa mansa, compunham uma paisagem de beleza indescritível. Haurindo o místico aroma da natureza, chegaram enfim ao seu destino.

Como em qualquer propriedade rural daquelas cercanias, havia um casarão; este, projetando-se altaneiro com nume-

rosas janelas, tinha na frente o nunca faltante terreiro de secar café. Em lá chegando, o grupo se infiltrou no meio dos mais madrugadores: gente humilde, alegre e orgulhosa ao usar seus melhores trajes. E o Brulino? Onde estava? Ninguém sabia. Pior ainda, não tinham mais certeza de sua vinda.

Altas horas, frustrada a espera, alguém teria que resolver o problema. Foi aí que, por sua habilidade nas lides religiosas, foi escolhido o Senhor Florêncio para comandar as ações “litúrgicas”. Bom timoneiro, chamou logo o povo às rezas. Com os olhos orientados para imagens dispostas sobre um altar improvisado, alternavam cânticos e orações. Entretanto, um fato chamou a atenção de Leonardo: Florêncio, caboclo experiente, mas inculto, sempre que concluía uma oração, usava a estranha expressão “*pur seculo sicrório amem*”. Ora, Leonardo sabia latim suficiente para notar ser aquilo uma corruptela do *per omnia secula seculorum* do padre na missa e, por isso, lembrou daquela que já assistira. E lembrou do inferno, de satanás e do fogo eterno. Tudo parecia concorrer para que seu pavor aumentasse num crescendo.

Já passava da meia-noite e Leonardo tinha que estar de volta à casa antes do amanhecer. A obrigação de trabalhar para o avô, logo cedo, era por ele levada a sério e os amigos sabiam bem disso. Quando sondou seus amigos sobre como retornaria – sozinho? Nem pensar – José, sem vontade de deixar a festa, encarregou o mais novo, Luís, para acompanhá-lo. Ora, Luís era pouco mais velho que Leonardo e, assim, era como se duas crianças desprotegidas fossem entregues à sua própria sorte. O mais novo viu que Luís, sem dizer palavra, procurou e achou um pedaço de pau com forma de um cacete. Seria uma arma? Para que fim? Talvez os dois estivessem apavorados. Sem escolha, silentes partiram para o que desse e viesse.

Com céu claro por poucas nuvens, a noite não se mostrava tão escura; por isso caminharam sem percalços em campo aberto. Só uma coisa perturbava o espírito de Leonardo: saber que, findo o descampado, eles teriam que atravessar uma légua de mata fechada. E as porteiras que se diziam ser assombradas? O pior era não saber se a mudez do amigo

significava raiva pela volta precoce, ou que também estava com o mesmo pavor. Chegaram enfim à boca da mata.

O ranger da porteira se abrindo reverberou soturnamente na floresta. O ruído da tramela contra o batente foi mais assustador ainda para Leonardo, pois temia que fosse repetido por algum fantasma. Como a escuridão da noite era mais intensa entre as árvores, o caminho era mais adivinhado do que visto. Agora Léo sentia a boca seca, um suor a escorrer-lhe pela testa, um frio na barriga e os cabelos como que eriçados; só escutava o ruído dos próprios passos e as batidas do coração acelerado. Não sabia se seria melhor caminhar à frente ou atrás do amigo: se à frente, temia bater contra o desconhecido; se atrás, havia o temor de que algum espírito do além o seqüestrasse. Quando o silêncio era quebrado por algum barulho diferente, parecia que o mundo e suas hostes infernais iriam desabar sobre sua cabeça. Com as pernas trêmulas, quer pelo medo, quer pelo cansaço, viram e atravessaram a última porteira – a do inferno.

Mata transposta, um tímido alvor no horizonte prenunciava de um novo dia o amanhecer. Leonardo agora sentia o corpo leve como que livre da carga que até então sobre seus ombros pesara. O trilho pelo campo era visível e macio sob seus pés. Prosseguiram a caminhada até quando, no fundo do vale, um córrego de água cristalina cortava livremente o caminho. Luís agachou e jogou alguns punhados de água na cara e nos cabelos. Leonardo, vendo isso, fez o mesmo. Foi nesse instante que o amigo, ainda curvado, olhou para ele e, com um sorriso enigmático, tartamudeou duas ou três palavras ininteligíveis. Leonardo, também sorrindo, balbuciou alguma coisa: tinha a certeza de que essa atitude ao romper o silêncio de longas horas só podia significar “guerra grande, mas vencemos”.

Chegou ao Ribeirão do Chico Pedro com os primeiros

**“PASTAGENS, LAVOURAS E
FRONDES DE COQUEIROS,
SOPRADAS PELA BRISA MANSA,
COMPUNHAM UMA PAISAGEM DE
BELEZA INDESCRITÍVEL.
HAURINDO O MÍSTICO AROMA DA
NATUREZA, CHEGARAM ENFIM
AO SEU DESTINO.”**

raios do sol. O avô, já arrumando no cavalo as verduras, fuzilou-lhe um olhar furioso, mas vendo-o cabisbaixo, nada disse. Também sem falar nada, Leonardo tomou-lhe das mãos as rédeas do animal e foi mascatear as verduras. De volta à casa, banhou-se no ribeiro, almoçou e foi para a cama: dormiu direto desde aquela tarde até a manhã seguinte. Estava física e emocionalmente em frangalhos.

O juvenzinho ia se desenvolvendo em estatura, na instrução escolar e no conhecimento da vida, mas continuava com aquele estigma do medo: não saía à noite e mesmo durante o dia, em lugares ermos ou matas, temia que algum fantasma surgisse de entre as árvores. Sofria essa angústia sozinho, pois nunca contara o seu calvário a alguém, por mais íntimo que este fosse. Um dia resolveu aconselhar-se com seu tio Francisco, em quem confiava e queria bem.

Tio Francisco era uma ilha de saber no oceano de ignorância daquelas cercanias. Filho mais novo, matricularam-no em um colégio. Embora com invejável aproveitamento, foi de lá tirado por ciúme dos irmãos, tendo que voltar ao campo. Entretanto, não se acomodou; tornou-se um autodidata: lia livros que comprava ou emprestava de amigos da cidade. Trazendo deles jornais já lidos, sabia até o movimento dos aliados na 2ª Guerra Mundial. Era novo –

quarenta anos – e cômico de seu saber e de suas limitações. Sempre que falava com o sobrinho, fazia-o como se estivesse brincando, ironizando. Quando o sobrinho chegou, o tio, como era seu jeito, foi logo o saudando:

- Ilustre mancebo. A que devo a honra de tão

importante visita? Entre.

Leonardo, após uma merenda frugal com todos da casa, pediu licença e se retirou com o tio para a sombra de uma árvore. Ali, sentados em uma pedra bem talhada, narrou-lhe, desde o início, sua desventura: medo de assombração

e das almas do outro mundo. Tinha certeza que o tio o ajudaria a desvencilhar-se dessa incômoda situação

Com os cotovelos apoiados sobre os joelhos e as mãos suportando o queixo, Tio Francisco refletiu um pouco, mas sem tirar os olhos do sobrinho. E, com voz e gestos paternos, mas de modo convincente, iniciou a sua fala:

- Fique tranqüilo. Sei que não gosta de sermão e nem eu. Mesmo assim vou começar com a expressão de Cristo no Evangelho: "Conhecereis a verdade e ela vos tornará livres". Não sou psicólogo, mas depois desta prosa, você vai mudar. Analisemos seu problema direta e racionalmente. Ésquilo, poeta grego do V século a.C., disse ser a dor o preço do aprendizado. Ora, hoje, os entendidos ensinam que, além da experiência própria, aprendemos também com a dos outros. Como? Estudando, convivendo e conversando. Acontece que a conversa, se não for com pessoas de saber confiável, faz-nos desaprender ou, em outras palavras, inflam-nos de idéias e pensamentos errôneos e prejudiciais.

- Acha o senhor então que o homem é um produto do meio?

- Claro que não. A coisa não é bem assim. Aliás, para mim, decorreu da errônea interpretação feita pelos seguidores dos deterministas alemães Feuerbach, Marx e Ratzel. Hoje, tem-se opinião diferente: o homem só é um produto do meio ao nascer. Daí para frente, ele pode modificar o meio e com ele interagir.

- Meu professor de geografia, ao citar La Blache, dizia que o homem, embora sofra influência do meio, também pode o fazer e modificar. Era o possibilismo.

- Acho muito mais interessante, para nós, o pensamento de Gasset: "Não nos perguntam, antes de nascer, em que época e em que mundo nasceremos e em que circunstâncias vamos viver. Diz ele ainda: "Eu sou eu e minha circunstância. O homem e a circunstância formam e integram a vida, e um não é inferior ao outro". Entendeu bem essas palavras, perguntou Tio Francisco.

- Claro, disse Leonardo. Significam que minha vida não depende só de mim, mas também da força que representa o mundo que me rodeia.

- É isso aí, jovem. Continuemos com o motivo que o

"TIO FRANCISCO ERA UMA ILHA DE SABER NO OCEANO DE IGNORÂNCIA DAQUELAS CERCANIAS. (...) TORNOU-SE UM AUTODIDATA: LIA LIVROS QUE COMPRAVA OU EMPRESTAVA DE AMIGOS DA CIDADE. (...) SABIA ATÉ O MOVIMENTO DOS ALIADOS NA 2ª GUERRA MUNDIAL."

trouxe aqui. A história do medo da noite, escuridão e seus fantasmas perde-se na alvorada dos tempos. O homem primitivo, não sabendo nem o que era a noite, razões tinha de sobra para imaginar fantasmas, duendes, assombrações e almas do outro mundo. E essa gente que ainda hoje acredita nisso tem, portanto, uma cultura primitiva. Você, pessoalmente, como disse no início, nunca viu nada; aqueles que lhe relataram também só falaram que outros viram... E é sempre assim: um relatório de boca em boca, de geração a geração, daquilo que não é real e sim imaginário. Já viu alguém relatar que viu uma sombra à luz do dia?

- Claro que não. Mas Tio, e aquela barulheira no mato? Que significa?

- De dia ou de noite, a mata é a mesma e com os mesmos freqüentadores. Além dos animais de hábitos noturnos, já imaginou a balbúrdia que faz um predador perseguindo sua presa e esta fugindo daquele? Meu filho, não tenha medo do irreal ou dos mortos: não podem lhe fazer mal algum. Entretanto, tome cuidado com os vivos! Estes sim são perigosos, sejam homens ou animais.

A prosa ainda durou um bom tempo. Parou, enfim, quando Tio Francisco sentiu, pela cara de alegria do sobrinho, a eficácia da conversa. Leonardo beijou a mão do tio, despedindo-se. Preparado para caminhar mais uma légua até o Chico Pedro, partiu contente, pois chegara como um medroso e saía com a serenidade e valentia dos convictos. A força que recebera do tio é que o levou a empreender a *caminhada de desafio*, durante a qual relembrou os marcos de sua história.

Lembrando e avançando – um Dom Quixote sem cavalo – subiu de um só fôlego o morro do Lindico. Seguiu a estrada entre as bananeiras e o cafezal. Até aí, sempre atento, só viu uma lebre com seus pulinhos inconfundíveis. A lua brincava de esconde-esconde. Sombração? Nada de aparecer!...

Chegou enfim à mata do Gaspar, penúltima prova de fogo. Andou um longo trecho sem ouvir mais que o farfalhar das copas das árvores agitadas pelo vento. Projetando o foco da lanterna para todos os lados, só enxergava troncos de madeira e a relva

do caminho. Parecia que as assombrações e mesmo os animais da mata estavam de férias. À beira de um arroio, no fim do mato, distinguiu uma paca caminhando assustada. Floresta vencida!

Entrando agora no caminho ladeado de pastagens e arbustos, caminhou ligeiro. Estava ansioso por atingir a meta final: uma cruz à beira da estrada. Cada forasteiro atribuía causa diversa à existência dela; o relato menos tenebroso contava que alguém ali fora morto com sete facadas. Leonardo, em outras vezes que por ali passara e de dia, a pé ou a cavalo, corria sem olhar para aquele lado.

Saiu da estrada e dirigiu-se à meta. Em lugar ermo, a dez metros à esquerda da via, lanterna ligada, viu o que procurava: quatro pilares de madeira de cerne, carcomidos pelas térmitas, sustentavam um arcabouço de paus roliços coberto por telhas coloniais. Um coqueiro esguio completava o cenário. No terço distal do chão de terra batida misturada a moitas de grama, fincada num monte de seixos, estava a cruz. Tosca, de madeira, enegrecida pela umidade, pelos fungos e pelo tempo. Leonardo nem se lembrou de persignar-se. Silêncio profundo e total. Só ouvia o bater do coração, mas sem taquicardia o medo não mais pesava sobre ele. Era todo certeza.

Saiu sem ter visto alma ou assombração alguma. Quando pensou já estar concluso o desafio, olhou para cima e viu a lua brilhando e, ato contínuo, ouviu o uivar tristonho e distante de um cão nenhum lobisomem apareceu!...Mas, de repente, apurando o ouvido, pareceu escutar um barulho vindo da espessa vegetação vizinha. Sacou da garrucha e acionou a lanterna. Viu um carreiro e por ele foi avançando comedido. Foco da lanterna projetado para frente. E agora? Após uma dúzia de passos, dois enormes olhos vivos e brilhantes refletiam a luz. Sem medo, mas cismado, Leonardo foi se aproximando da *coisa*. Vendo algo tão perto, o *monstro* se levantou e, calmo, foi embora uma pobre vaca expulsa do sossego com que ruminava sua refeição vespertina!...

“HOJE, TEM-SE OPINIÃO DIFERENTE: O HOMEM SÓ É UM PRODUTO DO MEIO AO NASCER. DAÍ PARA FRENTE ELE PODE MODIFICAR O MEIO E COM ELE INTERAGIR.”

Dr. Lauro Del Valle Pizarro (PR).

Decodificando a poesia



Este soneto de autoria de Dom Pedro II saiu

divulgado no jornal *A Noite*, precisamente a 16 de julho de 1889.

Escrito a bordo do navio que o levava à Europa, já banido da pátria brasileira, o soneto evidencia o dom de lidar com métrica, rimas e exatidão das palavras, na ânsia de transmitir o sentimento de traição e ingratidão, que lhe invadem o espírito.

Ante o golpe ferino, o imperador chega a pressentir a morte, pelo coração que palpita enquanto chora, pela perda irreparável que se consumara.

À época, a má-vontade dos que desejavam exterminar a monarquia, chegou a críticas contundentes, classificando o soneto de instrumento de chantagem, em busca da compaixão popular e de um possível arrependimento dos políticos.

A crítica em si chegou a perceber uma possível analogia

entre o amor por uma mulher e o sentimento pela pátria à qual jamais voltaria.

Leitor assíduo de bons livros, espírito diuturnamente voltado à cultura - em especial à literatura e à poesia -, o imperador cunhou um soneto cuja intenção não era de abiscoitar prêmios.

Ao abrir de tal forma o peito, Dom Pedro II deixou lavrado o depoimento de que a coroa não protege o mandatário, nem o preserva do mais comum dos sentimentos: o afeto.

Alzeli Basseti (PR).

UM INGRATO

Não maldigo o rigor de iníqua sorte
Por mais atroz que seja e sem piedade
Arrancando-me o throno e a magestade
Quando a dois passos só estou da morte.

Do jogo das paixões minh'alma forte
Conhece a fundo a triste realidade
Pois se agora nos dá a felicidade
Amanhã tira o bem que nos conforta.

Mas a dor que excrucia, a que maltrata,
A dor cruel que o ânimo deplora,
Que fere o coração e quase o mata,
É ver na mão fugir, à extrema hora,
A mesma boca lisongeira e ingrata
Que tantos beijos nela dei outro'ora!

Dom Pedro II

Imperador do Brasil

**Reproduzido conforme a grafia da época.*

Seleção de Poemas dos leitores do Iátrico

Foi ampla a receptividade entre os médicos para envio de poesias para seleção e veiculação nesta edição do Iátrico. A análise das obras coube ao médico Edival Perrini e à psicóloga e psicanalista Jandyra Kondera Mengarelli, que fazem parte do “Encontrovêrsia”, grupo

formado há mais de 27 anos e que se reúne quinzenalmente para interlocução, estudo e investigação da poesia. A eles o nosso agradecimento, extensivo a todos os participantes, aos quais também cumprimentamos pela arte e sensibilidade.

VAZIO

Aberto mas num triste vazio
Em passos largos, senti encher
Macia casa o amor ganhou
E num instante, não era mais só.

Sou dois na forma de um só ser
Farto de você, breve de mim
Meu brilho é tê-lo sempre aqui
Agora já sei, não sou mais eu.

Mas em um ato... Ingrato hoste!
Pesada dor, senti encurvar
Vejo-me enfermo e sombrio.

Egoísta amor: - Dê-me a posse!
Para então, eu mesmo tirar
Não me quero cheio nem vazio.

Dr. Edson Luciano Rudey, Curitiba (PR).

CREPITAÇÃO DE VIDA

At sunrise

O sol brota na colina
Esparrama-se o vento
e acaricia a cabeleira do milharal...

A Natureza sorri...
Um menino caquético,
sujo de barro passa.

At noon

No sol do meio-dia ardente
O jovem apolíneo
atropela o barro na moto;
no pronto-socorro gente a espera...
na UTI levam açodadamente
o infartado que se foi...

At sunset

Na hora do ocaso
Um velho claudica
E carrega o fardo da seqüela.
A Natureza entristece...
Lentamente escurece
E vem a noite misteriosa!
O tempo passa
tudo fenece...
The life must goes on!
Alguém pergunta:
Ei poeta, e a beleza?
A beleza permanece.

Dr. J. Fausto Toloy, Campina da Lagoa (PR).

FERRARIA

Martelo?
Bigorna?

Quem diria

Quem diria

Que a fina

Membrana

Oculto

Clandestina

Ferraria?

Ouçã!

Dr. Cezar Zillig, Blumenau (SC).

MEDISINA

Durmo, trabalho; durmo trabalho;
onde a arte do despropósito?

Durmo, trabalho; durmo, trabalho;
onde a essência do ócio?

Durmo, trabalho; durmo, trabalho;
seria escravo da repetência?

Durmo, trabalho; durmo, trabalho;
arre, estou farto da insistência!

E olha,
parece som de realza.

Dr. João Luiz da Fonseca, Curitiba (PR).

CARDIOPATIA CONGÊNITA

O meu coração é um mar
De muitas ondas
De muitos portos
Se quiseres navegar
Basta me olhar nos olhos
E não dizer nada...

O meu coração é uma grande cidade
De noturnas esquinas desertas
De bêbados com olhos tristes
De mãos à procura de mãos...

O meu coração é maior que o mundo

E não cabe dentro do meu peito

Ele também é seu

Oitenta batimentos por minuto

No silêncio da noite

Quando não venta

E o que foi dito

Fica vagando suavemente...

Eu tenho no peito uma fogueira enorme

Eu tenho na boca um verso

Começado...

O meu coração tem um jeito estranho de doer

É uma brasa que encosta

E não destrói, só queima

As lágrimas não conseguem apagar...

O meu coração tem vida própria

Quando quer é como criança

Não sossega enquanto não tem

E quando tem, quer mais

E novamente queima...

Ele tem seus próprios olhos

Dentro dele há um outro coração

Muito maior que ele

Que também tem vida própria

E uma enorme vontade de chorar...

Este também tem outro

Dentro dele maior ainda

Eles são infinitos

Infinitas bocas querendo beijo

Infinitos olhos querendo ver...

Eu não consigo fazê-los felizes

E eles vão queimando

Um dentro do outro

Todos dentro de mim...

Dr. Luis Alberto Batista Peres, Cascavel (PR).

Impressões

A contemplação, de jardins a mulheres lindas e elegantes.

O impressionismo se caracterizou por nos transmitir impressões fugazes, evanescentes, dos fenômenos da natureza. Fugia do estável, dos contornos precisos, para dar forma à sugestão, força ao transitório. Por isso adorava neves, neblinas, auroras e crepúsculos. Sua matéria-prima eram as sensações do artista. Este nunca recortava, apenas delineava, sugeria. Fugia, pois, do nítido, dissolvia as formas.

Situado no período de 1860 a 1880, não foi propriamente uma escola artística unificada. Talentos e egos eram excessivos para tal delimitação. Como sua arte, os artistas estavam em trânsito, experimentavam, em busca de outros alvoreceres. Basta citar como representantes, o Monet das Ninféias (Nenúfares) ou o Cézanne da frase famosa: “Sou a consciência da paisagem que se pensa em

mim”. É mole?! Esse grupo de jovens audaciosos e ambiciosos mostrou o caminho à arte moderna. Ou seja, Cézanne resultou em Picasso.

Um dos seus mais lídimos representantes foi Renoir. Avesso às coisas desagradáveis da vida, buscou nos premiar com a profusão de cores e luz de alegria pueril. Para o alto era seu lema. Tanto que em vez de fundos pretos usava o azul-vivo, o azul do céu, para representar as sombras. Mesmo sendo um sofredor crônico, tinha Artrite Reumatóide, deixava de lado suas dores, e nos agraciava com as mais lindas inutilidades: nus, festas, jardins, pores-do-sol. E mulheres. Muitas mulheres. Mulheres bonitas, sorridentes, bem-vestidas e, às vezes, nuas. Quer dizer, mulheres como devem ser, com a alegria de viver. 🍷



Renoir, Garden at Fontenay, 1874.

Renoir, By the Seashore, d. 1883.



Aprender uma língua estrangeira: que caminho percorrer?

Aprender uma língua estrangeira é uma necessidade nos dias de hoje, não só porque existe uma expectativa social mas também pelas suas contribuições na formação educativa.

Você busca o aprendizado da língua estrangeira porque reconhece nela uma ferramenta indispensável tanto em sua carreira acadêmica como profissional, ou simplesmente porque quer ser ouvido e reconhece nas línguas estrangeiras um poderoso meio de expressão neste mundo globalizado? Sabe-se, no entanto, que o indivíduo, impulsionado por um objetivo maior, seja de natureza social ou educativa, inicia o aprendizado de uma língua estrangeira e acaba “tomando gosto”, descobrindo valores antes desconhecidos, destruindo imagens estereotipadas etc. Isto ocorre na medida em que a experiência de aprendizado da língua é complementada com o aprendizado da respectiva cultura, passando ambos a fazer parte da coleção de experiências de vida da pessoa.

Assim, dominar uma ou mais línguas estrangeiras virou, no mundo globalizado, atributo essencial para se conquistar uma vaga no concorrido mercado de trabalho. E não basta apenas saber uma língua estrangeira - dependendo do emprego almejado - para se diferenciar de outro concorrente. O mercado de trabalho, preocupação tanto para os jovens que estão na iminência de ingressar quanto para os adultos ingressos, não foge da comparação de currículos na hora de definir uma vaga, principalmente quando dois pretendentes candidatos ficam para a última disputa. Nesse momento, uma segunda língua estrangeira pode ser um fator decisivo de desempate.

As crianças também têm novas exigências com os tempos modernos e os brinquedos eletrônicos. Um mínimo de

conhecimento de outra língua é obrigatório para brincar no videogame ou com o ‘boneco espacial’, e o computador, já incorporado ao pacote de eletrodomésticos, baseia seus conceitos na língua anglo-saxônica.

O estudo de uma ou mais línguas estrangeiras amplia as possibilidades de comunicação do indivíduo, estimula uma melhor compreensão e um maior domínio da língua materna e favorece a compreensão e o respeito com relação a outras formas de atuar e pensar o mundo. Nessa perspectiva, o processo de ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira não pretende que o indivíduo aprenda um novo código apenas. Aprender uma nova língua significa aprender a interpretar a realidade com outros olhos por meio da inserção do indivíduo num universo de práticas culturais. Significa compreender as diferenças históricas, culturais e lingüísticas, através da reflexão e do debate.

Nesse sentido, o ensino de uma língua estrangeira tem uma função educativa que extrapola os aspectos meramente lingüísticos e adquire relevância na formação global do indivíduo, promovendo a comunicação e a construção da representação da realidade, contribuindo com o processo de formação do homem como um todo - aspectos cognitivos, socioculturais, atitudinais etc.

“APRENDER UMA NOVA LÍNGUA SIGNIFICA APRENDER A INTERPRETAR A REALIDADE COM OUTROS OLHOS POR MEIO DA INSERÇÃO DO INDIVÍDUO NUM UNIVERSO DE PRÁTICAS CULTURAIS. SIGNIFICA COMPREENDER AS DIFERENÇAS HISTÓRICAS, CULTURAIS E LINGÜÍSTICAS, ATRAVÉS DA REFLEXÃO E DO DEBATE. ”

Por outro lado, com todas as transformações no mundo e as facilidades de aprender uma nova língua, as pessoas continuam tendo dificuldades e complicações para esse aprendizado, quando lhes falta motivação. A motivação é uma força interior propulsora, de importância decisiva no

“SABEMOS QUE COM A VELOCIDADE DAS MUDANÇAS QUE OCORREM HOJE EM DIA NO MUNDO, O MELHOR PROFISSIONAL É AQUELE QUE NÃO PÁRA E QUE TEM CONSCIÊNCIA DE QUE NUNCA ESTARÁ PRONTO.”

desenvolvimento do ser humano e no processo de aprendizagem. No aprendizado de línguas, a motivação é um elemento chave, ela é a expressão do desejo do ser humano de satisfazer necessidades.

Animal social por natureza, o ser humano tem necessidade absoluta de se relacionar com os

outros. Essa tendência integrativa da pessoa é o principal fator interno ativador da motivação para muitos de seus atos. Por exemplo, se estivermos em um ambiente caracterizado pela presença de uma língua estrangeira, naturalmente teremos uma forte e imediata motivação para assimilarmos essa ferramenta que nos permite interagir com o ambiente, dele participar e nele atuar.

Aprende-se uma língua estrangeira por “n” razões: ou porque a escola impõe, ou porque é da vontade dos pais, ou porque vai morar no exterior, ou por necessidades acadêmicas, ou porque se trata de uma decisão pessoal, ou porque nos dá prazer etc. Constatamos, pois, que o aprendizado de uma língua estrangeira responde seja a uma motivação externa, interna ou a ambas.

Não basta, entretanto, querer aprender uma língua, estar motivado para tal aprendizado. Aprender uma nova língua é necessidade dos tempos modernos, e a sedução é o ponto chave para manter o estímulo do aluno. A sedução responde a uma soma de condições favoráveis. Por isso, Iniciar o aprendizado de uma língua estrangeira demanda uma escolha cuidadosa e adequada da instituição, do profissional

e do tipo de curso ofertado. O mercado brasileiro apresenta hoje inúmeras opções para aqueles que desejam tornarem-se proficientes em uma ou mais línguas estrangeiras.

Se é verdade que a oferta de cursos é bastante vasta, é também realidade que as chances de se cair nas mãos de profissionais não qualificados é proporcionalmente maior. Infelizmente as seqüelas deixadas neste caso não são menos prejudiciais do que aquelas provenientes de encontros com maus profissionais de outras áreas, como da saúde, por exemplo. Um aluno que frequenta um curso de línguas ao qual não se adapta ou que não oferece as condições mínimas necessárias para seu desenvolvimento levará para o resto de sua vida os problemas deixados pela experiência negativa, acreditando que a dificuldade está centrada nele e não no profissional que o acompanhou. É importante, portanto, escolher escolas de línguas que tenham como critério a escolha de profissionais com formação em ensino de línguas estrangeiras.

Sabemos que com a velocidade das mudanças que ocorrem hoje em dia no mundo, o melhor profissional é aquele que não pára e que tem consciência de que nunca estará pronto. Assim, se a idéia de “melhor professor” que apresentarem a você for relacionada ao tempo de formação ou “tempo de casa”, podem ocorrer decepções futuras. O melhor profissional é aquele que se atualiza constantemente. Professores formados em Letras que se atualizam frequentemente, ou que buscam atualização, apresentarão um desempenho diferenciado e bem-sucedido no ensino das línguas estrangeiras.

Escolher determinado curso de línguas pura e simplesmente porque você conhece alguém que fala bem uma língua estrangeira e frequentou este curso pode não trazer os resultados esperados. Cada curso trabalha com metodologias e materiais diferenciados, aos quais uma pessoa pode ou não se adaptar, dependendo de diversos fatores como personalidade, idade etc.

Se a indicação é sem dúvida uma ótima maneira de começar a pesquisa, não se deve, no entanto, parar por aí. Essa indicação deve ser utilizada como um guia de por onde começar a pesquisa. Depois, o melhor a fazer é perguntar. Lembre-se de que você não precisa entender profundamente como a metodologia escolhida pela escola se aplica, mas sim que benefícios ela trará a você e a seu aprendizado. Que diferença você vai sentir entre uma escola “x” ou “y” e/ou entre uma metodologia “x” ou “y”. Assista pelo menos a uma aula antes de tomar uma decisão, só assim você poderá confirmar se está fazendo a escolha certa.

Conhecer as instalações da escola pode ser útil... Contudo, não se deixe enganar por seus olhos... O importante é que as instalações estejam adequadas à proposta de ensino: salas pequenas representam um aspecto positivo ou negativo em relação ao curso? E salas enormes, com muitas carteiras? Depende da proposta da escola. Você pode aprender em turmas pequenas, nas quais provavelmente terá mais atenção do professor, ou em turmas maiores, nas quais terá mais chance de comunicação com um número maior de pessoas, aumentando as possibilidades de interação e comunicação autêntica. Porém, a experiência tem mostrado que funcionam normalmente bem turmas com até 15 alunos.

É necessário que o ambiente em que o aprendizado da língua venha a ocorrer seja autêntico e proporcione atividades voltadas aos interesses do aluno. Entretanto, o ambiente não pode carecer de autenticidade, de elementos da cultura estrangeira, de recursos extras como vídeo, TV, computador. Estes elementos são importantes, mas devem estar inseridos na proposta de ensino e não servir simplesmente como “iscas” para atrair alunos (o que, infelizmente, não raro acontece). Se a você é apresentado um enorme laboratório com equipamentos multimídia de última geração, não deixe escapar a chance de (mais uma vez) perguntar: como são utilizados os recursos multimídia? Quando? Com que finalidade? Fique atento a respostas como: “Estarão a sua disposição, poderá usar quando

precisar”. Dificilmente você sentirá que precisa daquele recurso até o momento em que, na sua vida real, no dia-a-dia, se deparar com a situação em que terá que utilizar a língua juntamente ou a partir daquele instrumento.

Vale lembrar também que deve haver a consciência de que você não está aprendendo uma língua estrangeira para conversar com seu professor ou colegas de turma: o objetivo é que você se comunique nas mais diversas situações que enfrentará fora da escola e, certamente, essas situações não serão nada parecidas com uma sala de aula. Os recursos disponíveis devem servir a este fim: colocá-lo em situações nas quais tenha que utilizar a língua, preparando-o assim para o mundo que o aguarda fora das paredes tão seguras e protetoras da sala de aula. Lembre-se de que seu objetivo é aprender outra língua, por isso, as avaliações devem de algum modo ajudá-lo a atingir este fim. Tenha sempre em mente que avaliações contínuas e progressivas devem servir como uma ferramenta de ajuste de rota e de comparação do seu estágio de desenvolvimento atual com seus estágios anteriores: comparar você consigo mesmo e não com outros alunos.

Não existe nem caminhos, nem receitas milagrosas que garantam o seu sucesso como aprendiz/falante de uma ou mais línguas estrangeiras. Existem cuidados que devem ser tomados quando da escolha de um curso de línguas e/ou de uma instituição de ensino de línguas estrangeiras. Talvez o elemento primeiro para determinar a sua escolha seja proceder a um diagnóstico: que língua desejo aprender, com que objetivo, em quanto tempo ou quanto tempo tenho disponível e que proficiência desejo alcançar?

“OS RECURSOS DISPONÍVEIS DEVEM SERVIR A ESTE FIM: COLOCÁ-LO EM SITUAÇÕES NAS QUAIS TENHA QUE UTILIZAR A LÍNGUA, PREPARANDO-O ASSIM PARA O MUNDO QUE O AGUARDA FORA DAS PAREDES TÃO SEGURAS E PROTETORAS DA SALA DE AULA.”

Sandra Lopes Monteiro (PR).

Memes



Linfonodomegalia de origem inflamatória (infecciosa) é comumente dolorosa, sendo usualmente indolor a de origem neoplásica.

Pacientes com anemia hemolítica têm hiperatividade medular, isto é, reticulocitose. Isso demanda um consumo excessivo de ácido fólico. Uma queda nos reticulócitos e agravamento da anemia pode significar deficiência de ácido fólico.

Recurrência de icterícia associada à evidência de hemólise e Coombs negativo é indicativo de esferocitose hereditária.

Paciente com deficiência de B12 pode ter hipopotassemia porque a síntese anormal de ADN pode afetar as células tubulares renais. Quando iniciar o tratamento com B12 reponha potássio e certifique-se durante a primeira semana que seu nível sérico esteja normal. Esse cuidado pode evitar uma morte súbita.

Adenoma cromóforo é o tumor hipofisário mais comum em pacientes com amenorréia; está frequentemente associado com níveis elevados de prolactina e galactorréia.

O rápido aumento do fígado em paciente com cirrose estabelecida sugere hepatoma ou trombose de veia hepática.

Ostealgia (dor óssea) induzida por álcool é um achado raro, mas específico, da doença de Hodgkin.

Ostealgias associadas a tetania sugerem osteomalacia.

São desencadeantes de artrite gotosa aguda traumatismos e cirurgias. Qualquer artrite que ocorra no pós-operatório é suspeita de ser gota.

A terapia com diuréticos tiazídicos é uma das causas mais importantes de hiperuricemia secundária. Mas não esqueça insuficiência renal crônica nem doenças hematológicas.

Embora em franco desuso a terapia com colchicina não era diagnóstica de artrite gotosa aguda. Ocasionalmente as artrites agudas associadas à sarcoidose e à pseudogota (pirofosfato de cálcio) também respondiam à colchicina.

Não esqueça: Monoartrite aguda é igual a agulha (punção), desde que o diagnóstico não esteja claro; monoartrite crônica é igual a biópsia de sinovial.

A demonstração ao exame endoscópico de varizes de esôfago é a principal evidência clínica de hipertensão portal (HP).

Esplenomegalia é o sinal isolado mais importante de HP. Se o baço é impalpável, ou não está aumentado à ultrassonografia, o diagnóstico de hipertensão portal é questionável, sem afastá-la definitivamente.

A obstrução da via aérea superior se manifesta por dispnéia acompanhada de estridor e retração inspiratória das fossas supra-ventriculares e espaços intercostais.

Em homens idosos a principal causa de noctúria é a hipertrofia prostática benigna. Se não houver, entre outras causas, pense em hipercalcemia (nunca é lembrada!)

Sem culpa e sem vergonha

No passado, a corrupção da

política brasileira costumava andar de mãos dadas com a inflação. O resultado dessa combinação era a crise institucional – foi assim nos governos de João Goulart e Fernando Collor. Hoje, morto o dragão inflacionário e com o sistema aberto a uma maior competitividade, a corrupção, que, entre outras coisas, bloqueia a eficiência dos serviços públicos, surge em estado puro e remete a questões fundamentais. De onde vem, afinal, essa roubalheira institucio-

nalizada que, como revela o governo Lula, independe de coloração ideológica e partido político? Seria ela o resultado das nossas origens como uma colônia semi-abandonada, povoada por degredados e gente capaz de tudo para subir na vida? Estaria ligada a um mero banditismo, pronto a ser sanado por uma polícia eficiente? Ou teria uma ligação profunda com um desenho institucional marcado pela proteção aos superiores, a ponto de lhes garantir impunidade quando praticavam a corrupção político-partidário-administrativa?

No centro da corrupção à brasileira existe uma indecisão cultural (ou moral, se quiserem) entre duas éticas que operam em qualquer sistema social. A primeira é a ética particularista da casa, dos amigos e da família, que manda proteger, ignorar, relevar, condescender e perdoar o ofensor (corrente em sociedades tribais e arcaicas); a outra é a ética universalista da rua (ou do mundo público), que demanda, ao contrário, tratar com isenção ou igualdade, aquilatar a gravidade da ofensa, trazer a público o ofensor e punir



adequadamente quem quer que tenha cometido o delito. Nosso problema, como a dinâmica da vida pública não cansa de mostrar, é que até hoje temos consciência dessa duplicidade, mas ignoramos solenemente as suas implicações. Assim, quando se trata dos outros, somos implacáveis e a eles aplicamos sem hesitar as normas universais do mundo da rua. Maximizamos a dimensão impessoal da ofensa e tratamos a pessoa como um indivíduo: um mero cidadão também sujeito à lei. Mas, quando são os nossos, eles são vítimas da imprensa, meros aloprados, ou crianças. Como sequer julgar o presidente do Congresso Nacional, se ele é nosso colega, amigo e nos favoreceu em inúmeras situações?

Tenho para mim que o intolerável e verdadeiramente enlouquecedor no Brasil atual não é o jogo de forças entre pessoas leis, rotineiro em qualquer sistema, mas a manutenção daquelas duas éticas no campo do “político”, justamente a esfera destinada a resolver duplicidade. A coisa chegou a tal ponto que a palavra “política” passou a

designar precisamente esse jogo amoral no qual a igualdade é sempre ultrapassada por pessoas que, desdenhando das leis, passam a controlá-las em vez de zelar por elas. Ou um ritual no qual os criminosos são acusados mas, quando são importantes, livram-se da pena porque têm comprovados relações pessoais e partidárias com os donos do poder. Pior ainda, “política” passou a designar uma rotina de desfaçatez que é a manifestação mais patente de outro traço daquela duplicidade ética: uma extraordinária ambigüidade no que diz respeito a dois sentimentos que acompanham o rompimento da norma, a saber, a vergonha e a culpa.

“O BRASIL PADECE DE UMA INDECISÃO ENTRE A ÉTICA DA CASA, QUE PRIVILEGIA PARENTES E AMIGOS. E A DA RUA, QUE PREVÊ A APLICAÇÃO IGUALITÁRIA DA LEI. ENQUANTO ESSA CONFUSÃO NÃO FOR RESOLVIDA, A CORRUPÇÃO E A AMBIGÜIDADE IDEOLÓGICA CONTINUARÃO A REGER A POLÍTICA NACIONAL. E É O DEMONIZADO LIBERALISMO QUE GUARDA O POTENCIAL DE SUPERAR ESSE GRAVE IMPASSE.”

responsabilidade moral é ambígua e pode ser atribuída tanto a um agente individual quanto a relações e grupos (caso do Japão), predomina a vergonha. A culpa contrasta nitidamente com a inocência, mas a vergonha contém níveis de gradação, sendo relativa. Ou seja: a vergonha, ao contrário da culpa, depende do tipo de crime, de quem o pratica e também de suas motivações. Quando o crime é irreparável e atinge todas as nossas relações, a única saída é o suicídio de honra, a auto-execução que liberta tanto o ofensor quanto a sua família, partido ou segmento de suas faltas. É o que ocorre no Japão e foi o que aconteceu, no

Sociedades que atribuem responsabilidade moral a indivíduos autônomos e iguais têm padrões de moralidade claros e absolutos. Nelas, há uma consciência dominante de culpa que promove a auto-acusação, bem como a punição geralmente severa, com um foco claro na vítima. Já em sistemas coletivistas, nos quais a res-

caso brasileiro, apenas no suicídio de Getúlio Vargas. Quando, por sua vez, a culpa é intolerável, o sujeito vai à televisão, pede perdão público aos seus concidadãos e aguarda o julgamento, como fizeram Ted Kennedy, Richard Nixon e Bill Clinton.

No Brasil, onde uma ética dúplice mistura tudo, há um dilema. Pois se houver o crime, mas ninguém for de fato investigado, como ocorreu com o mensalão, com os alopados e, ao menos até agora, com os senadores Renan Calheiros e Joaquim Roriz, não há nem culpa nem vergonha. Ou há culpa mas não há aquela cota de vergonha suficiente para levar à cadeia. A culpa é interior; a vergonha, externa. A pessoa pode se sentir culpada mesmo que a sociedade a tome como inocente. Quanto à vergonha, se ninguém souber que eu roubei o dinheiro da prefeitura, tudo bem. Aliás, seria uma vergonha não roubar porque outro o faria. Na corrupção pública, a vítima é invisível, porque é uma coletividade. Não havendo vítima, não há, eis um outro ponto capital, reparação, daí a nossa proverbial impunidade. Assim, se eu rompo com as normas em nome do povo ou dos pobres, não há vergonha – ou muito menos culpa. Mas, se eu deixo de retribuir o favor que me foi feito pelo meu melhor amigo, se não defendi com vigor o parente ou colega ofendido, eu “morro de vergonha”.

Nosso chamado corporativismo tem como base essas desculpas fundadas nos elos pessoais que até hoje nos recusamos a politizar. Não se trata apenas de “falta de vergonha”, mas de vergonhas que são “sentidas” diferentemente dentro de um sistema que se reparte em múltiplas éticas. A vergonha que nos recruta como tropa de choque não é a mesma que sabe quem vai ganhar a concorrência. No caso da competição, não há vergonha e pode haver, no máximo, um tantinho de culpa; no caso dos amigos e padrinhos, a vergonha nos obriga a tomar uma atitude decisiva, que nos exime de toda culpa.

Quero crer que o moinho satânico do liberalismo (para

lembrar a expressão com que o poeta William Blake caracterizou a Revolução Industrial) tem permitido não só enxergar melhor esses surtos e atos falhos aristocráticos – corporativos, tribais, e arcaicos –, mas também promover uma consciência de repúdio que tem se manifestado em todas as esferas da sociedade. Pois, se existem competição e igualdade na economia, por que não haveria em toda parte? Penso que o liberalismo brasileiro, apesar de todos os seus defeitos, tem posto a nu essa confusão entre casa e rua, entre culpa e vergonha. Penso também que ele tem pressionado no sentido de que se passe da “política” como um campo do conchavo, do enriquecimento pessoal através do estado e das ambigüidades ideológicas, para a Política como um espaço de valores e princípios. A nossa corrupção se localiza precisamente, reitero, na indecisão ética. Se nela ficamos, corremos o risco de jamais resolver essa crise. Como seguir a lei se sabemos que os amigos jamais são presos?

Como prender os amigos em nome da lei? A presença do dilema conduz a essa ausência de confiança tão deletéria no caso do Brasil.

Finalmente, distinguir a aplicação dessas éticas e refletir sobre as relações entre culpa e vergonha significa politizar, ou passar pelo crivo da racionalidade igualitária, os elos pessoais. Impossível, como estamos testemunhando, continuar com uma vida social na qual se aceita sem discussão que o mundo da casa nada tem a ver com o universo da rua. E que, na intimidade das alcovas e nos braços dos amigos, fica-se isento das responsabilidades do cargo e da moral vigente. Será preciso aproximar a casa da rua, o estado da sociedade, a culpa da vergonha, para que se possa promover uma real transformação de todo o sistema, liquidando um estilo de corrupção marcado por uma perversa ambigüidade.

Roberto da Matta (SP).

texto reproduzido da revista Veja

MONITOR TERAPÊUTICO ALTERNATIVAS AO ESTROGÊNIO

O climatério é caracterizado pela cessação da função do ciclo ovariano. Durante o período reprodutivo o principal estrógeno circulante é o estradiol, entretanto, no climatério, um hormônio mais fraco, estrona, se torna predominante. O ritmo do seus níveis, em parte, determina sua intensidade.

Os vários sintomas do climatério – fadiga, insônia, irritabilidade, calorões, depressão —, têm uma incerta relação com o estrogênio.

A terapia de reposição hormonal (TRH) é, atualmente, o melhor tratamento (padrão de referência) para os diversos sintomas; melhorando a sensação geral de bem-estar, prevenindo a osteoporose e controlando os sintomas vasomotores (fogachos). Contudo, a TRH tem sido associada ao aumento do risco de doença tromboembólica, cardiovascular e câncer de mama – principalmente em usuárias de longa data (> 5 anos). O estudo multicêntrico KEEPS (Kronos Early Estrogen Prevention Study), previsto para terminar

em 2010-2011, talvez esclareça a relação entre os riscos e benefícios.

Enquanto aguardamos novas evidências, uma revisão de 4000 mil ensaios clínicos para o tratamento não hormonal dos calorões, encontrou 43 ensaios com critérios para inclusão. Dentre esses 10 com antidepressivos; 10 com clonidina; 6 com outras medicações e 17 com extratos de isoflavona.

Os antidepressivos inibidores seletivos da recaptção de serotonina (SSRIs) e os inibidores seletivos da recaptção de norepinefrina (SNRIs) mostraram reduzir o número de calorões durante o dia quando comparado com o placebo (1.13; 95% CI, 1.70 a 0.57). A Clonidina também demonstrou ser efetiva (0.95; 95% CI, 1.44 a 0.47), assim como a Gabapentina (2.05; 95% CI, 2.80 a 1.30). Já os Isoflavanóides não apresentaram diferença significativa a do placebo (JAMA. 2006;295: 2057-2071).

Ac. VicMar (PR).

Ortotanásia

Possível atuação do médico no Brasil de hoje



Ortotanásia consiste em adotar medidas paliativas adequadas aos pacientes nos momentos finais de suas vidas, instituindo tratamentos para evitar ao máximo os sofrimentos e deixando de utilizar meios desproporcionados que prolonguem agonias e custos (José

Roberto Godim).

Considere então um paciente idoso, que apresenta agudização da DPOC por broncoinfecção a cada três meses, com aumento progressivo da limitação funcional, já usuário de oxigênio domiciliar contínuo e "BIPAP", mas que

refere qualidade de vida satisfatória. Durante o último internamento, evolui com piora progressiva a despeito de todas as medidas adotadas. Apesar da dispnéia grave e da fadiga iminente, permanece lúcido, reforçando seu desejo de não ser mantido em ventilação mecânica, no que é apoiado pela

família que, inclusive, redige um documento solicitando a não-intubação. Referindo angústia e desânimo, o paciente ainda solicita a administração de medicamento que "acabe com o seu sofrimento".

Neste caso, embora o quadro infira prognóstico reservado, não há como afirmar que o curso da doença, embora irreversível, culmine neste momento com a morte. Cerca de 30% dos pacientes

com DPOC exacerbado, que necessitam de intubação, sobrevivem. Diante desse conflito, o que fazer?

O pedido de administração de medicamento que abrevie a vida é proibitivo, já que no Brasil a eutanásia é condenada tanto pelo Código Penal (no qual é interpretada como homicídio), quanto pelo Código de Ética Médica (artigo 66: "*é vetado ao médico utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal*"). Atualmente, apenas na Colômbia e no estado do Oregon (EUA) seria possível a prática da eutanásia.

Nestes casos, o médico deve avaliar e intervir sobre sintomas físicos e psicológicos, tratando a dor, fadiga e dispnéia, que devem ser manejados como parte de um cuidado de alta qualidade a pacientes terminais. É importante intervir sobre a depressão, desesperança e estresse psicológico, já que estes estão associados consistentemente com o interesse em eutanásia.

Podemos então atender ao pedido de não-intubação,

"O PEDIDO DE ADMINISTRAÇÃO DE MEDICAMENTO QUE ABREVEIE A VIDA É PROIBITIVO, JÁ QUE NO BRASIL A EUTANÁSIA É CONDENADA TANTO PELO CÓDIGO PENAL, QUANTO PELO CÓDIGO DE ÉTICA MÉDICA."

em resposta à autonomia do paciente, e considerá-la suspensão do esforço terapêutico? São várias as fontes que deliberam sobre o direito do paciente em não aceitar tratamentos e procedimentos contra sua vontade. O direito à autonomia do paciente é reconhecido pela Lei Orgânica da Saúde (Lei n. 8.080/90, art. 7.º, III)-, informação corroborada pelo Código Civil (art. 15). A suspensão de esforço terapêutico é fundamentada pela Constituição Federal (art. 1.º, III, e art. 5.º, III), impedindo a submissão a tratamento desumano ou degradante. Em São Paulo, o direito à recusa de tratamentos dolorosos ou extraordinários na tentativa de prolongar a vida ficou conhecido como “Lei Mário Covas”. Segundo o Código Brasileiro de Ética Médica (artigo 48), *“é vetado ao médico exercer a sua autoridade de maneira a limitar o direito do paciente de decidir livremente sobre a sua pessoa ou seu bem-estar”*, e ainda (artigo 46) *“efetuar qualquer procedimento médico sem o esclarecimento e o consentimento prévios do paciente ou de seu responsável legal, salvo em iminente perigo de vida”*.

Contudo, sobrepõe-se a todos estes o Código Penal vigente, que possibilita a condenação do médico sob a acusação de homicídio, respaldado pelo artigo 66 do Código de Ética Médica (*“é vetado ao médico utilizar, em qualquer caso, meios destinados a abreviar a vida do paciente, ainda que a pedido deste ou de seu responsável legal”*) e pela Constituição Federal (*“o direito à vida fundamental e inviolável, não podendo ser desrespeitado nem renunciado, sob pena de responsabilização criminal”*).

Há proposta de mudanças referentes a este tema. O anteprojeto do Código Penal que atualmente se encontra no Congresso sugere que a eutanásia se converta em atenuante de homicídio, levando-se em consideração que o autor do crime agiu por compaixão, buscando abreviar sofrimento físico

insuportável, e que, portanto, seja punida de maneira mais branda, com pena de reclusão de dois a cinco anos. Já no § 4.0 do artigo 121, o anteprojeto estabelece: *“Não constitui crime deixar de manter a vida de alguém por meio artificial, se previamente atestada por dois médicos a morte como iminente e inevitável, e desde que haja consentimento do paciente ou, em sua impossibilidade, de cônjuge, companheiro, ascendente, descendente ou irmão”*.

Há também a resolução do Conselho Federal de Medicina n.º1.805/2006, que está em vigor desde a sua publicação em novembro de 2006 e resolve *“Na fase terminal de enfermidades graves e incuráveis é permitido ao médico limitar ou suspender procedimentos e tratamentos que prolonguem a vida do doente, garantindo-lhe os cuidados necessários para aliviar os sintomas que levam ao sofrimento, na perspectiva de uma assistência integral, respeitada a vontade do paciente ou de seu representante legal”*. Entretanto, a resolução não impede que o profissional seja responsabilizado criminalmente, mesmo com a aprovação do anteprojeto do Código Penal.

Portanto, não se pode no presente momento atender ao pedido de não intubação do paciente em questão, mesmo considerada a sua autonomia e a concordância de sua família. Impõem-se as leis vigentes no Brasil, que limitam a intervenção do médico a despeito de todas as medidas que tentam valorizar o livre arbítrio do paciente sobre sua doença. Cabe a nós, médicos, fomentar a discussão e reflexão sobre a terminalidade da vida e sua legislação.

Dr^a. Carolina Stoll (PR) e Dr^a. Adriane Reichert Faria (PR).

“(...)IMPÕEM-SE AS LEIS VIGENTES NO BRASIL, QUE LIMITAM A INTERVENÇÃO DO MÉDICO A DESPEITO DE TODAS AS MEDIDAS QUE TENTAM VALORIZAR O LIVRE ARBÍTRIO DO PACIENTE SOBRE SUA DOENÇA.”

Diálogos (Im) Pertinentes



Ver e Sentir

Um amigo nordestino de boa cepa fez pós-graduação em Paris, França. Seu principal tutor o iniciara nas promessas do vinho. Foi tão eficaz que o aprendiz, apesar do calor e da culinária não muito

diversificada, seguiu a dura trilha da arte.

Ao fazer bodas de prata, o enófilo resolveu dar de “presente” à mulher uma viagem ao paraíso do vinho. Com um casal amigo cruzou o Atlântico rumo aos borgonhas. Sediados próximo ao vilarejo Vosne-Romanée, com reserva prévia, deslocaram-se à indicação de um bistrô romântico, de “ótima comida e bebida”. A garçonete muito solícita trouxe a carta de vinhos. Claro que a intenção não era um

Romanée-Conti ou um La Tâche. Verificaram os preços, e com a generosidade própria da ocasião, um Romanée-Saint-Vivant foi o escolhido. Pouco depois, quatro taças com três dedos de vinho cada, sendo uma dada à prova. Vinho aceito, taças postadas, e nada de garrafa. Desconfiado, caraminholas não faltaram. Daí a abordagem com sotaque indubitável da qual faço versão:

- Senhorita, no Brasil costumamos ficar com a garrafa na mesa.

De pronto a resposta:

- Meu senhor, quem toma um Romanée sabe que é um Romanée.

Corou, e nada mais ponderou. Pediram os pratos e, mais tarde, outra garrafa. Que não veio à mesa, evidentemente.

Moral: Há coisas, inclusive na Medicina, que não carecem ser vistas, basta senti-las.

SABOR GRATUITO E GARANTIDO

Nunca fui bafejado pelo comitê celestial

com um desses momentos únicos, verdadeira oferenda dos deuses.

Pois esses mesmos casais acima, voltando a Paris, ainda na mesma viagem, estavam num restaurante se preparando para degustar uma tradicional gigot d’agneau, que faz parte do menu de qualquer casa de comidas, com um vinho apenas potável — o dinheiro já estava raso — conversando em francês — chique, não? —, e deitando falação sobre um dos maiores tintos do mundo, o Château Cheval Blanc, quando, em momentos, aparece o garçom trazendo esse néctar dos deuses. Estupefatos, negaram o pedido. Acharam que o cara estava mais por fora do que garçom na ceia de Cristo. Bem, ledo e ivo engano.

Apontando o gentil-homem da oferta, um senhor provector que ceava a um canto do salão, disse que o mesmo fazia questão que degustassem tão precioso líquido. Agradeceram, e tiveram o tal sabor gratuito e garantido. Claro que o gentil-senhor deveria ser um ricoço que resolveu fazê-los andar de beijos caídos. Taí, viu o que dá fazer pós em França e dialogar na língua nativa mesmo com sotaque nordestino? Para mim, sobrou lambe os beijos e nada perceber. Que santa inveja!

Nota: O editor do látrico, colaborando com as autoridades, adverte: beba com moderação! Para o caso dos penitentes usuais, tragadores sem modos de inúteis beberagens, está reservada a mesma porção que os padres ingerem no sacrifício da santa missa. Um pouco menos se for Cheval Blanc. Noblesse oblige.

Eu vim dar-lhes a vida

“In quo est salus, vita et ressurectio nostra”()*

Retalhos de vidros coloridos unem-se e formam o belo vitral que, pelo seu significado, extasia a todos que o contemplam.

As cores, o semblante das figuras humanas criadas pela providencial inspiração do autor, a mensagem de fé, de esperança e de caridade transmitidas quando refletem a luz do sol, parecem abrir o coração do Hospital de Caridade da Santa Casa de Misericórdia de Curitiba, na real intenção de acolher e abençoar todos aqueles que ali adentram para tratar dos seus males.

Também, como mensagem, coincidível ou não, irrelevante, parece mostrar o ordenamento Divino daquele que disse: *“Ego sum lux mundi”*.

Sobressai o Deus – o Criador – com seu olhar de paz e bondade.

O vermelho de seu Sagrado Manto, a representar o Direito: a Lei que orienta aos cidadãos nas sendas do bem e da justiça.

O verde, manto daquela que é símbolo da criatura, a representar a ciência médica, volta sua face ao Criador num gesto de obediência aos ditames das leis, a lembrar que a virtude se fortalece na fraqueza.

O branco, da pureza, da inocência, geradora de todas as cores, entre o Direito e a Medicina, numa atitude passiva, a espera da justiça e da beneficência, na fé e na esperança de encontrar o equilíbrio entre o celestial e o temporal, pois



sabe que é o fim último de ambas as ciências.

Todos admiram e dizem:

“BENE OMNIA FECIT” (Mc 7,37)

Dr. Fernando Silveira Pichet (PR).

VITRAIS E A RELIGIÃO

Originário da arte e espírito medievais, os vitrais têm estreita relação com religião e religiosidade. Apesar de associado também a aspectos arquitetônicos, face necessidades físicas de ambiente, de luz, de calor e de proteção, os vitrais foram, sobretudo, instrumento de propagação de mitos, crenças e idéias. As imagens surgiram como função educativa, de retratar por exemplo a história do cristianismo para uma popula-

ção quase que integralmente analfabeta. Por certo as primeiras histórias em quadrinhos inventada pelo homem, mas que explorou a técnica dos vidros translúcidos e coloridos para gerar a atmosfera de mistério, de temor e até submissão ao poder. Luz e brilho. Tudo a ver, afinal a fabricação do vidro é o símbolo da “santificação”, num processo que resulta em matéria límpida e transparente.

O paciente e seus médicos

Sometimes it is the doctor himself who is "nervous"()*



A paciente sentou-se, os pés dispostos simetricamente no chão, o espaldar da cadeira a "quilômetros" de distância da sua coluna, que em alinhamento quase perfeito dava-lhe um "ar ainda mais arrogante".

Qualquer esboço de sorriso seria quase uma heresia: Nem pensar! Não era impossível diante daquele quadro decodificar um possível aviso: "MANTENHA DISTÂNCIA".

Caro Doutor "B":

Gostaria de saber a sua opinião sobre o atendimento que segue abaixo, pois após tanto tempo passado, a impressão da senhora que entrara no consultório, naquele

início de inverno, permanece inalterada na minha memória até hoje. Estava na minha frente alguém "diferente". Vestia um longo e protetor casaco, inteiramente abotoado e uma elegante boina que ocultava a quase totalidade de seus cabelos.

Usava óculos pequenos e escuros

que lembravam dois mini-escudos. Suas luvas protegiam as mãos, que estavam inteiramente ocupadas, uma voltava-se para a bolsa enquanto a outra protegia a barriga.

Estendi a mão, mas meu cumprimento ficou solitamente perdido no ar. "Ouvi" a sonoridade da indiferença.

"QUALQUER ESBOÇO DE SORRISO SERIA QUASE UMA HERESIA: NEM PENSAR! NÃO ERA IMPOSSÍVEL DIANTE DAQUELE QUADRO DECODIFICAR UM POSSÍVEL AVISO: 'MANTENHA DISTÂNCIA'."

Transcorreu entre nós o seguinte diálogo:

Doutor: - Por que marcou a consulta?

Paciente: - É aqui (olhando para o abdômen enquanto fazia movimentos circulares com o dedo médio sobre o lado direito).

Doutor: - Poderia ser mais clara?

Paciente: - Posso sim senhor;

Fez-se um silêncio.

Doutor: - Parece-me que não ouviu bem.

Paciente: - Eu escuto doutor, e bem.

Doutor: - E, então?

Doutor: - Aqui, exatamente o quê?

Paciente: - Não sei. O doutor é quem sabe, pois o senhor é médico, e não eu.

Doutor: - Eu sei muito bem que o médico aqui sou eu! Quem ainda não sabe é a senhora, oras bolas!

Novo silêncio. Profundo, pesado, desconfortavelmente hostil.

A paciente passou a “pregar” o olhar no chão enquanto eu tentava suportar aquela situação brincando nervosamente com a caneta.

Para meu alívio a paciente voltou a falar.

- Sinto dores na barriga.

Fiz então, uma série de perguntas relacionadas com a sua dor, procurando todos os recursos objetivos para esclarecer a sua queixa. Mas, infelizmente, o questionário não se mostrava produtivo. Aquela sucessão de perguntas tornava a atmosfera ainda mais tensa e, em muitos momentos, lembrava mais um dramático pingue-pongue entre perguntas insistentes e respostas monossilábicas. Envergonhado, reconheço que a situação mais se assemelhava a uma inquisição, lá não muito santa. Era a primeira consulta da manhã e já sentia cansaço.

Seriam meus sintomas incipientes de uma gripe? Sono? Preocupações financeiras?

Desejava que a paciente não estivesse ali. Que houvesse faltado à consulta. Torcia para que o telefone tocasse, me salvasse. Mas nada acontecia.

De repente, (certas situações da vida só acontecem dessa maneira) ocorreu-me a idéia de que aquela consulta, que aquela paciente poderia “estar produzindo em mim aquelas sensações”. Como? Seria possível?

Pensava se a paciente não poderia estar cansada da consulta, daquela dor, da Medicina e do médico. “Algo” aconteceu, pois o rumo daquela consulta então se alterou. Este é o motivo de solicitar sua opinião, Doutor.

Comecei então a perguntar de onde vinha; ela de forma vagarosa e desconfortável respondia. Passamos a conversar sobre a sua cidade, a sua casa, o tipo de economia local, a política, enfim sobre todas aquelas coisas que nós, médicos, evitamos para não perdermos o nosso pequeno e precioso

tempo.

Surpreso, constatei mudanças na sua postura que produziam em mim incredulidade. Assim, enquanto descrevia a região onde morava, começou a desabotoar parte do seu casaco. Quando eu fiz um certo paralelo entre a administração de uma prefeitura com a de um hospital, reparei que guardava os óculos. E, foi se estabelecendo, um novo ritmo. Uma nova cadência, doutor. Fui abandonando o campo de batalha e passou a ser possível conversar. Após um bom percurso, pude retomar ao que a incomodava. Um tímido aceno de cabeça me recebeu e começou a narrar a seguinte história:

Nos dois últimos meses havia emagrecido 6,5 kg. Recordava que tudo se iniciara no banho quando percebeu a presença de um volume na barriga do tamanho e forma de uma bola de tênis. Naquele momento sentiu náuseas, seguida de leve evacuação diarréica. A partir de então, passou a evitar uma série de alimentos, pois desencadeavam o aparecimento de náuseas quando não de vômitos.

Sua avó que a criara, falecera havia dois anos devido a um carcinoma gástrico inoperável. A sua mãe havia falecido há 19 anos, devido um câncer de intestino.

Examinei-a e, surpreso, encontrei uma hérnia inguinal à direita, evidentemente do tamanho de uma bola de tênis.

Passamos a conversar sobre o diagnóstico que ela havia estabelecido: câncer.

Expliquei-lhe a lógica do seu raciocínio sem deixar em nenhum momento de utilizar todo conhecimento técnico para oferecer-lhe o maior número de informações sobre o

“ENVERGONHADO, RECONHEÇO QUE A SITUAÇÃO MAIS SE ASSEMELHAVA A UMA INQUISIÇÃO, LÁ NÃO MUITO SANTA. ERA A PRIMEIRA CONSULTA DA MANHÃ E JÁ SENTIA CANSAÇO.”

diagnóstico de hérnia, e assim possibilitar o abandono da idéia falsa que então parecia verdadeira.

Estes fatos geraram um longo diálogo, onde várias dúvidas foram esclarecidas. Solicitou-me a indicação de um cirurgião de minha confiança. Como se este fato por si só

não bastasse, fui surpreendido com um beijo de agradecimento, quando se despediu.

É nestas situações que me surpreendo perguntando-me sobre as “magias” desta profissão.

Esta é a história resumida do meu atendimento, doutor.

Aguardando a sua opinião, agradeço!

Cordialmente, Dr. “A”.

Prezadíssimo Dr. “A”:

Recebi o seu cuidadoso relato e agradeço. A proposta de refletir sobre o que ocorre quando um médico encontra-se com um paciente será, sempre, pelo menos instigante. Os efeitos da “substância médico” que Balint, com feliz *prosperidade*, caracterizou no final da década de 50, mantêm-se palpitantemente atual.

Gostaria de introduzir algumas questões, procurando responder sua carta.

1. A escolha da medicina como futura profissão possui motivações muito específicas pelo fato de atuar no campo da doença e do sofrimento. Coloca o médico inevitavelmente na dimensão da fragilidade humana, são naturais as necessárias interrogações, do que nos levaria a escolher exatamente esta e não outra profissão.

2. Por que também esta especialidade (quando escolhida) em detrimento de dezenas de outras?

3. Como esquecer as questões da identificação, no fascínio do estetoscópio do papai ocorrido tão precocemente na vida de muitos médicos.

4. Vocação – a definição de uma vocação exercida numa profissão que nos coloca definitivamente na dimensão da dor, do sofrimento e da morte? Vocação para trabalhar no sofrer?

5. Carreira escolhida em plena adolescência, período em que nos degladiamos nas oscilações da dependência e independência emocional, e que conduzem às preocupações primeiras como ascensão econômica e social; às idealizações (“vou descobrir a cura do câncer”); e a necessidade de corresponder a sonhos familiares (“meu filho, vai ser médico”).

6. Seria exagero (?) buscar explicações nas universais brincadeiras infantis que permitem o exercício da curiosidade sobre o corpo (ver e tocar), que na vida adulta receberá o beneplácito social, permitindo ao médico, além do exercício da arte de curar, a manifestação desta curiosidade!

7. A educação médica, a sociedade e a cultura hipertrofiaram exigências diagnósticas e terapêuticas que necessariamente trazem influências à relação entre o médico e o seu paciente, nem sempre benéficas.

Qual o estudante de medicina que não passou por semelhante experiência?

Você poderia fazer a prescrição daquele paciente com cirrose pós-necrótica, que internou ontem?

- Qual mesmo?

- O do leito nº 27, na frente daquele com tromboflebite.

O interesse se volta para a doença procurando torná-la “concreta” e marginalizando a menor manifestação de “subjetividade”. O doente fica relegado a outro plano. Deixa

de ser sujeito, muitas vezes reconhecido apenas como o “transportador da doença”. Passa a ser objeto.

Mas o diagnóstico não é o fundamento da própria medicina? A soberana razão da clínica, afirmará sem dúvida o senhor, caro doutor.

- Parcialmente, parcialmente.

Exemplifico: No início do seu atendimento, o senhor procurava exclusiva e intensamente estabelecer um diagnóstico. Sua atitude desencadeou rota de turbulência com a paciente, inviabilizando a consulta. São nestas situações, quando nós médicos perdemos o domínio (o controle de uma consulta) e, então, com frequência “cadastramos” os pacientes como chatos, mal-educados, questionadores, não colaboradores etc. E como “castigo”, solicitamos exames laboratoriais excessivos ou agressivos, e as consultas são canceladas, atrasadas ou simplesmente “apressadas”.

Assim, adjetivamos pessoas da mesma forma como adjetivamos procedimentos. Será impossível assim que a relação com o seu cliente não fique descaracterizada. O senhor doutor estava muito “incomodado” diante dos silêncios da sua cliente. Precisava afirmar que o médico era o senhor (quem duvidava?). Por que “brincava insistentemente com a caneta na mesa?”.

Imagino que o doutor poderá perguntar:

- De que cartola, ele pretende tirar coelhos?

- Se me permite, somente da sua doutor, acompanha-me na “magia”.

8. O casaco abotoado, as luvas, os óculos, a maneira de sentar-se, a hostilidade nas respostas e nos silêncios eram a “cadência” desta cliente e provocavam no senhor hostilidade (irritariam qualquer um, garanto-lhe).

O senhor, antes ser humano e depois médico, só poderia responder através dos fundamentos do sentir. Aqui a lógica e

a razão não podem ser priorizadas.

Assim, emoções provocam emoções. Melhor, contra-emoções.

Estaria exagerando se dissesse que a sua consulta, até a “mudança de cadência”, era conduzida predominante pelas suas contra-emoções? E somente quando o senhor deu-se conta da presença delas é que pode mudar a cadência, o destino daquela consulta. Sem dúvida pode abreviar a possibilidade da “coisificação profissional” da sua paciente.

9. Poderíamos também tentar entender a sua consulta pela ótica do bom senso. Considerando de forma ingênua, o Sr. foi gentil; a paciente sentiu-se bem-recebida e em reconhecimento tirou os óculos etc.etc.etc. e até lhe obsequiou com demonstrações afetivas.

Responderiam as suas questões? Responderiam as suas dúvidas?

Creio que não.

Ontem, o relacionamento entre o médico e o seu paciente era pouco diferenciado, onde os médicos assistiam a fenômenos interpessoais em que os fatos quase sempre aconteciam à sua revelia por estarem fora de sua compreensão e conseqüente controle.

Hoje, com estudos sistemáticos da relação médico-paciente, o uso de raciocínios primários e muitas vezes até levianos não são mais oportunos no âmbito desta cada vez mais fascinante e difícil profissão.

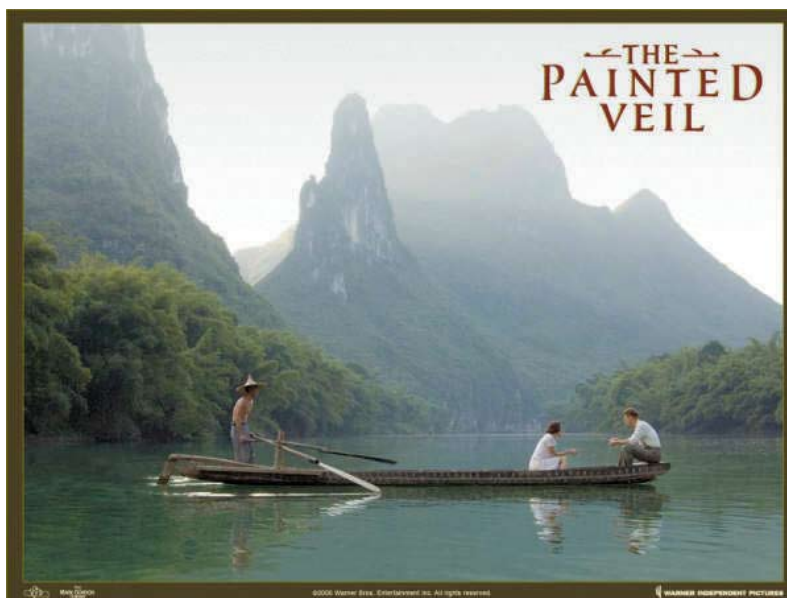
Sempre à sua disposição

Cordialmente, Dr. “B”

Dr. Jaime Bieler (PR).

**(às vezes quem está “nervoso” é o médico)*

Os vários despertares...



Em meio a tantos *blockbusters* nas salas de cinema, um olhar mais atento e curioso pode descobrir uma obra surpreendente na programação. Trata-se de “O Despertar de Uma Paixão” (“The Painted Veil”), que teve uma tradução brasileira infame para o título, parecendo mais

um nome de novela mexicana. Entretanto, o filme em si compensa, e muito, esse deslize. A estória se passa na época do neocolonialismo inglês. Walter Fane (Edward Norton) é um médico infectologista da classe média-alta de Londres que trabalha sobretudo como cientista.

Casa-se por conveniência com

Kitty (Naomi Watts) e ambos se mudam para Xangai. Lá, ela o trai ao se apaixonar por outro homem. Para se vingar, Dr. Fane aceita um trabalho árduo em uma longínqua vila chinesa, onde há uma epidemia de cólera. Desde a construção psicológica do protagonista até os aspectos técnicos

cinematográficos, a obra, adaptada do livro de W. Somerset Maugham, é um primor.

Quando Dr. Fane decide ir à China, sua motivação mais forte não é oriunda do mecanismo de defesa maduro do altruísmo. Muito pelo contrário. Sua atitude está calcada no rancor e no desejo de projetar na esposa o mal-estar sentido pela traição. A intensidade desse propósito fica clara nos momentos em que ela, sob o mesmo teto, é totalmente ignorada por ele. Enfim, vive-se um casamento de aparências. Quando o silêncio parece selar o término do relaciona-

mento, resgata-se uma energia para que “farpas” sejam trocadas, mas que, aos poucos, transformam-se em diálogos de resolução. Todas essas nuances são muito bem-desenvolvidas pelos atores, que conseguem mostrar que o novo significado construído no relacionamento do casal vem em grande parte do envolvimento de ambos com a situação social da comunidade ao redor. Dr. Fane chega despreparado e no início sofre com o ambiente insalubre de trabalho. Depois, afunda-se nos livros a fim de tentar diminuir sua sensação de impotência perante as mazelas vistas, assim como para fugir de sua relação conjugal. Em seguida, ao agir em prol da saúde da população nativa, percebe que a cultura e a crença locais não podem deixar de ser consideradas, ainda mais quando são tomadas medidas sanitárias públicas. Paralelamente a essas transformações, Kitty parte do tédio superficial de seu cotidiano para conhecer uma realidade na qual dramas mais consistentes são expostos. Toma então a consciência de que seu papel como ser humano pode ser mais significativo do que futilidades domésticas.

Tudo isso é feito com muita sensibilidade e perspicácia

“DESDE A CONSTRUÇÃO PSICOLÓGICA DO PROTAGONISTA ATÉ OS ASPECTOS TÉCNICOS CINEMATOGRAFICOS, A OBRA, ADAPTADA DO LIVRO DE W. SOMERSET MAUGHAM, É UM PRIMOR.”

no roteiro. A forma através da qual Dr. Fane obriga a esposa a viajar com ele, os vários diálogos entre os dois após o jantar e os comentários da freira são as provas concretas. Preste atenção ainda na direção segura e na montagem eficiente por trás dos enquadramentos. Dois exemplos disso são os planos simbólicos entre o cata-vento e a roda d'água, além da cena em *plongée* (pelo alto) na qual os soldados de uniforme amarelo penetram na multidão de chapéu. Do

mesmo modo, a direção de arte e a fotografia em tons esverdeados saltam aos olhos. Por fim, a trilha sonora do francês Alexandre Desplat (que ganhou o Globo de Ouro e que no Oscar® foi indicado por "A Rainha") concede o elo entre todos esses elementos e faz com que não só os personagens tenham seus despertares, como também o próprio público ao se permitir penetrar nesta obra de arte.

Dr. Vitor Hugo Sambati Oliva (PR).

PÍLULAS DE CINEMA

Há cenas de filmes que me vêm à mente em diversas situações durante o dia, servindo-me de comparação, reflexão, distração. Ajudam a deixar aquele momento às vezes mais leve, às vezes mais sombrio, mas sempre diferente – um modificador do ambiente interno, poder-se-ia dizer. Possuem um certo caráter terapêutico, então acho que "pílulas" seria um termo adequado. As indicações são múltiplas, e a mesma pílula pode servir para situações diferentes – a automedicação é recomendável (só com estas pílulas!), assim como a confecção de sua própria medicação.

Deixo o nome do ator e não do personagem, para melhor visualização mental. E a lista segue com o desejo de que uma pílula bem administrada leve à busca do tratamento completo, no caso, o filme inteiro.

Marlon Brando, comprando frutas para levar para casa no final do dia, antes de sofrer um atentado, em "O Poderoso Chefão".

Richard Dreyfuss, tentando fazer um modelo de uma montanha (a qual não sai da sua cabeça) com o purê de batatas no seu prato, enquanto sua esposa lhe olha desconsolada, em "Contatos Imediatos do Terceiro Grau".

Johnny Depp, esculpindo um anjo de um bloco de gelo, enquanto os flocos de neve sobem ao céu e caem como neve sobre Winona Ryder em "Edward Mãos de Tesoura".

F. Murray Abraham, vendo os originais das partituras de Mozart, ouvindo as músicas em sua mente, não acreditando no milagre que está em suas mãos, em "Amadeus".

A apresentação dos "gangsters" e a descrição de suas características físicas por Ray Liotta em "Os Bons Companheiros".

Em "Beleza Americana": a ninfeta dos sonhos de Kevin Spacey diz a ele: — "mas o que o senhor quer?"; e ele: — "você está brincando? Eu quero você!"

A cena do ônibus em "Quase famosos", com o elenco inteiro cantando uma canção de Elton John, e o protagonista, jovem repórter acompanhando um grupo de

rock, reclama "...gostaria de estar em casa...", e sua companheira de viagem replica: "você está em casa..." (a propósito, o casal de atores é Kate Hudson e Patrick Fugit).

Brandon Routh salvando o avião em queda em "Superman-o retorno" – O CARA VOA!

Emma Thompson, tentando descobrir qual o livro que o seu colega, mordomo fleumático de Anthony Hopkins está lendo em "Vestígios do dia", e este tenta resistir, dividido entre preservar sua privacidade e não ofender uma dama que faz um pedido. A tempo: é um romance "água com açúcar".

Mais Emma Thompson- agora desabando a chorar quando o cavalheiro vivido por Hugh Grant finalmente "se toca" de que ela é apaixonada por ele e que o sentimento é recíproco, em "Razão e Sensibilidade".

A bondade exalando de Shohreh Aghdashloo enquanto cuida do pé ensangüentado de Jennifer Connelly em "A Casa da areia e da névoa".

Em "Forrest Gump" Tom Hanks em frente ao túmulo da amada – uma frase: "ela morreu numa terça-feira".

Em "Taxi Driver"- Robert de Niro falando com seu reflexo no espelho: "Are you talking to me? ARE YOU TALKING TO ME?"

"O duelo de cartões de visita" em "O Psicopata Americano", com Christian Bale.

A alvorada com Robert Duvall em "Apocalypse Now": "...adoro o cheiro de NAPALM pela manhã!", após a cavalcada dos helicópteros ao som de Wagner.

Gary Oldman como Beethoven em "Minha Amada Imortal" – mal ouvindo sua própria nona sinfonia sendo tocada, ele se recorda de estar fugindo do pai violento quando criança, mergulhando em um lago à noite – parece nadar no meio das estrelas refletidas na água.

Dr. Eduardo S.Paiva (PR).

O craque e o gênio



Kaká é o favorito para receber o prêmio da

Fifa de melhor futebolista do mundo, no final do ano. Se ganhar, será justo. Foi impecável na última temporada e foi decisivo para a conquista da Copa dos Campeões pelo Milan.

Agora vou dizer um aparente disparate: Kaká é o

“COMO TORCEDOR, ADMIRO OS DOIS, MAS PREFIRO PAGAR PRA VER RONALDINHO, COM TUDO O QUE ISSO IMPLICA DE RISCO. ELE PODE NÃO JOGAR NADA, COMO UMA PEÇA QUE NÃO SE ENCAIXA NA ENGRENAGEM DO JOGO. MAS TAMBÉM PODE CRIAR POESIA.”

melhor do mundo, mas Ronaldinho é melhor que ele. Vou tentar explicar.

Ambos são tecnicamente excelentes e dominam os principais fundamentos. Kaká, cujas virtudes Tostão exaltou há pouco tempo, é um atleta mais

regular, confiável e objetivo que Ronaldinho. Dono de uma lucidez impressionante, invariavelmente opta numa fração de segundo pela coisa certa a fazer, pela jogada mais produtiva.

Já Ronaldinho é mais imprevisível, para o bem e para o mal. Por buscar quase sempre o inesperado, a jogada que

ninguém arriscou, os mares nunca dantes navegados, corre muito mais risco de errar.

Na vitória da seleção contra o México, a característica ficou evidente. Às vezes o time vinha trocando passes rapidamente, em poucos toques, mas quando a bola chegava aos pés de Ronaldinho havia uma parada, um volteio, uma mudança de ritmo.

Até Falcão, comentando o jogo na Globo, caiu na armadilha do óbvio: “Ronaldinho tem que soltar a bola mais rápido, de primeira,

seguir o ritmo do resto da equipe”. Só que dali a pouco, depois de uma dessas freadas, o craque fez um lançamento que colocou Kaká na cara do gol. No segundo tempo, fez outro para Maicon chegar sozinho à linha de fundo.

Ou seja: aqueles segundos de aparente lentidão ou hesitação redundaram numa aceleração vertiginosa do jogo, criando um espaço até então inexistente, uma surpresa fatal.

Voltando ao nosso paralelo inicial, é como se Kaká se adequasse admiravelmente ao ritmo do jogo, enquanto Ronaldinho o subverte. Isso quando está inspirado, o que nem sempre é o caso. Em certos jogos, Ronaldinho parece estar simplesmente em desacordo com o tempo. Quando isso ocorre, ele se torna quase um peso morto para o time.

Para ilustrar melhor essa diferença, cabe voltar à célebre comparação entre os gols de Maradona, em 1986, e Messi, em 2007. Os dois jogadores driblaram o mesmo número de adversários e cobriram mais ou menos a mesma faixa do campo no mesmo intervalo de tempo. A diferença fundamental, a meu ver, está no ritmo com que fizeram isso.

Messi ganhou certo embalo e manteve um andamento constante até o arremate. Serviu-se de uma rapidez e uma habilidade espantosas. Maradona, por sua vez, alterou o ritmo de sua progressão várias vezes. Usou muito mais da astúcia e da surpresa do que o seu discípulo. Messi é um craque, Maradona foi um gênio.

Do mesmo modo, eu diria que Kaká é um craque e Ronaldinho é um gênio. Se eu precisasse ganhar um torneio e tivesse que escolher um dos dois para o meu time, é

provável que escolhesse Kaká. Como torcedor, admiro os dois, mas prefiro pagar pra ver Ronaldinho, com tudo o que isso implica de risco. Ele pode não jogar nada, como uma peça que não se encaixa na engrenagem do jogo. Mas também pode criar poesia. Pois, como escreveu Oswald de Andrade, “a poesia é a descoberta das coisas que eu nunca vi”.

José Geraldo Couto (SP).

(texto reproduzido da Folha de São Paulo)

DO CADERNO VERDE

“Não se era um verdadeiro vienense sem esse amor pela cultura, sem esse dom de unir a noção do prazer à do exame crítico frente ao mais saudável dos supérfluos que a vida nos oferece”.

Stefan Zweig, em *O Mundo Que Eu Vi*.
Editora Record, 1999.

Stefan, escritor austríaco, viveu o apogeu da *belle époque*, entendendo como poucos o valor de unir trabalho e cultura. Escreveu alentada obra explorando em romances e novelas as profundezas da consciência. Foi pacifista na I Guerra Mundial e teve que emigrar com a eclosão da Segunda. Fixou-se no Brasil, e sua produção literária não teve interrupção. Quem quiser saber mais a respeito leia a biografia de Alberto Dines: *Morte no Paraíso*.

Com a ascensão e dominação hitlerista na Europa, a consciência de Zweig entrou em parafuso. No mesmo “O mundo que eu vi” escreveu com pungência: “Fui criado em Viena, a metrópole duas vezes milenar, capital de diversas nações, e precisei abandoná-la como um criminoso antes que ela fosse rebaixada ao nível de uma cidade da província alemã. Minha obra literária, em sua língua original, foi reduzida a

cinzas nesse mesmo país em que meus livros haviam conquistado milhões de leitores. [...] Contra a minha vontade fui testemunha da mais pavorosa derrota da razão e do mais selvagem triunfo da brutalidade que atesta a crônica de nossos tempos; jamais uma geração caiu como a nossa de tal elevação espiritual para uma tal decadência moral.

Na verdade sua mente nunca se afastou de tal brutalidade, o cerceamento da liberdade de expressão. Suicidou-se com sua mulher em Petrópolis, 1942, onde residia. Antes, porém, escreveu um livro muito lido entre nós; *Brasil, país do futuro*. Aliás, continuamos crentes quanto à sua previsão, com as reservas de costume, conforme sua própria prescrição do “exame crítico”.

Qual o sinal que nos legou? Sem liberdade e expansão cultural a vida não vale a pena ser vivida.

Iátricas



O Sim ou o Não

Prezada Fernanda,

Já que insistes que escrever é um prazer, e não discordo que até possa sê-lo para ti, não vou entrar na tréplica; o que tinha a dizer já o disse no último látrico.

Prefiro fazer um espécie de *“ménage à trois”* cultural, e colocar Fernando Pessoa na roda. O que o mesmo tem a dizer? Leia o poema liberdade:

“Ai que prazer/ Não cumprir um dever, / Ter um livro para ler/ E não fazer! / Ler é maçada, / Estudar é nada. / O sol doira/ Sem literatura/ O rio corre, bem ou mal, / Sem edição original. / E a brisa, essa, / De tão naturalmente matinal, / Como tem tempo não tem pressa... / Livros são papéis pintados com tinta. / Estudar é uma coisa em que está indistinta / A distinção entre nada e coisa nenhuma. / Quanto melhor é, quando há bruma, / Esperar por D. Sebastião, / Quer venha ou não! / Grande é a poesia, a bondade e as danças... / Mas o melhor do mundo são as crianças, / Flores, música, o luar, e o sol, que peca/ Só

quando, em vez de criar, seca. / E mais do que isto/ É Jesus Cristo, / Que não sabia nada de finanças/ Nem consta que tivesse biblioteca...”

Tudo a ver com este látrico, não? Ficaste mais confusa? Mas é isso mesmo, cada um pode ter uma visão muito pessoal de cada coisa, é o Sim ou o Não, ao que damos o nome de liberdade, também nome do poema. Como acabaste de perceber neste triângulo, que ora se desfaz.

Só para terminar, lembre-se que a Jane Austen dizia que metade da humanidade não entende os prazeres da outra metade. Portanto, não se sonegue a si própria, continue tendo muito prazer com sua escrivência. No mínimo a fará aclarar certas idéias, como ferramenta terapêutica que é. Até.

Nem um, nem dois... mas muitos

Estimado EManuel,

Sinto muito não poder partilhar teu gosto com tal especificidade. Aliás, de entrada, já deixo claro que gosto se discute sim. Há parâmetros para o que é bom, mesmo quando se quebra paradigmas. O belo nunca vai deixar de ser avaliado pelos critérios clássicos, embora dependendo das circunstâncias, subtons possam ser iluminados e tenhamos que avaliar e descobrir o que nunca vimos. É o inesperado da beleza. Por isso, a arte não é como a ciência, não progride. A ciência vive se desbastando a si própria para ser mais verdadeira e precisa, já a arte não evolui,

simplesmente se amplifica, se acumula. As variantes da arte se reforçam umas às outras, sem se anularem. A ciência limpa o que é impuro, para se fortalecer e não perecer, é inerente à sua força. Um Van Gogh nunca desaparecerá; já muitas drogas, verdadeiras maravilhas ao ser lançadas no mercado, hoje são meros traços na farmacopéia. Sumiram na ineficácia ou nos efeitos colaterais intoleráveis.

Mas voltemos ao que me dizes. Que estás em boa companhia no desgosto pelo Fernando Pessoa. Uma, da moda, Arnaldo Jabor; outra, das antigas, João Cabral de Melo Neto. Um e outro, trocando figurinhas amargas sobre o mal que Pessoa teria feito à poesia. Este teria aberto veredas para poetastros com sua “poesia derramada e caudalosa”. Por isso, Cabral detestava; e Jabor se reconfortou por estar em tão ilustre companhia no seu desgosto pelo poeta. Óquei, meu caro. Recebam todos meus encomiásticos abraços, e só. Aqui vou ficando com as diferenças de ambos e celebrando-as. Outrossim, entendo-os a todos, porque partilham maneira única de ver a poesia.

Cabral dizia que saía de um poema suando, portando sua picareta. Seu método era cirúrgico. Intenso e minimalista. Apagava o sujeito, ou seja, ele próprio, antes de entrar num poema. Só lhe interessavam as coisas. Nada de sentimentos baratos. Tudo muito bom, tudo muito bem. Só que o mestre assim o fazia porque tinha dificuldade de fazer diferente. Era alexitímico, não sabia mesmo expressar sentimentos. Ora, era mais fácil acabar com os poucos que tinha, mesmo que transitoriamente, e usar a picareta educando a pedra. Assim, adquiria visores de cientista. Olhos microscópicos para espiar a realidade. Por isso, adorava touradas e, nessas, o toureiro. Porque este parecia sempre frio, calculista, exato, mínimo nos gestos, mesmo à beira da morte; lidando com a mesma da maneira como o poeta não conseguia, e nem nós. Era esse gesto mínimo que transportava para a poesia, isto é, no que estava interessado. Nada de abstrações ou subjetividades. O toureiro, o sujeito? Ora, o sujeito, isso

não existia. Existia o ato e o movimento preciso, o bailado exíguo, e a morte transfigurada no touro. E não se falava mais disso, pois, dela tinha paúra; então tudo tinha que ser coisificado, transcender na materialidade. Se queres saber, meu caro Emanuel, nesse sentido estava muito mais perto de nós médicos, enquanto cientistas, tentando entender como as coisas funcionam e, às vezes, dando pouca bola para o fator humano. Entender, mano, não compreender.

Quero que saibas, neste momento, que adoro João Cabral. Mas é apenas um dos muitos poetas por quem tenho apreço. Decerto não iria só com sua obra para uma ilha deserta. A mim me faz falta tanto a subjetividade e a evasão do Pessoa quanto a pedra, o rio, o cão sem plumas ou o toureiro do Cabral. Ou seja, suas coisas.

O mal que Pessoa fez à poesia é o mesmo que Paulo Francis fez ao jornalismo cultural. Quando se é bom e/ou provocante numa atividade, logo aparecerão enxames de imitadores. Mas, que fazer? Faz parte. Daí a necessidade sempiterna de separar o joio do trigo. Precisamos de referências culturais, mas os embusteiros estarão sempre à solta. Discriminar é preciso.

Agora repare neste Cabral de boa cepa:

Parido no quarto-dos-santos
Sem querer nasci blasfemando,
Pois são blasfêmias sangue e grito
Em meio à freirice de lírios.

Isto é lindo e trágico! Qualquer colega nosso, ginecologista, facilmente notará a coisificação do parto. A breguice desse momento, despojado de sentimentos nobres, de ciência, de expectativas quanto ao nasciturno; despojado de razões para a vida. Claro está: um episódio construído objetivamente, sem pieguices ou derramamentos; a não ser de sangue, suor, lágrimas e palavrões, e símbolos mal-ajambrados. Ou, se quiser outro exemplo muito a seu gosto:

“O ferro não deve fundir-se/ nem deve a voz ter diarreia”.

Quer saber, meu caro, Cabral inseguro em face das coisas do mundo, queria tornar o fator humano estável, e não movediço como é. Queria ser pedra, e não sentimentos. Pessoa era o avesso. Por isso se completam. Por isso, não posso viver sem os dois.

Cabral teria verdadeiro horror do verso de Cartola: “Queixo-me às rosas, mas que bobagem/ As rosas não falam, simplesmente as rosas exalam/ o perfume que roubam de ti...”; e Fernando Pessoa certamente o assinaria de bom grado. Como assinaria este verso de Dolores Duran: “Eu desconfio que nosso caso está na hora de acabar. Há um adeus em cada gesto e cada olhar...” João Cabral nem morto. Jamais perfumaria uma flor. Se tivesse qualquer tipo de perfume a cortaria a palo seco, sem dó nem piedade, sentimentos menores – assim achava – dos humanos nem pensar. Tinha horror às variações dos humanos que conhecemos, como diria. Queria fazer uma poesia crua, sem umectantes, não vaselinada. Não rodeava, era direto, como um gancho no fígado ou um direto no queixo. Já Pessoa era a própria ambigüidade, vestia a ambivalência humana, basta reler o poema da iátrica acima, “Liberdade”, e verás quão subjetivo e musical era. Cabral não gostava de música. Por isso, entende-se que rejeitasse seu poema mais celebrado, “Morte e Vida Severina”, que além de musical, é social e sentimental, ou seja, muito Pessoa. Dou-te um fragmento de sua introdução:

“E se somos Severinos/ iguais em tudo na vida, / morremos de morte igual, / mesma morte severina: / que é a morte de que se morre/ de velhice antes dos trinta, / de emboscada antes dos vinte, / de fome um pouco por dia/ (de fraqueza e de doença/ é que a morte severina/ ataca em qualquer idade, / e até gente não nascida).

Como acabaste de ler, Cabral também teve seus momentos de Pessoa, como este, momentos de Cabral: “Um paradoxo tem valor só quando o não é”. Por isso, meu isto,

entre isto e aquilo, fico com aquilisto. Ou seja, os dois. Que, se vivos, olhar-se-iam, e permutariam desconfianças.

Mas, já alongado, não gostaria de terminar sem mostrar aqui um pouco do homem João Cabral, como já o fiz com Pessoa. Sem concessões, como de seu gosto.

O homem era desconforto puro. Na alma e na cabeça. O espírito transformou-o no poeta das coisas. A cabeça só lhe deu dores. Sua cefaléia crônica diária fê-lo se automedicar com tantas aspirinas que perfuraram seu estômago. E não se diga que era emocional. Também era emocional, mas sobretudo desregulação química, e genética, claro. Isso não o privou de tecer uma ode ao ácido acetilsalicílico. No poema que nominou “Num Monumento à Aspirina” já publicado por um látrico em 2002, chamou-a de “o mais prático dos sóis”. Passadas as dores de cabeça, ao final da vida, semi-cego (teve degeneração macular) e deprimido, negava esta última. Confundia-a com fraqueza de caráter, portanto, não podia tê-la. Como tê-la se fora contra isso que lutara a vida inteira, contra fraqueza, contra os sentimentos? Por ironia foi ter uma síndrome prenhe de sentimentos negativos. Não podendo aceitá-la como desregulação química cerebral, como coisa, preferia chamá-la de “melancolia”, mais antiga e intocável. Portanto, intratável, negando-se a usar antidepressivos.

Pena que esse estóico D. Quixote na luta contra os sentimentos não tivesse tido a oportunidade de se beneficiar de um pequeno sol de bolso, como já o fora com outros sóis, mesmo com graves efeitos colaterais. Pelo apreço que tenho por sua obra dedico-lhe o monumento que outro poeta, Paulo Henriques Britto, elaborou pensando nele:

“Para Um Monumento Ao Antidepressivo”.

Um pequeno sol de bolso
que não propriamente ilumina
mas durante seu percurso
dissipa a espessa neblina

Que impede o outro sol, importátil,
de revelar sem distorção
dura, doída, suportável,
a humana condição.

Meu caro EManuel, Cabral ou Pessoa? Nem um nem outro. Ambos. Feito gulodice de criança. Pela essencialidade de suas obras-primas. Quisessem ou não, são música para nossos ouvidos, reflexões para nossos espíritos. Perenizados em nossa língua. Até breve.

“Boutade”

Estimado Figueira,

A propósito do famigerado apagão aéreo e da assunção de um novo ministro que parece ter algum estofo intelectual, um dito espirituoso do Disraeli (um ex-primeiro ministro britânico), *“never complain, never explain, never apologize”*, foi escrito à náusea na mídia escrita. Claro que, quando grafado em inglês, abria-se um parêntese para “nunca se queixe, nunca se explique, nunca se desculpe”. Porque entendem os jornalistas que um povo pouco letrado deva ser ajudado. Citando o original vão à fonte; traduzindo na língua nativa permitem o acesso. Óquei. Já num ambiente culto pensam alguns que seria menoscar o leitor e, simplesmente, aspeiam. E há quem considere que certas palavras ou frases são sem fronteiras, de uso ordinário em todos os países que não tenham alfabetos funcionais e que possuam um verniz de línguas cultas. E sugerem que seria desnecessário traduzi-las ou aspeá-las. Então vamos lá. Usemos a palavra mouse. Seria hoje necessário aspear esse periférico da informática? Claro que não. Aliás, os portugueses resolveram esse problema de maneira diferente. Chamam-no simplesmente rato. E lhe deram a nova acepção.

Meu caro Figueira, todo este preâmbulo, não para desdizer o Disraeli, até porque penso que certas “boutades” têm hora e vez, e podem corretamente ser usadas pelo direito

e pelo avesso. Tudo depende do contexto. Mas apenas para te dizer que aceito francamente o pito. Não devia ter usado boutade na última edição do Iátrico sem aspeá-la. Não importa que essa palavra significando dito espirituoso, tirada engraçada ou pensamento sutil, esteja dicionarizada no Aurélio e no Houaiss. Não importa que eu e um amigo a usemos regularmente sempre que notamos alguém nos surpreendendo. Não importa que estejamos escrevendo para uma elite intelectual do país. O que importa é que o leitor médico terá dificuldade de se desembaraçar dela, de entender o sentido. Por isso, não deveria tê-la usado nem com aspas nem sem aspas, sendo o objetivo final a clareza. Portanto, aceito perfeitamente tua ponderação. Minha culpa, minha máxima culpa, para não usar o latim.

Mas, já que a carruagem está andando, isso me dá a oportunidade de apresentar um belo dicionário, *Palavras Sem Fronteiras* (*“Mots sans frontières”*; obra publicada primeiro em francês), do embaixador, ensaísta e historiador patricio Sérgio Corrêa da Costa, parente distante de um assíduo colaborador do Iátrico. Dicionário esse que ganhou um cobiçado prêmio francês. Oui, os franceses se curvaram ao Brasil.

É um dicionário que prova a irreversibilidade da globalização de nossos dias. Sua matéria-prima são palavras ou expressões retiradas de jornais, revistas e adjacências, nas mais diversas línguas. Palavras que ultrapassaram as fronteiras de seus países e se constituem numa espécie de marca registrada de suas origens, sendo adotadas internacionalmente, e justamente para dar maior clareza ao texto. A medicina é prenhe delas.

Pois bem, para seu deleite, amigo Figueira, está lá entre registros em espanhol e, pasme, russo, o seguinte: “Roberto Campos costumava freqüentemente recorrer à sua veia humorística para contar algumas boutades”. Melo Filho, testemunho político.

Como notaste, este nosso planeta está promíscuo no verbo. Com a amizade de sempre.

O Deus Selvagem

Um Estudo do Suicídio
A. Alvarez



Neste livro A. Alvarez, que já escreveu poesia, romance, crítica literária e ensaio, aborda o tema do suicídio. Inicia o estudo com a observação pessoal da carreira literária da poetisa norte-americana Sylvia Plath, de quem fez análise e apontamento de diversos poemas. Associa fortemente o ápice de inspiração e produção poética de Sylvia com suas angústias e conflitos mais intensos que culminaram na

terceira, e desta vez bem-sucedida “tentativa” de suicídio.

Sucedese uma descrição contagiante de aspectos históricos do suicídio, dentre ele: a tolerância e o racionalismo dos gregos e romanos, a recompensa da morte violenta pelos vikings, a perseguição e punição daqueles que o cometiam pelos londrinos e franceses, entre outros.

Dos escritos técnicos e científicos fez-se a base com que Alvarez observa o suicídio

do ponto de vista literário e analisa a sua influência no imaginário e no poder criativo de diferentes autores. Culmina com a descrição de sua própria tentativa de suicídio, expondo seus sentimentos profundos e conflitantes que o levaram a esta ação. Soma-se a avaliação das novas reações de sua vida ante a tal ato frustrado.

Dr.^a Adriane Reichert Faria (PR).

PALAVRAS DE MESTRES

“A liberdade não é uma idéia: é um movimento da consciência que nos leva, em certos momentos, a pronunciar dois monossílabos: Sim ou Não. Em sua brevidade instantânea, como à luz do relâmpago, desenha-se o signo contraditório da natureza humana”.

Octávio Paz (*poeta e escritor mexicano*), em *A outra voz*

“Na arte de viver, o homem é ao mesmo tempo o artista e o objeto de sua arte, é o escultor e o mármore, o médico e o paciente”.

Erich Fromm,
Ética e psicanálise

Quando a noite cai

**“Cercado por mil perigos,
Fatigado, enfraquecido, trêmulo com mil terrores...
Eu... numa sepultura de carne, estou
Enterrado acima do solo.” (William Cowper)**

Como regra, os atos suicidas são rondados

por questionamentos e dúvidas das mais variadas, na busca por uma explicação racional que muitas vezes sequer existe. Tanto esta relativa “impenetrabilidade” na mente do suicida quanto o impacto causado por suicídios explica, em partes, o fascínio e a curiosidade exercida pelo tema sobre as pessoas (leigas ou especialistas). Nessas horas – assim como em tantas outras! – é imprescindível ao médico dominar, ao menos, noções básicas sobre o assunto, para responder às inevitáveis perguntas sem embaraços. O livro “Quando a noite cai: Entendendo o suicídio”, da psiquiatra norte-americana Kay Redfield Jamison (consagrada por sua mais conhecida obra “Uma Mente Inquieta”), mostra-se fundamental neste intuito.

A Dr^a. Kay, motivada por sua própria tentativa de suicídio aos 28 anos, tornou-se uma das maiores estudiosas e pesquisadoras no assunto. Enfatizando a constante associação entre doença psiquiátrica (em especial o transtorno bipolar) e suicídio, a autora procura esclarecer os possíveis fatos associados ao desfecho fatal, combatendo o pensamento ultrapassado de vergonha e repúdio histórico que acompanham o suicídio. No livro, estão presentes detalhadas histórias de suicidas (muito deles famosos), métodos e locais de suicídio mais comuns (e também os mais inusitados), bilhetes suicidas e seus significados, relatos “dos que ficaram”, estatísticas, inúmeros resultados e



conclusões de pesquisas e trabalhos científicos, curiosidades, as reações evocadas pelo ato (desde a antiguidade até os dias atuais), principais doenças relacionadas e seus tratamentos, prevenção, entre outros.

“Quando a noite cai” transforma a dureza e o impacto envolvidos no suicídio em frases, capítulos e páginas de fácil e empolgante leitura. Sugerido para os leitores em geral, recomendado para os médicos, indispensável para psiquiatras, o livro permite rápida familiarização com esta facilidade que não respeita classe social, nível educacional, nem religião.

Dr. Guilherme Gadens (PR).

A arte de ser assistente



Muito se tem escrito sobre a arte de operar, analisando o ato cirúrgico, as qualidades do cirurgião e o comportamento do operador, nas várias situações que tem de enfrentar.

Menos versado é o tema da arte de ser assistente. Por mais que se tente uniformizar, sempre haverá margem para

que cada cirurgião imprima às suas intervenções um estilo pessoal, ao qual os assistentes devem se amoldar.

Decorre daí que o ideal, do ponto de vista do cirurgião, seria operar sempre com os mesmos assistentes, longamente habituados à sua maneira de

executar o ato operatório.

Esta situação, comum quando o aprendizado de cirurgia se fazia com um único preceptor, é cada vez menos frequente. A implantação do treinamento cirúrgico pelo sistema de residência impõe rotatividade nas equipes.

É nos centros de treinamento que os jovens operadores

se iniciam, e adquirem os hábitos que levam para o futuro, transmitindo-os em sua atividade autônoma ou docente.

É importante, pois, que os serviços de ensino da cirurgia atentem para este aspecto.

Não é fácil codificar os princípios gerais que devem nortear o comportamento psicomotor dos jovens cirurgiões, ao exercerem a nobre arte de auxiliar operações.

O tempo despendido como assistente, é um investimento impossível de evitar por aqueles que desejam tornar-se cirurgiões.

Embora tal atividade tenha seus aspectos frustrantes, ninguém poderá chegar a ser cirurgião sem passar por esta pesada iniciação.

Frank Spencer, célebre cirurgião americano, ressaltou que uma operação combina dois aspectos fundamentais e distintos: a tomada de decisões e a execução manual.

Acrescenta que, provavelmente, três quartos dos eventos importantes de uma intervenção relacionam-se com a tomada de decisões, restando apenas um quarto para a destreza na execução.

É erro comum dos neófitos dar ênfase ao aprendizado da destreza manual, relegando a plano secundário a análise crítica do processo de tomada de decisões.

Lord Moynihan, legendário cirurgião inglês, pedia a Deus para que, quando soasse sua hora, o livrasse de um cirurgião muito dotado. Para ele, tais cirurgiões deveriam limitar-se a executar truques com bolas de bilhar ou a fazer desaparecer peixes de um aquário.

Certamente, não é recomendável atitude de menosprezo à destreza manual, assim como não se justifica a procura

“É ERRO COMUM DOS NEÓFITOS DAR ÊNFASE AO APRENDIZADO DA DESTREZA MANUAL, RELEGANDO A PLANO SECUNDÁRIO A ANÁLISE CRÍTICA DO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES.”

de uma habilidade acima da normalidade. E óbvio, porém, que uma boa habilidade manual é um pressuposto essencial ao exercício da cirurgia.

Benedicto Montenegro, grande mestre da Cirurgia brasileira, sempre se insurgia contra o epíteto de “mãos de ouro” usado para elogiar os cirurgiões, pois concebia a cirurgia como atividade essencialmente mental. O jovem assistente deve aspirar, sem querer ser um prestidigitador, a ser um profissional completo.

Isso exige um processo correto de tomada de decisões e a integração, em sua personalidade cirúrgica, de dotes mentais e manuais. Além disto, qualidades éticas são indispensáveis ao exercício do extraordinário poder que disporá sobre a integridade física e a própria vida dos pacientes.

“A mão não treme quando o cérebro não vacila”, diz o velho apotegma cirúrgico. A segurança dos atos manuais só é possível quando se domina perfeitamente a anatomia da região operatória e se tem conhecimento exato do que se está fazendo. O assistente deve, ao preparar-se para as intervenções, fazer uma revisão perfeita da anatomia, patologia e do planejamento cirúrgico. Assim, atingirá segurança consciente de seus gestos durante a operação e não uma falsa segurança, decorrente do desconhecimento.

“A ignorância é a mãe do sangue-frio”, lembrava o mestre francês Louis Farabeuf, referindo-se a manobras cirúrgicas arriscadas praticadas por quem conhece mal a anatomia das estruturas que estão sendo operadas.

Já se resumiu a função dos auxiliares em dois pontos essenciais: primeiro, não atrapalhar; segundo, dar exposição.

Depois de quarenta anos de aprender e de ensinar cirurgia, e de observar a arte cirúrgica praticada em anfiteatros de vários países, esboçamos alguns princípios práticos, que julgamos úteis aos iniciantes.

» O assistente deverá comparecer à sala cirúrgica com alguma antecedência à do início da intervenção.

» Apresentar-se-á, impecavelmente, dentro das normas de limpeza e higiene pessoal.

» É deplorável o comparecimento de auxiliares estremunhados, com aspecto extenuado, cabelo em desordem, ou

barba por fazer.

» O uso de longos cabelos ou barbas, ainda que não ideais, não são incompatíveis com o exercício da Cirurgia e da técnica asséptica. Exigem, porém, cuidados estritos como asseio pessoal e técnica de proteção ao campo operatório.

» O aspecto externo correto deve acompanhar-se de correspondente estado de espírito.

» A disposição do assistente deve ser benigna, fazendo agradável o convívio estreito que liga os componentes da equipe cirúrgica, durante todo o ato operatório, que por vezes se estende por horas.

» São detestáveis os amuados e taciturnos, bem como os querelantes e agressivos, “*peças que falam alto e trazem constrangimento ao espírito*”.

O assistente executa uma função de apoio, devendo caracterizar-se, acima de tudo, pela eficiência em realizar a parte que lhe cabe, sem interferir na ação cirúrgica principal. Notabilizar-se-á, paradoxalmente, pela capacidade de não ser notado.

Dele, exige-se postura infensa a iniciativas autônomas, para o que é necessária estrita disciplina mental, a ser incutida como norma pelo serviço, e cultivada, conscientemente, pelo cirurgião em fase formativa.

A formação cirúrgica completa inclui muitas peias e restrições à liberdade individual.

É bom que o jovem em formação se adapte às limitações daquilo que lhe compete no ato conjunto de que participa. Só assim, será capaz de incutir conduta semelhante, quando for responsável pela execução do ato operatório e pelo treinamento de seus assistentes.

A primeira condição, portanto, para ser um bom assistente é imbuir-se do papel intrinsecamente limitado que lhe cabe.

Aprendido este conceito, tudo o mais decorre natural e logicamente.

“COSTUMAMOS DIZER QUE UM BOM ASSISTENTE NÃO NOTARIA (CASO OCORRESSE) A ENTRADA DA PRÓPRIA LADY GODIVA NA SALA DE OPERAÇÕES, TÃO ABSORVIDO DEVE ESTAR COM SUAS FUNÇÕES.”

Aspecto fundamental é a absorção integral, física e mental, no ato que está sendo executado.

O campo visual do assistente deve restringir-se, durante todo o ato, ao campo operatório.

Nada deverá impressionar seu cérebro, ou distrair-lhe a atenção, fora da área em que se executa a operação. Nada ouvirá ou falará, que não se relacione com o ato em curso.

Costumamos dizer que um bom assistente não notaria (caso ocorresse) a entrada da própria Lady Godiva na sala de operações, tão absorvido deve estar com

suas funções.

Esta prova, pela qual poucos assistentes parecem capazes de passar, deveria ser exigida antes da permissão de executar operações. Depois de idealizarmos este teste, vimos a saber que o rabino Bag Huna formulou uma definição famosa do estudioso talmúdico: Ele deve ser capaz de se concentrar tão completamente na Torá, que uma moça de 17 anos possa passar por sua mesa inteiramente nua sem distraí-lo. O assistente, independente de sua religião, deve procurar atingir o velho ideal rabínico.

Os gestos do assistente - tanto quanto os do cirurgião - devem possuir as características do correto gesto cirúrgico: simples, harmonioso, sem hesitações, empregando força muscular e movimentação articular adequada a sua finalidade.

O controle cortical da motricidade voluntária deve ser perfeito, inibindo movimentos reflexos bruscos, em resposta a sangramento inesperados, outros acidentes operatórios, ou estímulos sensoriais externos, como ruídos, infelizmente freqüentes nas salas de operação.

A movimentação autônoma do assistente deve ser a mínima possível.

É totalmente desnecessário, e inapropriado, virar o corpo ou mesmo a cabeça em direção dos outros membros da equipe

cirúrgica, quando é necessário falar-lhes.

Sendo a exposição uma de suas funções primordiais, não se deve mudar a posição dos afastadores, salvo a pedido do operador, ou na passagem de um tempo do ato cirúrgico para outro. Se o cirurgião não toma a iniciativa de mudar a posição das estruturas, ou afastadores, não é aconselhável "melhorar" a exposição. Poucas coisas são mais frustrantes do que a alteração continua da imagem visual que o cirurgião tem diante de si.

A posição correta das mãos, quando não utilizadas em manobras cirúrgicas, é a de relaxamento muscular, em posição de função, apoiadas sobre os campos esterilizados.

A postura deve ser ereta, elegante e descontraída.

A base de apoio corporal e a altura em relação à mesa devem ser confortáveis para evitar fadiga. Se necessário utilizar estrados para adaptar a estatura ao nível da mesa operatória.

O relaxamento muscular e o tranqüilo controle do ritmo da respiração são indispensáveis para manter um bom desempenho.

Toda a operação deve ser encarada com seriedade, pelo risco que impõe à integridade e à vida do paciente. Espere-se, portanto, de seus executores e assistentes, que a façam na plenitude de sua capacidade física e mental. Adotem os assistentes, tanto quanto os cirurgiões, estilo de vida que lhes permita condições físicas e psicológicas perfeitas, no momento das operações.

A fadiga e a doença devem eximir da participação em atos operatórios, não sendo aceitáveis, pois, assistentes endefluxados, esternutatórios, colícticos ou de qualquer forma diminuídos na capacidade física.

A bronquite tabágica deveria desclassificar os aspirantes à carreira cirúrgica.

A integração mental absoluta na operação deve anular manifestações verbais dos assistentes.

A prática demonstra, porém, que o ideal é dificilmente atingido, pois é contrário à natureza da maioria das pessoas o silêncio absoluto, por muitos minutos ou horas.

Lembrem-se, porém, os muitos palradores, que um

“TODA A OPERAÇÃO DEVE SER ENCARADA COM SERIEDADE, PELO RISCO QUE IMPÕE À INTEGRIDADE E À VIDA DO PACIENTE. ESPERA-SE, PORTANTO, DE SEUS EXECUTORES E ASSISTENTES, QUE A FAÇAM NA PLENITUDE DE SUA CAPACIDADE FÍSICA E MENTAL. ”

assistente falando com máscara elimina partículas de saliva em número duas vezes maior do que outro, sem máscara, respirando, em silêncio.

Entretanto, o momento da operação é, por vezes, o mais propício para troca de ensinamentos ou opiniões.

Isto não é, porém, justificativa para manutenção de conversações estranhas ao procedimento em execução.

São inadmissíveis diálogos levianos, grosseiros ou desrespeitosos, fato lamentavelmente freqüente, talvez como válvula de escape para as tensões emocionais, que habitualmente envolvem as intervenções.

Antes de fazer qualquer comentário durante a operação, o assistente deveria responder mentalmente à pergunta: "Este comentário terá alguma influência no curso da operação?" Deste modo, seriam evitadas observações anódinas, como " *Está sangrando bastante, hein?* ", quando todos estão vendo que está sangrando bastante, ou " *Abriu a pleura...* ", quando borbulham ar e sangue, mostrando que a pleura indubitavelmente está aberta.

Evidentemente, ao auxiliar cabem asserções úteis ao desenvolvimento do ato cirúrgico, chamando a atenção sobre pormenores que pareçam despercebidos ao operador, sugestão de alternativas ou perguntas sobre detalhes técnicos.

Rudolf Nissen, cirurgião alemão, nas memórias de uma longa carreira, vivida em diversos países, observa: " *Há poucos cirurgiões capazes de executar, calados, o trabalho operatório* ".

De acordo com a cor local, varia o conteúdo das tiradas, com as quais a maioria dos operadores procura descarregar a tensão interna.

Na Alemanha, são comuns as ofensas, em alta voz, aos assistentes e enfermeiros; na França, observações sarcásticas sobre a incompetência dos auxiliares.

Nos Estados Unidos, dissertações didáticas que, na realidade, analisado o conteúdo, vê-se que pouco têm de instrutivas.

O efeito, em todos os casos, é o mesmo: assepsia prejudicada por conversas desnecessárias, e o exemplo de falta de autocontrole contagiando o assistente".

A formação do operador é um longo processo de autodisciplina que se inicia, justamente, com o período de assistente.

Já então, o neófito começa a demonstrar, em maior ou menor grau as qualidades necessárias a quem deseja se tornar cirurgião

Não há, com certeza, consenso sobre as qualidades essenciais do cirurgião, e, portanto, dos assistentes.

Boa constituição física e de saúde são necessárias para resistir ao trabalho estafante, realizado muitas vezes em condições de estresse.

O caráter deve ser determinado, para manter-se fiel à aspiração inicial ante os insucessos e decepções que, inevitavelmente, estarão no caminho.

A boa sorte é uma companheira desejável, mas a persistência é um escudo ante dificuldades ocasionais.

Inteligência é indispensável, mas não muita, dizem alguns. Apesar de todos os progressos, a Cirurgia continua a ser uma

arte manual e o bom cirurgião é um homem que domina a **episteme** mas o que o distingue essencialmente é exercício da **tecne**. Por isso, não lhe é própria a afetação intelectual.

O senso de humor é a melhor defesa contra as injustiças dos pacientes e seus familiares e a arrogância dos colegas.

O senso de estética não deve ser abafado pelo contato permanente com a imperfeição e a deficiência. A arte manual sempre aspira a perfeição e a beleza, o que se manifesta no cultivo e apreciação do ato cirúrgico bem realizado.

A Cirurgia como arte e ciência tem seu ponto culminante no ato operatório. É no cenário tenso do anfiteatro que o cirurgião e os assistentes exercitam no mais alto grau os dotes de uma personalidade adequada.

É ali que o jovem assistente deve se esforçar permanentemente para uma conduta ideal, que leve ao ato cirúrgico perfeito.

"A BOA SORTE É UMA COMPANHEIRA DESEJÁVEL, MAS A PERSISTÊNCIA É UM ESCUDO ANTE DIFICULDADES OCASIONAIS."

Dr. Iseu A. da Costa (PR).

Erros comuns em Imagenologia

1. Solicitar exames complementares de imagem sem suspeita diagnóstica ou sem histórico clínico. Os achados imagenológicos não podem ser avaliados fora do contexto clínico.

2. Não solicitar exame radiográfico de tórax em expiração na suspeita de pequeno pneumotórax. Esta incidência aumenta a sensibilidade para detecção de ar no espaço pleural devido à hipoinflação pulmonar.

3. Solicitar radiografia de tórax apenas na incidência ântero-posterior. As incidências básicas são pósterio-anterior e perfil esquerdo. Incidências adicionais são indicadas dependendo de suspeita específica como por exemplo decúbito lateral com raios horizontais na pesquisa de derrame pleural livre.

4. Não orientar jejum adequado para pacientes que realizarão exames contrastados e ultrassonográficos abdominais.

5. Não orientar repleção vesical para exames pélvicos ultrassonográficos.

6. Solicitar radiografias simples para suspeita de cisto palpável. O exame inicial é a ecografia.

7. Solicitar exames com contraste iodado para pacientes com insuficiência renal (oligo-anúria). O contraste iodado é nefrotóxico.

8. Solicitar exames com contraste iodado para pacientes com antecedentes alérgicos específicos. Melhor substituir o método ou se não for possível prescrever anteriormente preparo antialérgico.

9. Solicitar ressonância magnética cardíaca para ver lesão coronariana. A ressonância cardíaca tem ótima avaliação nas

repercussões da doença coronária como por exemplo isquemia e viabilidade miocárdica, porém as artérias coronárias são melhor avaliadas com angiografia por tomografia computadorizada ou cineangiocoronariografia.

10. Não incluir na investigação de derrame pleural a ecografia torácica; sendo que a mesma caracteriza melhor derrame livre x septado e é mais sensível nas pequenas quantidades de líquido.

11. Solicitar primeiramente ecografia abdominal na suspeita de abdômen agudo oclusivo ou perfuração de víscera oca. Nestes casos o estudo radiográfico é o exame inicial.

12. Solicitar tomografia computadorizada encefálica com contraste na suspeita de hemorragia subaracnóidea. Contraste e sangramento agudo apresentam-se igualmente densos no espaço subaracnóideo.

13. Solicitar estudo tomográfico de articulações na suspeita de lesão cartilágnea ou cápsulo-ligamentar sendo estas melhor caracterizadas na ressonância magnética.

14. A utilização dos diversos meios de contraste nos exames de imagem é da competência do médico radiologista, não havendo necessidade do médico solicitante incluir no pedido o tipo de contraste ou a via de administração.

15. Em pacientes com mais de 35 anos o exame preventivo do câncer de mama não deve ser feito exclusivamente com ultrassom e sim inicialmente com mamografia.

16. Iniciar uma investigação diagnóstica com exames mais complexos, quando muitas vezes poderiam ser diagnosticados com exames mais simples.

17. Solicitar exame de ecografia para pacientes com mais de 3 meses de idade com suspeita de luxação congênita de quadril. A epífise começa a calcificar limitando a insonação do acetábulo.

18. Solicitar radiografia de seios da face para pacientes com menos de 3 meses de idade, sendo que ainda não há aeração radiográfica dos mesmos.

19. Solicitar exames com radiação ionizante (tomografia e radiografia) para paciente com possibilidade de gravidez sem que o exame altere conduta crítica. Há de se analisar risco-benefício.

20. Solicitar inicialmente exame tomográfico da pelve para avaliar afecções ginecológicas. O exame inicial é o ultrassom e o exame subsequente ressonância magnética.

21. Solicitar tomografia computadorizada para avaliação da vesícula biliar. As afecções deste órgão são melhor caracterizadas no ultrassom. O estudo das vias biliares em ordem decrescente é: ultrassom, ressonância, tomografia.

22. Na suspeita de fratura de ossos longos não solicitar pelo menos duas incidências ortogonais para caracterização tridimensional das mesmas.

23. Radiografias de crânios para suspeita de fraturas devem incluir a incidência de Towne para visibilização do osso occipital, caso o trauma tenha ocorrido nessa localização.

24. As melhores incidências para pesquisa de fratura de costelas são as antero-posteriores e oblíquas e não o perfil. Ainda assim a sensibilidade é em torno de 60%.

25. Solicitar inicialmente ressonância magnética para pesquisa de fratura óssea. Embora seja exame mais sensível, o exame inicial é a radiografia simples.

26. Solicitar ressonância magnética para pesquisa de litíase urinária. O exame de maior sensibilidade é a tomografia

computadorizada. A R.M. é pouco sensível para calcificações em geral.

27. Solicitar exame tomográfico para diferenciar estruturas císticas de sólidas. O melhor exame de imagem para este fim é o ultrassom.

28. Solicitar exames invasivos como os com contraste intravascular ou intra-articular antes de exames menos complexos. O risco-benefício deve ser analisado.

29. Na suspeita de pneumoperitônio não incluir o estudo do tórax em posição ortostática para avaliação do espaço subfrênico, sendo este o local de mais fácil detecção de ar extra-intestinal.

30. Não é necessário conhecimento minucioso de sensibilidade e especificidade dos estudos de imagem, bem como as indicações mais controversas dos mesmos. Na dúvida pergunte ao radiologista.

31. A coluna cervical é muito melhor estudada pela ressonância magnética.

32. O "padrão de referência" atual para investigação do tromboembolismo pulmonar é a angiotomo.

33. A histerossalpingografia continua a ser o melhor método para estudo das trompas e de sua permeabilidade.

34. A pesquisa de massas pulmonares e mediastinais são melhor visibilizadas com cortes tomográficos helicoidais e o estudo de lesões intersticiais e enfisema pela técnica de alta resolução.

Lembretes Finais

35. Os métodos de imagem não competem entre si, complementam-se.

36. Uma boa informação clínica é o fator mais importante numa interpretação imagiológica.

Dr. Maurício Pedrazzani (PR).

Pérolas em Hematologia

1. Anemia não é doença e sim consequência de alguma afecção.
2. A hemoglobina e o hematócrito não são, com frequência, alterados na vigência de sangramento agudo.
3. Aventar sempre a possibilidade de sangramento ativo como possível fonte de anemia.
4. Os pacientes com deficiência de ferro podem ter índices normocrômicos e microcíticos na fase inicial; acabam evoluindo com anisocitose, poiquilocitose e hipocromia.
5. Lâminas de sangue periférico devem ser revisadas pelo médico em todos os casos que envolvam anormalidades nas contagens celulares ou da coagulação.
6. A análise de sangue periférico é um teste diagnóstico barato e extremamente valioso; e a informação obtida, quando combina com outros dados clínicos, permite a elaboração de um diagnóstico definitivo em diversas situações como na púrpura trombocitopênica trombótica (PTT), síndrome hemolítico-urêmica, pseudotrombocitopenia do EDTA ou doenças com inclusões em hemácias como malária.
7. Na presença de anemia microcítica o diagnóstico diferencial inclui: anemia ferropriva, anemia de doença crônica, hemoglobinopatia e anemia sideroblástica.
8. Na presença de macrocitose pensar em alcoolismo, doença hepática, mielodisplasia, anemia aplástica e anemias megaloblásticas.
9. Na deficiência de vitamina B12 os pacientes podem apresentar-se com sinais e/ou sintomas neurológicos sem anemia óbvia.
10. É importante excluir a deficiência de B12 antes de realizar reposição com ácido fólico. Porque o folato pode eliminar as anormalidades hematológicas na deficiência de B12, porém não atua contra as manifestações neurológicas, que podem piorar mais.
11. Rouleaux eritrocitário pode ser indicativo de paraproteínas, como no mieloma múltiplo.
12. Neutrófilos hipersegmentados contêm cinco ou mais lobos e são encontrados na anemia megaloblástica.
13. Apenas os neutrófilos maduros e as formas em bastão são encontrados normalmente no sangue periférico. Os metamielócitos e os mielócitos podem ser encontrados na gravidez, infecção, reação leucemóide e mieloproliferação.
14. A etapa inicial na avaliação das anormalidades laboratoriais assintomáticas da coagulação consiste em repetir o exame de laboratório e realizar uma avaliação de estudos falsamente anormais (como os relacionados à heparina nos cateteres IV)
15. Os primeiros testes de laboratório na avaliação de um distúrbio de coagulação são o hemograma completo com esfregaço de sangue periférico, TP com RNI (relação normatizada internacional) e o tempo de trombina (TT).
16. A trombocitopenia induzida pela heparina (TIH) ocorre cerca de 5-14 dias após iniciada a heparina pela

primeira vez e em menos de 5 dias se a heparina foi usada previamente.

17. Heparina de baixo peso molecular e warfarina não devem ser usados em pacientes com TIH.

18. A primeira etapa no tratamento do sangramento relacionado a um anticoagulante consiste em interrompê-lo e adotar medidas locais, se possível.

19. A maioria dos pacientes com RNI elevada, estáveis (sem sangramento), podem ser tratados suprimindo apenas sua dose de warfarina.

20. Ter em mente a tríade de Virchow (dano endotelial, estase, hipercoagulabilidade) como possíveis fontes de trombos.

21. As trombocitopenias imunomediadas estão associadas a um baço de tamanho normal. Esplenomegalia sugere diagnóstico alternativo.

22. A púrpura trombocitopênica idiopática (PTI) é um diagnóstico de exclusão.

23. A PTT-SHU deve ser tratada com plasmaférese.

24. A biópsia de medula óssea está indicada geralmente na pesquisa de pancitopenias ou bicitopenias.

25. Suspeitar do diagnóstico de hemoglobinúria paroxística noturna (HPN) em pacientes com pancitopenia e reticulocitose ou trombose inexplicada.

Dr^a. Jerusa Miqueloto (PR).

PAPO DE MULHER O QUE EU GOSTARIA DE TER SABIDO

» As pessoa só têm um jeito de ser.

» **Não existem segredos.**

» Nunca deixe que saibam.

» **Sempre que alguém disser as palavras “Nossa amizade está acima destas coisas”, cuidado, porque quase nunca está.**

» Se você errou na escolha de apenas um terço de suas roupas, você está ganhando o jogo.

» **Exagere nas gorjetas.**

» Anote tudo.

» **Se os sapatos não couberam quando os experimentou na sapataria, jamais irão caber.**

» Quando seus filhos são adolescentes, é importante haver um cachorro em casa para ter alguém que fique feliz ao vê-la.

» **Faça back-up dos seus arquivos.**

» Bloqueie todo o mundo em seu programa de mensagens instantâneas.

» **Não se pode ser amiga de alguém que liga depois das onze horas da noite.**

» O avião não vai cair.

» **Mantenha um diário**

» Tire mais fotografias.

» **Aos quarenta e cinco anos você terá saudades de tudo que achou ruim em seu corpo aos trinta e cinco. Aos cinquenta e cinco você terá um pneu flácido acima da cintura mesmo que seja dolorosamente magra.**

» O tal pneu será particularmente visível por trás e a obrigará a reavaliar metade das roupas que tem no guarda-roupa, principalmente as blusas brancas.

Do livro: Meu Pescoço é um Horror.

Autora: Nora Ephron.

Editadora: Rocco.

Capa: Um pote de creme.

Pérolas em Neurologia

1. O diagnóstico de estado de mal epiléptico deve ser restrito à definição clássica: duas ou mais crises epiléticas generalizadas tônico-clônicas com pouquíssimo intervalo, ou sem recuperação de consciência. Crises parciais, de ausência, histéricas, ou mesmo tônico-clônicas isoladas, não são status epilepticus.

2. Só na definição clássica de status epilepticus estão indicados tratamentos radicais como a “hidantalização”, barbitúrico endovenoso etc, que acarretam hospitalização, sofrimento e morbidade. Crises ocasionais, comuns num ambiente de remédios similares e genéricos de farmacocinética desconhecida, podem ser tratadas, se necessário, com uma dose extra de medicação, diazepam via oral ou intra-retal, ou midazolam intramuscular, manobras muito menos invasivas.

3. Mais de 80% das consultas de dor de cabeça são de cefaléia tensional: dor de origem muscular, extracraniana, do pescoço ou daquilo que os pelos-vermelhas cortavam fora, o escalpo. Uns 10% são enxaqueca e os outros 10% são uma mistura de tudo, inclusive doenças neurológicas graves, tumores, sinusites etc.

4. Tremor essencial é muito mais comum que doença de Parkinson. Pode ser só um exagero do tremor fisiológico, piorado em ansiosos, viciados em benzodiazepínicos e tomadores de caféina. No tremor essencial não há rigidez nem distúrbio de marcha.

5. Não existe labirintite. Basta olhar em qualquer livro-texto, nem tem no índice. Praticamente 100% dos casos são de ansiedade; alguns franca doença bipolar. Doença de

Menière é muito rara e leva a uma surdez progressiva em cada surto de vertigem. Uma pista para a etiologia psicogênica é a falta de nistagmo.

6. Existe uma associação entre espiritismo e sintomas psicogênicos. Dos mais variados tipos, de convulsões a dores, paralisias e parestesias. Tudo melhora com sedativos potentes, mas são casos muito complexos.

7. Cada vez mais dores intratáveis, entre elas a fibromialgia, são associadas com doença mental, principalmente psicogênica. Mesmo quando existe uma lesão aparentemente relacionada com a dor, por exemplo na coluna, é bom lembrar desta possibilidade.

8. Um quarto das demências acima dos 60 anos são tratáveis: distúrbios do humor não diagnosticados ou não tratados corretamente; uso inapropriado de drogas com efeito psicoativo. São diagnósticos feitos clinicamente, com ajuda do EEG especializado.

9. A neuroimagem estrutural, ressonância ou tomografia, é normal em doenças como Parkinson e Alzheimer, até fases muito tardias. O EEG especializado pode ser útil. Porém, o diagnóstico depende de conhecimento clínico e de longas e pacientes consultas.

10. O CPAP é uma maneira de ganhar tempo em síndrome de apnéia obstrutiva do sono. O tratamento definitivo é a perda de peso, melhora de estado físico, e em alguns casos, uma cirurgia no fundo da garganta. Se não há excesso de peso e flacidez muscular economize o CPAP.

Dr. Paulo Rogério M. de Bittencourt (PR).



CONSELHO REGIONAL DE MEDICINA DO PARANÁ

www.crmpr.org.br